

FUTUROS *roubados*



FERNANDA CALEFFI BARBETTA



PERIGOSAS NACIONAIS

Futuros Roubados

Fernanda Caleffi Barbetta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © Fernanda Caleffi Barbetta, 2017
São Paulo - Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da autora.

Texto segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Foto da Capa: Ambrosinio
Design da Capa: Thati Machado

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dedico este livro a
Luiz Fernando Barbetta, que,
além de meu marido querido, é
meu companheiro inseparável,
meu grande incentivador
e meu eterno amor.

“The cruelest lies are often told in silence.”
(As mentiras mais cruéis são frequentemente ditas em
silêncio)

Robert Louis Stevenson

1

O ENVELOPE

Já havia se passado mais de dois anos quando aquele envelope chegou às mãos de Ryan. Ao ver o selo da maternidade estampado no verso, toda a lembrança daquela tragédia coube em apenas um segundo. Sem imaginar o seu conteúdo, ele o abriu, rasgando-o de ponta a ponta. De dentro, tirou uma fotografia 10x15. No verso, em letras de mão, os seguintes dizeres:

“Sentimos muito pelo ocorrido. Esperamos que sua dor seja, hoje, apenas saudades.”

Naquele momento, Ryan se lembrou de todo o ocorrido e começou a imaginar como sua vida seria diferente se nada daquilo tivesse acontecido. Ficou olhando a fotografia por alguns segundos, observando cada detalhe, até que algo naquela imagem chamou sua atenção. Repassou, incrédulo, as cenas do dia do enterro em sua cabeça e entrou em casa afobado.

Já dentro do quarto, avançou sobre uma pequena gaveta dentro do armário e retirou de lá um

saquinho de tecido azul. Com as mãos trêmulas e a respiração ofegante, ele o abriu e, imediatamente, confirmou suas suspeitas. Com o coração aos pulos, Ryan pegou o saquinho, a fotografia e saiu apressado. Seu destino era a maternidade onde os bebês haviam nascido. Enquanto dirigia, Ryan buscava em sua memória os fatos ocorridos mais de dois anos antes e os reorganizava em sua cabeça, tentando encontrar possíveis explicações para o que acabara de descobrir.

Quando chegou à maternidade, ele estava apreensivo. Seu bom senso sugeria que a enfermeira pouco ou nada teria a revelar sobre aquela fotografia enviada tão tardiamente, mas seu otimismo o incentivava a seguir em frente. De uma maneira de ou de outra, ele sabia que aquele era apenas o primeiro passo. Era só o começo.

2

PODE BEIJAR A NOIVA

Em maio de 1988, quatro anos antes de receber aquele envelope, Ryan estava no altar de uma igreja em Warren, no estado americano de New Jersey. Elegantemente trajado em um terno escuro bem-cortado, ele tentava controlar seu nervosismo, que aumentava proporcionalmente ao atraso da noiva. Nem mesmo ele sabia se aquele seu desequilíbrio emocional se devia à sua urgente necessidade de se casar ou se era justamente por ter percebido tardiamente que havia se apressado demais para dar aquele importante passo.

Finalmente, a música anunciou a entrada de Claire, e todos se esqueceram de Ryan no altar e voltaram seus olhos para a porta, que se abria lentamente. Como um anjo imaculado, ela surgiu aos olhos de todos ainda mais linda do que de costume. O branco do vestido contrastava com sua pele levemente bronzeada, e os cabelos castanho-dourados caíam pouco além dos ombros, finalizando em delicados cachos. Com passos

curtos e leves, porém firmes, ela levava em uma das mãos um buquê de cores intensas e na outra, a mão suada e fria do senhor John, seu pai orgulhoso.

Quando deu o último passo na direção de Ryan, Claire o fitou cumplicidade e ternura. Naquele momento, todo o nervosismo de outrora cedeu lugar ao encantamento, então, ele se convenceu imediatamente de que havia tomado a decisão certa. E a beijou na testa, com paixão e respeito.

Aquele enlace matrimonial ocorreu apenas cinco meses após o primeiro encontro do casal. Na época, um oceano os separava, mas o destino foi implacável. Ryan, seis anos mais velho do que Claire, vivia em Brentford, uma pequena cidade britânica, localizada a apenas 10 milhas de Londres. Por conta de seu trabalho em uma indústria farmacêutica, ele constantemente fazia viagens à unidade americana, localizada em Warren, onde Claire morava. Em uma dessas idas e vindas, se conheceram e se apaixonaram.

O primeiro encontro foi em dezembro de 1987, na festa de final de ano da empresa. Naquele ano, Ryan foi convidado para participar da comemoração anual na unidade americana e aceitou o convite, sem imaginar que estava prestes

a se apaixonar perdidamente. Entre os funcionários convidados para aquele evento estava o jovem químico Nathan, que compareceu muito bem acompanhado de sua namorada Claire. No instante em que ela pisou no salão, com um vestido azul turquesa no tom exato de seus olhos, as atenções se voltaram para ela. Dentre todos os olhares que ela atraiu, os mais insistentes foram os de Ryan, que a perseguiram por toda a noite.

Ignorando a presença de Nathan e as regras dos bons costumes, ele resolveu investir naquela paixão à primeira vista e fez o possível para se aproximar da bela moça de vestido turquesa. Quando conseguiu poucos segundos a sós com ela, Ryan lhe entregou um pequeno papel com seu nome e o telefone do hotel onde estava hospedado. Com o coração aos pulos, Claire pegou o papel, disfarçou e o guardou rapidamente em sua bolsa, preocupada em não levantar suspeitas. A partir daquela ousada aproximação, ela passou a festa inteira observando seu admirador e tentando negar a si mesma que o interesse era recíproco.

Ao chegar em casa, sem se importar com o adiantado da hora, Claire correu para o telefone e ligou para a sua melhor amiga e confidente, sua

irmã Anne. Não conseguiria esperar até o dia seguinte para contar sobre aquele homem charmoso que havia passado a festa inteira lhe dirigindo olhares atrevidos. Sem praticamente nenhum detalhe sobre seu admirador, Claire tinha pouco para contar. Mas pareceu muito, porque depois de descrevê-lo com exagerado entusiasmo, ambas sonharam com ele naquela noite.

No dia seguinte, Claire acordou pensando no tal admirador misterioso e só saiu da cama depois de ler e reler umas três vezes o nome dele naquele pequeno bilhete. Ela sabia que o telefone que ele havia anotado ali era de um hotel e que provavelmente ele não permaneceria na cidade por muito tempo. Tomou coragem e ligou. A conversa por telefone foi breve e intensa. Não foram necessárias muitas palavras para que o encontro proibido fosse acertado com o consentimento de ambos. Sem qualquer culpa ou pudor, combinaram de se encontrar naquela mesma tarde em uma pequena lanchonete no centro da cidade. Sem deixar pistas de sua ousadia, Claire compareceu às 17h ao local combinado e encontrou Ryan e todo o seu charme britânico aguardando por ela.

Restringiram a primeira hora a conversas gerais

e aleatórias, à distância de uma mesa. Na segunda hora, o assunto se tornou mais pessoal e a distância foi reduzida, quando Ryan sentou-se na cadeira ao lado da dela para pegar em suas mãos e tocar em sua perna, com dissimulada distração. Na terceira hora, não houve mais assunto. Nem distância. Aquelas três horas foram tempo suficiente para se declararem perdidamente apaixonados um pelo outro.

Assim que chegou em casa, Claire ligou para Anne e pediu que ela fosse para lá imediatamente, pois ela precisava contar em detalhes a sua aventura amorosa. Anne deixou o marido em casa e foi atender ao chamado aflito da irmã, que falou por horas sobre seu emocionante encontro com o príncipe britânico, um relato que em alguns momentos ganhou status de um verdadeiro conto de fadas. Anne ouviu a tudo atentamente, mas um pouco cética sobre o futuro daquele relacionamento metade americano, metade britânico.

—Anne, definitivamente eu estou apaixonada.

—Mas, Claire, você não me disse que ele mora na Inglaterra? Logo vai voltar para lá.

—Qual o problema? A gente se casa e eu vou para a Europa com ele. Preciso me mudar mesmo

daqui.

—Nossa, Claire, você resolve as coisas com uma facilidade — disse Anne, assumindo um tom debochado.

Percebendo o ceticismo e o deboche da irmã, Claire resolveu mostrar a seriedade do assunto e a incluiu naquela realidade também.

—E trate você de resolver também, porque eu quero que você e o Eric se mudem para lá com a gente. Já imaginou nós quatro na Inglaterra?

Anne preferiu não responder àquele convite precipitado e encerrou a conversa sugerindo firmemente que ela terminasse o namoro com Nathan antes de se aventurar naquela nova relação amorosa:

—Viver na mentira é a pior coisa. Acabe com o Nathan antes de começar a sair com o Ryan. E pense bem se é isso mesmo o que você quer.

Mas Claire não deu muita atenção aos conselhos da irmã. E naquela semana, a última de Ryan em Warren, o novo casal se encontrou diariamente. Claire inventou inúmeras desculpas e mentiras para despistar Nathan, conseguindo tempo livre para ver seu novo amor. No final da semana, Ryan voltou para a Inglaterra, mas já tinha um retorno agendado

para Warren para meados de janeiro, data pela qual os dois esperaram ansiosamente. Apaixonados, eles tinham apenas uma certeza: não deixariam a distância acabar com aquele tórrido romance.

Apesar de se jurar perdidamente apaixonada pelo britânico, Claire ainda ficou quase duas semanas ensaiando o término de seu namoro com Nathan. Pouco antes das tradicionais festas de final de ano, ela tomou coragem e colocou um definitivo fim naquele relacionamento que havia começado dois anos antes, quando ela estudava Literatura com a irmã de Nathan em uma universidade em New Jersey. Livre do antigo namorado, Claire pôde se dedicar exclusivamente ao seu relacionamento com Ryan, que foi mantido graças às idas dele a Warren e às caríssimas ligações telefônicas. Mas nada daquilo era suficiente. Sofrendo com a distância, apenas três meses após o primeiro encontro, eles resolveram marcar o casamento para maio daquele ano, decididos a se mudarem definitivamente para Brentford ainda na lua de mel.

Claire, já com 23 anos, havia evitado o matrimônio até aquele momento. Vale ressaltar que não foram poucas as ofertas para uma vida a dois que ela recusou durante toda a sua juventude.

Porém, apesar dos inúmeros e, muitas vezes, notáveis pretendentes, ela sempre rejeitou o altar, preferindo gozar de sua liberdade e manter sob seus pés o maior número de admiradores possível. Porém, finalmente o cupido havia flechado seu coração, e ela estava pronta para colocar uma aliança no dedo anular da mão esquerda.

Com poucos meses para preparar tudo, Claire contou com a ajuda de Anne e da mãe, dona Laura, que fizeram de tudo para que a cerimônia estivesse de acordo com as suas intermináveis exigências. Anne pediu até férias no trabalho para cuidar de todos os detalhes, dos convites às lembrancinhas, e para Claire aquela dedicação foi uma prova de que ela ainda era sua fiel e eterna companheira.

Quem não estava nada satisfeito com a mudança da filha para outro continente era o senhor John. Mas ele tinha duas certezas: a primeira e mais dura delas era a de que a distância seria um sofrimento irremediável para ele. A outra era a de que a filha não abriria mão daquela chance de provar ao mundo a sua maturidade e de dar novos ares à sua vida. Sabia que a decisão estava tomada e ele nada poderia fazer. E ele estava certo. Claire realmente estava decidida e não mudaria de ideia, mas, apesar

de se considerar eleita para uma vida cheia de aventuras e novidades, ela não estava plenamente feliz e satisfeita. Uma coisa a incomodava: Anne, sua grande amiga e confidente não iria com ela. E ela sabia que a separação seria muito difícil.

3

AS IRMÃS

Claire e Anne nasceram na pequena cidade americana de Warren. Anne nasceu primeiro, em abril de 1963. A pele clara, as delicadas covinhas no canto da boca e os olhos azuis rederam a ela o título de bebê mais lindo já visto pelos amigos e familiares. Porém, seu reinado durou pouco. Ela perdeu a posição quase dois anos depois, em janeiro de 1965, quando Claire nasceu.

Mas não foi somente na beleza que Anne precisou se contentar com o segundo lugar. Claire também era a mais inteligente, a mais carismática e a mais alegre. Mas o que mais incomodava Anne nem era o fato de a irmã mais nova se destacar em tudo o que fazia, mas o incontestável fato dela ser a preferida do pai. O senhor John não conseguia negar sua predileção pela caçula e a bajulava com um amor exagerado. Só não fazia tudo o que Claire queria porque dona Laura lhe colocava freios.

Professor e escritor, ele tornou públicos o seu amor e a sua preferência ao escreveu um livro PERIGOSAS ACHERON

dedicado a Claire quando ela completou dez anos, obtendo certo reconhecimento literário com a publicação. Ao ver a preferência do pai estampar páginas e mais páginas e ganhar as estantes das livrarias, Anne sentiu-se oficialmente preterida. Nunca perdoou o pai pelo não amor e nem a mãe, por ter permitido tal feito, e se esforçou para acreditar que a escolha do pai era justa.

Talvez a predileção do senhor John fosse justificada pelo fato de Claire, assim como ele, ter nascido uma escritora nata. Ou talvez ela tenha se apaixonado pela escrita justamente para fazer-se ainda mais amada pelo pai. O certo é que Claire nasceu íntima das palavras, primeiro das faladas e, depois, das escritas. Antes mesmo de aprender a ler e escrever, ela inventava histórias e fingia que as colocava no papel. Aos doze anos ela dizia que escreveria um livro assim como o pai e ousava até dizer que a obra seria adaptada para o cinema de Hollywood. Anne não duvidava de seu sucesso garantido e perguntava se poderia escrever junto com ela. Quase inconformada com aquele pedido, Claire respondia negativamente, dizendo que os livros de sucesso tinham apenas um autor, que no caso seria ela. Anne não sentia raiva da irmã pela

exclusão, muito pelo contrário, a via ainda mais inteligente e genial.

Desde a infância, passando pela juventude, Anne sempre adorou a irmã, acreditando que tudo o que Claire fazia era bem feito, que tudo o que ela falava era verdade, que seus modos deveriam ser copiados e que tudo o que ela desejava era genuíno e justificado. Anne demonstrava paciência infinita para aturar os caprichos da irmã e satisfazer suas vontades.

Apesar de não ser invejada, imitada e adorada como a irmã, Anne conquistava a confiança de todos à sua volta e nutria a fama de ser boa amiga e companheira. Demonstrando amor para ser amada, Anne encontrou no papel de boa moça sua personagem perfeita e o desempenhou com maestria. Sempre disposta a ajudar e a dar bons conselhos, ela fez diversos amigos e manteve muitos ao seu lado.

Quando Anne fez 10 anos, um episódio contrariou a ordem das coisas e ela teve sua vontade sobreposta à da irmã. Ao passear com a família por uma feira de animais perto de sua casa, Anne se apaixonou por um cachorrinho. Claire, que sempre quisera ter um gato, foi contra a aquisição e

defendeu com firmeza seu voto contrário. Mas, em um ato inesperado, os pais acabaram por comprar o cãozinho. E Anne viu aquilo como uma compensação por sua inferioridade, um brinde por sua quase beleza, por suas notas medianas e por seu provável futuro desastroso. Mesmo assim, ela estava feliz e, exibindo-o como um troféu, ela o nomeou Peter.

Claire nunca se conformou com a conquista da irmã, mas preferiu não valorizar demais o fato de Anne ter vencido aquela disputa. Nunca mais falou de seu interesse em ter um gatinho e evitava ao máximo qualquer demonstração de atenção ou carinho ao fiel companheiro da irmã. Com sete anos, Peter morreu atropelado por um ônibus escolar na frente de sua casa. Anne perdeu seu troféu, seu amigo e tomou aquilo como uma prova de que seu futuro desastroso era coisa certa. Ela demorou a se recuperar e a aceitar o vazio que havia tomado o lugar de Peter naquela casa. Mas, inundada pela presença da irmã, ela afogou também a sua dor e foi se refazendo.

Talvez por afinidade, amor ou por conveniência, as duas irmãs cresceram compartilhando tudo. Brinquedos, amigos, passeios, festas, aventuras,

sonhos, segredos e até namorados. Embora este último, nenhuma delas confessasse. Mas o que elas realmente gostavam de fazer juntas desde a infância era ir à praia. Nas férias de verão elas costumavam ir com seus pais para Belmar, na costa de New Jersey, onde passavam o dia sob o sol. Como se cumprissem um ritual divino e particular, assim que tocavam os pés na areia quente, Anne e Claire se davam as mãos e corriam exultantes até o mar, entre gritos e risadas. Assim que molhavam os pés na água fria, elas paravam por um breve instante, se olhavam e se desafiavam mutuamente. Então, largavam as mãos e corriam mar adentro, quebrando com violência e alegria as ondas que vinham na direção oposta. Depois, iniciavam um rito que se repetia exaustivamente. Saíam da água, se deitavam e empanavam os corpos com a areia quente, depois, tornavam a correr para se lavarem na água, voltando a se cobrirem de areia novamente. Aquela tradição era para elas o momento mais aguardado e mais divertido do ano. De mãos dadas, correndo pela areia, elas tinham a certeza de que estariam juntas para sempre.

Aquela união eterna com a qual elas sonhavam na infância até se confirmou por muitos anos.

Amigos e parentes as julgavam inseparáveis e muitos até acreditavam que elas não conseguiriam sobreviver longe uma da outra. Mas a verdade é que, em 1981, elas enfrentaram juntas a primeira separação. E sobreviveram. Com quase 18 anos, Anne foi estudar Arquitetura na cidade de Chicago, a 800 milhas de sua casa.

De uma maneira secreta que ela mesma ignorava, Anne sentia uma necessidade latente de alçar voo solo e descobrir uma nova existência longe da irmã e de toda a família. No fundo, ela sabia que somente a distância e a independência fariam desabrochar nela uma identidade ainda oculta, que ela não conhecia, mas que sabia que estava lá. Porém, apesar de feliz por ter sido ela a dar o primeiro passo para fora do ninho, Anne sabia que a separação traria também muito sofrimento. Então, ela partiu para sua primeira aventura solitária com sentimentos contrastantes.

Para compensar um pouco a distância física que se estabeleceu entre elas, as irmãs mantinham frequentes conversas pelo telefone, contando o que dava para contar no tempo que o orçamento permitia. Mas só matavam as saudades pra valer quando Anne voltava para Warren para passar as

férias de verão e as festas de final de ano ao lado da família. Teve um verão que ela não apareceu, desmarcou a visita de última hora porque estava de namorado novo. Mas o relacionamento durou tão pouco que nas festas de final de ano ela já estava desimpedida, com a agenda livre para comemorar com a família.

Em 1984, assim que voltou para casa com seu diploma de arquiteta, Anne se deparou com a família em polvorosa por causa da publicação do primeiro livro de Claire. O sucesso precoce da irmã, que publicou um livro de poesias aos 19 anos de idade, reduziu o diploma de Anne à categoria das coisas sem importância. Mas Anne não deu muita atenção, nem para o livro, nem para a habitual falta de aprovação do senhor John, que só se preocupava em exibir o livro da caçula e distribuí-lo aos amigos, com tanto orgulho, que parecia ser ele próprio o autor da obra.

Desde que voltou, diferente, mais madura, Anne já não demonstrava mais tanta paciência para os caprichos e as exigências da irmã e também não tinha mais muito tempo para ela. Além de ter retomado seu namoro com Eric, relacionamento que passou a ocupar a maior parte dos seus finais

de semana, ela logo conseguiu um emprego em um escritório de Arquitetura no centro da cidade. Sem o tempo e a atenção aos quais estava acostumada, Claire engoliu sua frustração e disfarçou seus ciúmes.

Seis meses depois, quando Anne se casou com Eric e saiu da casa dos pais, a relação das duas irmãs sofreu um novo abalo. Na época, ambas estavam sem tempo uma para a outra. Enquanto Anne se dividia entre o trabalho, a casa e o marido, Claire se dedicava ao seu segundo livro, um romance, que foi publicado no ano seguinte por uma editora de renome nacional. Com a divulgação da obra, Claire conquistou sucesso superior ao alcançado pelo pai em toda a sua carreira literária.

Mas, apesar de cada uma seguir seu próprio caminho, elas mantiveram a amizade, a afinidade e a complexa necessidade que tinham uma da outra. Porém, em 1988, veio a maior das separações, quando Claire decidiu se casar com Ryan e se mudar para a Inglaterra. Apesar de feliz com a decisão, que ela mesma havia tomado, Claire queria evitar que aquele golpe fosse fatal para o relacionamento das duas. A única maneira de manter sua mudança para a Europa e evitar aquela

separação seria levando Anne para morar em Brentford também. E aquele passou a ser seu objetivo e, de certa forma, o de Ryan também. Apesar de pouco interessado em levar o casal para o outro lado do oceano junto com ele, Ryan se empenhou para realizar o desejo de sua amada e conseguir um emprego para o cunhado na empresa onde ele trabalhava. Ainda antes do casamento, ele indicou Eric para uma vaga, sem poupar elogios ao cunhado que ele pouco ou quase nada conhecia. Contente, Claire deu a notícia à irmã:

—Anne, o Ryan indicou o Eric para uma vaga lá em Brentford. Devem ligar pra ele essa semana.

—Eu não sei se é uma boa ideia. Talvez seja melhor uma de nós ficar aqui perto do papai e da mamãe.

—Nada disso. Vai ser bom pra vocês também. Se tudo der certo, vocês se mudam junto com a gente em maio. Eu sei que o Eric quer investir na carreira dele e você poderia pensar na sua também.

Quanto a Eric, Claire estava certa. Sonhando com uma oportunidade que alavancasse sua carreira, ele também acreditava que a vaga na Inglaterra seria a garantia de um futuro melhor. Na semana seguinte, Eric recebeu a ligação de um

gerente da empresa para falar sobre a tal vaga. Apesar do seu esforço para convencer o entrevistador de que estava preparado para a função, após poucos minutos de conversa ficou claro que na verdade ele não possuía o perfil desejado para o cargo. Em julho, quando Claire já estava morando em Brentford, outra oportunidade bateu à porta de Eric, mas, novamente, ele não passou da primeira fase do processo seletivo.

Então, veio o marasmo, e Eric ficou meses sem ouvir notícias sobre uma possível contratação em Brentford. Mas, parece que a realização do sonho britânico só dependia mesmo da torcida e do apoio de Anne. Logo depois que ela decidiu se mostrar favorável à ideia de se mudar para a Inglaterra, Eric recebeu sua terceira e grande oportunidade. Em novembro, após algumas entrevistas por telefone e outras pessoalmente, na Inglaterra, Eric foi informado de que a vaga era dele. Os dois receberam a notícia com um largo sorriso, muita ansiedade e altas expectativas.

Logo iniciaram os preparativos para a mudança. O visto e a documentação ficariam prontos em dezembro, e Eric assumiria sua tão sonhada vaga na empresa em janeiro de 1989. Com menos de dois

PERIGOSAS NACIONAIS

meses para a mudança, o casal aproveitou cada minuto para preparar tudo. Venderam o que conseguiram, jogaram fora o que não queriam mais e desocuparam por completo a casa onde moravam.

Depois de muitas conversas e algumas discussões, Anne e Eric desistiram de mandar uma mudança com seus pertences para a Inglaterra. Além dos móveis serem poucos e sem muito valor, como eles permaneceriam na casa de Ryan e Claire nos primeiros meses, acharam mais conveniente não impor a eles, além de suas já impostas presenças, diversas coisas usadas e já meio fora de moda. Claire, em parte, também foi responsável por aquela decisão, pois foi tratando logo de avisar que já havia preparado um quarto para eles com cama, cômoda e até criado-mudo com abajur. Anne acabou abandonando várias coisas na casa dos pais e fez malas e mais malas, ultrapassando a cota máxima de bagagem que poderiam levar no avião.

No último mês, se despediram dos amigos e familiares com uma reunião íntima. E, na primeira semana de janeiro, eles estavam prontos e ansiosos para atravessarem o oceano juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

4

ANNE E ERIC

Eric e Anne se conheceram ainda na infância, quando tinham apenas 10 anos de idade cada um. Na ocasião, Eric havia se mudado com seu irmão e seus pais do estado do Texas para New Jersey. Ao chegarem em Warren, compraram uma casa no condomínio em que a família de Anne morava.

No início, o pequeno Eric não parecia nada contente com a mudança, mas bastou conhecer Anne para as coisas começarem a melhorar para aquele menino franzino, tímido e deslocado. Ela foi a responsável por apresentá-lo aos amigos da escola e do bairro e por fazê-lo sentir-se em casa na nova cidade. Amigos em comum insistiam em dizer que eles eram namorados, mas aquelas suposições os constrangiam e os incomodavam. Passados alguns anos, parecia que a profecia ia finalmente se concretizar e que a união dos dois amigos seria realmente inevitável. Durante a festa de aniversário de 15 anos de Anne, longe dos olhares de todos, eles deram o primeiro beijo. Roubado. Por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas, contrariando a torcida de todos, após aquela acanhada demonstração de afeto, eles continuaram sendo apenas bons amigos.

Somente dois anos depois, durante um passeio com a turma da escola, eles ficaram juntos de verdade. Enquanto faziam uma trilha pela mata na companhia de amigos, Eric pegou na mão de Anne para ajudá-la a atravessar um pequeno córrego e não soltou mais até o final do passeio. As mãos perfeitamente encaixadas, os passos sincronizados e a respiração compassada os fizeram acreditar que haviam realmente nascido um para o outro. À noite, embalados pelo som do violão, se entregaram ao destino e se abraçaram e se beijaram. No dia seguinte, resolveram assumir para todos o que já era esperado há muito tempo: os amigos de infância eram, finalmente, namorados.

Porém, pouco mais de um ano depois daquela aventura selvagem, transpondo pedras e barrancos, com os dedos entrelaçados, eles se depararam com o primeiro obstáculo real ao sucesso daquela relação. Enquanto Eric permaneceu em New Jersey estudando Farmácia e Ciências da Saúde, Anne foi estudar em Chicago, Illinois. A distância colocou o romance na espera, em suspenso.

PERIGOSAS ACHERON

Os ex-namorados e eternos amigos se viram e se falaram muito pouco naqueles quatro anos. O limitado contato que mantiveram foi durante as férias e feriados prolongados, quando Anne voltava para Warren para ficar com a família, mas eles não retomaram o namoro. Evitavam qualquer proximidade, porém, quando o encontro se mostrava inevitável, eles se restringiam a banalidades e assuntos superficiais. Durante aqueles anos afastados, cada um teve suas próprias aventuras, suas novas descobertas e seus outros amores.

No final de 1984, quando Anne voltou para Warren definitivamente, os dois retomaram o namoro de onde haviam parado quatro anos antes, como se aquele recomeço já tivesse sido programado pelo destino e não houvesse espaço para dúvida ou negação. Em meados de 1985 eles alugaram uma casa no centro de Warren, trocaram alianças em uma cerimônia simples e restrita e passaram uma lua de mel relâmpago em Nova York.

O primeiro ano da vida a dois não foi um ano fácil. Ainda em 1985, a mãe de Eric, que lutava contra um câncer na laringe fazia alguns anos,

faleceu. O pai de Eric, que já apresentava os primeiros sinais de esquizofrenia, acabou sendo internado em uma clínica de tratamento, ainda antes do final daquele mesmo ano. Como seu único irmão morava na Hungria, Eric não tinha mais nenhum familiar por perto, o que fez com que se apegasse ainda mais à Anne e à sua família.

No final de 1986, uma boa notícia. Anne engravidou e o casal recebeu a notícia com muito entusiasmo. Mas a felicidade durou pouco, com apenas 11 semanas de gestação Anne teve um aborto espontâneo, acontecimento que causou grande sofrimento ao casal. Após alguns exames, eles constataram, com alívio, que gozavam de uma saúde perfeita e que nada os impediria de terem um filho no futuro. Segundo os médicos, uma nova gravidez seria apenas questão de tempo, mas estava demorando mais tempo do que Anne desejava, o que lhe causou bastante estresse e angústia.

Após aquela perda, o casal se esforçou para acreditar que um futuro melhor viria e que o destino ainda reservava muitas coisas boas para eles. Em 1989, a chance de se mudarem juntos para a Inglaterra foi vista pelo casal como um sinal de que as mudanças boas já estavam acontecendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

5

JUNTAS NOVAMENTE

Logo que chegaram em Brentford, Eric e Anne se instalaram na casa de Claire e Ryan, onde ficariam até que conseguissem alugar uma casa para eles nas redondezas. A vida a quatro não parecia ser problema para quase todos. Quase, porque Ryan não parecia estar muito confortável com a ideia de dividir o seu espaço e a sua vida com o casal americano. Para que aquela situação fosse temporária, ele tratou logo de ajudar os cunhados na escolha de um novo lar. Mas, além do alto nível de exigência de Anne, as opções de imóveis na cidade eram limitadas. Assim, a busca por um lar exclusivo para Anne e Eric foi se arrastando por meses. Felizes ou não com aquela realidade, com o tempo os casais foram encontrando uma maneira de convivência amigável e confortável para todos e foram se acostumando com a companhia uns dos outros.

Em uma noite do mês de maio, quando já haviam completado cinco meses na Inglaterra,

Anne e Eric aproveitaram a hora do jantar para fazer uma revelação:

—Já que estamos todos aqui reunidos, eu quero dar uma notícia— disse Anne, sem esconder sua felicidade.

Impaciente e curiosa, Claire apressou a irmã:

—Fala logo, Anne.

—Eu estou grávida— disse Anne quase eufórica por ter conseguido engravidar novamente depois do aborto que havia sofrido mais de dois anos antes.

Ryan e Claire ficaram surpresos com a notícia e se levantaram para parabenizar o casal. Apesar de tentar disfarçar e de dizer à irmã que estava feliz por ela, Claire no fundo não sabia o que fazer com aquela notícia. Ela tentava engravidar desde o casamento, sem sucesso, e talvez a novidade tenha despertado seu lado mais invejoso e competitivo. Sem contar a boa dose de ciúmes por saber que perderia ainda mais a atenção da irmã.

Quando os cumprimentos cessaram, Anne lançou um olhar para Eric, que se virou para o cunhado e disse, um pouco acanhado e sem muita convicção:

—Ryan, eu quero agradecer por ter nos recebido aqui e dizer que vamos fazer de tudo para nos

mudarmos antes do nascimento do bebê.

Notando o acanhamento do cunhado, Ryan não sabia direito como reagir.

—Não se preocupe com isso agora.

—Já conversei com a Anne e nós vamos rever as opções de casas e diminuir nossas exigências.

—Vocês ainda têm alguns meses. Não precisa ter pressa— completou Ryan, também sem muita convicção.

Anne entrou na conversa e disse de maneira firme:

—Eu já estou quase no segundo mês de gestação. Não temos tanto tempo assim. Estamos decididos, nos mudaremos em breve.

Claire, que estranhamente ouvia a tudo sem interferir, até pensou em dar seu parecer e insistir para que ficassem, mas sentiu que não tinha competência para tanto. Pediu licença e foi para seu quarto, alegando estar indisposta. Coincidência ou não, ela colocou para fora todo o jantar, no chão do quarto mesmo, antes de conseguir chegar ao banheiro.

Ao perceber que Claire não estava nem um pouco contente com as notícias da noite, Anne pensou em ir atrás da irmã e tentar utilizar sua

habitual paciência para mostrar que aquela decisão era a mais acertada, mas hesitou, não queria que nada abalasse a sua felicidade e estragasse aquela noite que era tão especial para ela.

Nos dias que se seguiram, Eric e Anne visitaram novamente as casas disponíveis e, finalmente, dez dias depois, eles estavam decididos a fazer uma oferta em um dos imóveis. Não era muito próxima dali, nem tinha todas as comodidades que Anne desejava, mas era a melhor opção naquele momento. Pouco antes do jantar, eles resolveram avisar que no dia seguinte assinariam os papéis para o aluguel da casa. Mas, aquela não era a única notícia da noite, nem a melhor.

Com um sorriso que há algum tempo não aparecia em seu rosto, Claire revelou que mais um bebê estava a caminho. Naquela manhã ela havia descoberto que os enjoos e tonturas que sentia há alguns dias já eram sintomas de sua gravidez. Mais uma vez a forte sinergia entre as irmãs ficou clara e, com uma diferença de cerca de duas semanas entre as gestações, elas teriam seus filhos quase juntas.

Ryan, que também soube da novidade naquele momento, foi ao encontro da esposa, a abraçou e a

beijou nos lábios e na testa. Talvez por estar embriagado de felicidade, Ryan se precipitou e comunicou uma decisão que havia acabado de tomar, sem antes consultar a opinião de Claire.

—Eric, sei que já estão prestes a confirmar o aluguel e nem sei como pedir isso.

Todos na sala se olharam, sem imaginar o que estava por vir. E Ryan continuou:

—Eu estou viajando muito para Warren e as viagens vão ser frequentes até o final deste ano. Não queria que a Claire ficasse muito tempo sozinha. Será que vocês não poderiam adiar a mudança até o nascimento dos bebês?

Eric ficou um tempo calado, olhando para os cunhados, sem saber o que responder. Mas Anne se adiantou e concordou com o pedido.

—É uma excelente ideia. Assim nós fazemos companhia uma para a outra. Já estamos aqui há tanto tempo mesmo, não vai fazer mal pra ninguém mais alguns meses.

Percebendo que de nada adiantaria discordar, Eric apertou a mão do cunhado como se com aquele gesto fimassem um compromisso. Sem dizer nada a respeito do pedido de Ryan nem da aceitação de Eric, Claire simplesmente se despediu

e foi com Ryan para seu quarto. Sozinha com o marido, ela não se mostrou muito contente com a decisão que ele tomara sem consultá-la.

—Não entendi seu pedido para que eles fiquem aqui. Não era você que torcia para que fossem logo embora?

—Eu é que não entendo você, Claire. Achei que você quisesse que eles ficassem.

—Só estou dizendo que você deixou os dois sem opção. E sua mãe também vem sempre aqui.

—Minha mãe tem as coisas dela e não é a mesma coisa. Vai ser melhor pra você e pro bebê.

—O ideal seria você viajar menos— retrucou num tom melancólico e, ao mesmo tempo, agressivo.

—No ano que vem não vou mais viajar tanto. É só até o final deste ano. Tenha um pouco mais de paciência. Tomei essa decisão porque agora temos que pensar em você e no nosso bebê. É isso o que importa agora.

Percebendo a preocupação do marido e o jeito afetuoso com que ele pronunciou aquelas últimas frases, Claire rapidamente substituiu a raiva pela doçura e o abraçou com carinho. Ryan tomou aquele gesto como uma demonstração inédita de

submissão e imaginou que a gravidez talvez já estivesse fazendo bem para ela. Alcançando sua testa com os lábios, ele lhe deu respeitoso beijo, como se naquela condição ela estivesse ainda mais pura e especial.

6

ELAS ESTÃO CHEGANDO

Anne e Claire estavam adorando a ideia de se tornarem mães ao mesmo tempo. Juntas, elas passavam os dias comprando peças novas para o enxoval, tanto delas quanto dos bebês, compartilhando dúvidas sobre gravidez e lendo livros sobre maternidade. Não falavam em outro assunto e não pensavam em outra coisa.

Ryan e Eric até se esforçavam e, na maioria das vezes, conseguiam dissimular um interesse genuíno por aquelas questões. Mas faziam o possível para não precisassem opinar sobre assuntos que para eles eram pouco ou nada importantes, como chupetas, roupinhas e a decoração dos berços. Já quando o assunto era a escolha dos nomes, o interesse aumentava um pouco. Mas não muito. Diariamente, ora uma ora outra, aparecia no jantar com algum nome novo na cabeça e o anunciava, aguardando a aprovação ou recusa do companheiro. Quando o resultado parecia incerto, a opinião dos demais presentes também era requisitada. Eric,

PERIGOSAS ACHERON

distraído, sempre concordava prontamente com as opções que Anne trazia para a mesa do jantar. Já Ryan era um pouco mais participativo e palpitava quando julgava que o nome era, como ele mesmo definia, inaceitável, o que aconteceu várias vezes. Então, Claire, irritada, iniciava uma espécie de leilão, repetindo em voz alta todos os nomes que estavam na sua cabeça até que algum deles ganhasse a simpatia da plateia. Os jantares com leilão pareciam intermináveis.

Os únicos assuntos que despertavam mais o interesse dos maridos eram aqueles que envolviam a saúde, a escolha da maternidade e os exames médicos. Eles até as acompanhavam às consultas quando podiam, mas justamente nos exames que revelaram os sexos dos bebês, nenhum dos dois pôde comparecer. Primeiro foi a vez de Anne fazer o ultrassom revelador e sair do laboratório com a certeza de que teria uma menina. Cerca de duas semanas depois, também com mais de cinco meses de gestação, foi a vez de Claire ouvir da boca do médico que seu bebê seria uma menina. Felizes, as irmãs tomaram aquela coincidência como mais uma prova clara da afinidade que havia entre elas desde a infância.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se os maridos não davam muitos ouvidos para aqueles assuntos maternos, as irmãs tinham em dona Eleanor, mãe de Ryan, uma experiente e devotada companheira para tudo o que fosse relacionado à maternidade. Viúva, ela morava sozinha em Londres e era presença constante na casa do filho nos finais de semana. Assim que chegava, ela iniciava uma longa sessão com dicas e sugestões para as mães de primeira viagem e era sempre recebida com inúmeras curiosidades e preocupações.

Os outros avós de primeira viagem, pais de Anne e Claire, acompanhavam de longe todas as novidades daquela gravidez em dose dupla. Desde o início eles estavam planejando viajar para Brentford pouco antes do nascimento das netinhas e permanecer ao menos dois meses com as filhas para ajudar nos cuidados com os bebês. Já apreensivos para comprarem as passagens, eles aguardavam apenas a definição de Ryan sobre sua ida para Warren, assim poderiam ir para a Inglaterra com ele, em seu retorno para casa. E a confirmação veio apenas em meados de outubro.

—Anne, o Ryan confirmou que vai pra Warren no final de novembro mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

—E você avisou a mamãe?

—Acabei de avisar. Eles vão comprar as passagens para virem junto com ele na volta.

—Então, eles vêm que dia? Será que chegam antes da Lisa nascer?

—Pegam o voo para cá no dia 3 de dezembro. Quando elas nascerem eles já vão estar aqui.

—Não sei não, Claire, vai dar muito em cima. Vamos torcer pra Lisa esperar até o dia 7 mesmo.

—Nem me fala. Eu quero o Ryan aqui ao meu lado quando a Christie nascer.

—Fica calma, Claire. A Christie deve nascer só lá pro dia 20. Ele vai estar aqui, com certeza.

No final de semana que antecedeu a viagem de Ryan, dona Eleanor chegou à casa do filho com uma mala. Ela ficaria na casa para fazer companhia para as irmãs que já estavam no final da gestação. Na segunda-feira após o almoço, Ryan foi para o aeroporto para sua última viagem antes da aguardada paternidade. Já na porta, ele fez inúmeras recomendações para que Claire se cuidasse:

—Amanhã cedo, assim que eu chegar no hotel, eu ligo para cá para avisar que cheguei e para ver como vocês estão. Não se preocupe que eu volto

logo.

Naquela noite, Anne, que já estava quase entrando na última semana de gestação, não estava se sentindo muito bem. Recusou-se a jantar e foi para o quarto. Apesar da insistência de Eric para que fossem para o hospital, Anne disse que era apenas uma indisposição e preferiu ficar deitada. Até que às 20h ela começou a sentir as primeiras contrações. Eric, uma pessoa calma e controlada, não conseguiu conter o nervosismo, pegou a malinha do bebê e a levou para o carro, gritando para que Anne se apressasse. Ao perceber a movimentação, Claire ficou impaciente e começou a sugerir que talvez fosse melhor irem logo os quatro para a maternidade, sugestão rapidamente descartada por todos. Eric, o mais nervoso de todos, a tranquilizou e pediu que ela ficasse com dona Eleanor, que logo ele daria notícias.

Quando chegaram à maternidade, Anne foi internada e logo recebeu a visita do médico, que avisou que estava tudo bem e que iria aguardar o aumento das contrações e da dilatação, pois acreditava que seria possível realizar um parto normal.

Em casa, Claire estava ansiosa com a internação

da irmã e preocupada por estar sem seu marido. Dona Eleanor tentou acalmá-la, sem sucesso. Talvez justamente por conta de toda aquela ansiedade, cerca de duas horas depois de Anne dar entrada no hospital, Claire começou a se queixar de dores. Preocupada, dona Eleanor rapidamente chamou uma ambulância e foram juntas para a mesma maternidade onde Anne havia sido internada poucas horas antes.

Assim como ocorreu com a irmã, Claire logo foi tranquilizada pelo médico que confirmou que aquelas dores já eram as primeiras contrações. Segundo ele, ela provavelmente teria seu bebê nas próximas horas, também de parto normal. Mesmo com dores e muito agitada, Claire não se esquecia da irmã.

—O senhor tem notícias de minha irmã? O nome dela é Anne e ela veio pra cá faz algumas horas.

—Vou verificar e volto com informações. Mas agora fique calma que está tudo sob controle.

—Por favor, avise para ela e meu cunhado que eu estou aqui também.

Cerca de meia hora depois, uma enfermeira entrou no quarto de Claire e informou que Anne

estava bem e que ainda estava aguardando o momento certo para o parto. E o momento certo chegou pouco antes da meia noite daquele dia 29 de novembro de 1989, quando Anne deu à luz sua menina Lisa.

Já no quarto de Claire, a tensão só aumentava. Pensando no marido, que estava dentro de um avião, viajando na direção oposta, se afastando mais e mais a cada minuto, Claire fez um apelo à sogra:

—Dona Eleanor, o Ryan vai ligar amanhã cedo quando chegar no hotel e vai ficar preocupado se não encontrar ninguém em casa.

—Calma, Claire. Não se preocupe com isso agora. Eu irei pra lá antes dele chegar— respondeu, tentando acalmar a nora.

—Faça isso, dona Eleanor. Faça isso, por favor.

Quando Claire foi informada sobre o nascimento da sobrinha, ela caiu no choro. Ela mesma não sabia se chorava mais de felicidade, de dor ou ansiedade. Pouco tempo depois, com as contrações mais intensas e frequentes, Claire foi preparada para o parto e, quase 3h da madrugada, deu à luz sua filha Christie.

Dona Eleanor, que aguardava ansiosa na sala de

espera, foi informada por uma enfermeira que poderia acompanhar o primeiro banho do bebê. Emocionada, ela escolheu a melhor posição atrás do enorme vidro que a separava de sua primeira netinha. Mesmo sem conseguir ver muito bem, ela não conteve as lágrimas. Assim que o banho terminou e levaram sua neta para o berçário, dona Eleanor saiu do hospital para cumprir o que havia combinado com Claire. Pegou um taxi e foi para casa aguardar a ligação do filho. Às oito horas da manhã Ryan ligou para casa:

—Mãe, cheguei no hotel. Tudo bem?

—Oi Ryan, está tudo bem sim. Mas você não vai acreditar. As meninas nasceram.

—Como assim? Já? As duas? Como elas estão?

—Estão todas bem. Como elas nasceram de parto normal, devem vir logo pra casa.

—Vou tentar marcar o retorno para hoje mesmo. A senhora tem aí o telefone da maternidade?

Após finalizar a ligação com a mãe, Ryan ligou na maternidade para falar com Claire, que estava no quarto com a pequena Christie.

—Claire, sou eu. Minha mãe me contou. Como vocês estão?

—Não se preocupe. Está tudo bem. Ela veio um

pouco antes do esperado, mas deu tudo certo. É linda e saudável. A Anne e a Lisa estão bem também.

—Quero voltar o mais rápido possível. Vou tentar trocar a minha passagem para hoje ainda.

—Ótimo. Falei com a minha mãe e ela disse que se você vier antes, eles vão querer trocar as passagens deles também. Veja isso com ela.

—Tá bom, Claire. Vou fazer isso. Te aviso.

Após desligar o telefone, Ryan foi até a casa dos sogros e, de lá, ligou para a companhia aérea para trocar as três passagens. Para a sorte deles, havia vaga no voo que sairia naquela mesma noite. Então, Ryan ligou novamente para a maternidade para avisar Claire que os três chegariam em casa no dia seguinte pela manhã.

Em Brentford, Eric e dona Eleanor dividiam as tarefas. Enquanto ele fazia companhia para as novas mães no hospital, dona Eleanor preparava tudo para a chegada dos bebês. Lavou as últimas roupinhas, preparou os berços e ajeitou a casa. Na terça-feira após o almoço, quando separava algumas frutas para levar ao hospital no dia seguinte, tocou o telefone. Era Claire.

—Dona Eleanor, o médico passou aqui e disse

que, se nada de inesperado acontecer, amanhã pela manhã eu e a Anne já teremos alta.

—Que bom, Claire. Precisam de alguma coisa?

—Não. Só faltam as cadeirinhas para colocar no carro, mas o Eric vai aí hoje pra pegar.

—Eu falo pro Ryan buscar você?

—Não, eu vou com a Anne e o Eric. Se o Ryan e meus pais chegarem antes de nós, segura eles aí porque a gente deve sair logo cedo. Acho que chegaremos antes deles.

7

A CAMINHO DE CASA

Fazia frio na manhã daquele primeiro dia de dezembro quando mães e filhas foram examinadas e liberadas para irem para casa. Segundo os médicos, estavam todas bem e não havia motivo para mantê-las no hospital. No dia anterior, Lisa e Christie foram registradas no cartório localizado dentro da maternidade e já sairiam dali com suas certidões de nascimento.

Todos estavam felizes e bastante ansiosos para chegarem logo em casa e iniciarem aquela nova aventura cheia de inéditas responsabilidades. Pelos cálculos de Eric, o trajeto da maternidade até a casa demoraria um pouco mais de meia hora. Por conta do horário, algumas avenidas teriam um pouco mais de movimento, mas a maior parte do caminho seria por dentro de bairros, por ruas tranquilas e arborizadas.

Às 8h30, as recém-nascidas foram colocadas nas cadeirinhas no banco de trás do carro, Claire se sentou entre elas e Eric e Anne foram na frente.

Alguns minutos após o início do trajeto, Lisa começou a chorar exaltadamente. Claire, que estava sentada ao seu lado, tentou de todas as formas fazer com que ela se acalmasse e parasse de chorar, mas a pequena não dava trégua nem por um segundo.

—Dá a chupeta pra ela, o brinquedinho. Faz alguma coisa, Claire— disse Anne se virando para trás, impaciente.

—Eu estou tentando, Anne, mas ela não para. Venha você aqui atrás e veja se consegue acalmá-la já que a filha é sua— retrucou Claire.

Desesperado com aquele choro estridente e incessante, Eric aproveitou que passavam por uma rua tranquila e encostou o carro para que Anne e Claire trocassem de lugar. Rapidamente, Claire foi para o banco do passageiro ao lado de Eric, enquanto Anne se encaixou com certa dificuldade entre as cadeirinhas das duas primas no banco traseiro. Todos acomodados, Eric retomou o caminho.

Aflita e desajeitada, Anne se desdobrou para tentar acalmar a filha recém-nascida, sem sucesso. A desobediência de Lisa às suas frustradas tentativas foi deixando Anne mais nervosa a cada minuto. Enquanto Anne se penitenciava

secretamente por se sentir uma mãe incapaz de controlar o desespero da própria filha, Claire, no banco da frente, debochava da falta de prática da irmã, tornando a situação ainda mais insuportável. Desesperada, Anne resolveu pegar a filha no colo. Destravou o cinto que a prendia à cadeirinha e a aconchegou em seu colo. Assim que sentiu o calor do corpo da mãe, Lisa foi se acalmando.

Eric, que as observava pelo retrovisor, alertou a esposa:

—Anne, é perigoso. Melhor ela ficar na cadeirinha. Coloque ela de volta. Quer que eu pare?

—Não precisa. Eu já vou colocá-la de volta. Ela já está se acalmando.

Mas não deu tempo de devolver a pequena em sua cadeirinha. Poucos segundos depois, sem perceber, Eric passou com o carro em cima do chamado gelo negro, uma fina camada de gelo que se forma no asfalto nos dias muito frios. Sem muito tempo para reação, ele perdeu o controle do carro, que rodopiou três vezes e só parou ao sair da pista e bater de frente em algumas árvores.

Logo após a pancada, Anne, apavorada e um pouco atordoada, desencostou a filha de seu colo e a levantou à sua frente. A cabecinha do bebê

pendeu para o lado, sem reação ao chamado da mãe. Ao perceber que a filha não se mexia, Anne começou a movimentar freneticamente seu frágil corpinho. Lisa não abria os olhos, não se mexia e nem chorava. Anne tentou sentir seu pulso e sua respiração, sem sucesso. Com as mãos trêmulas e em total desespero, ela se deu conta de que havia sufocado a própria filha em seu colo na hora do impacto. Com os olhos arregalados e a respiração ofegante, Anne começou a gritar por socorro e a chamar pela irmã e pelo marido que estavam nos bancos dianteiros. Sacudiu e bateu nos bancos, mas eles também não reagiam. Ela, então, ouviu sua sobrinha aos berros na outra cadeirinha ao seu lado.

Sem outra opção, ela colocou sua filha desfalecida na cadeirinha vazia e pegou Christie no colo para tentar acalmá-la. Mas, mesmo no colo da tia, a pequena não parava de chorar. Com dificuldade, Anne conseguiu sair do carro e, ainda com a sobrinha em seus braços, tentou abrir as portas dianteiras para alcançar a irmã e o marido. Mas nenhuma porta abria.

A rua era tranquila e sem nenhuma casa, apenas árvores, o que fez com que o primeiro carro aparecesse apenas quatro minutos após o trágico

acidente. Quando o carro com um jovem casal parou ao lado de Anne, uma moça visivelmente chocada abriu o vidro e ofereceu ajuda:

—Já foi chamado o resgate? Precisa de ajuda?

Anne, que andava de um lado para o outro com a sobrinha nos braços, olhou com os olhos arregalados para a moça e respondeu com a voz trêmula:

—Estão todos mortos. Todos mortos. Chame o socorro, por favor.

O casal rapidamente acelerou o carro e foi atrás de socorro. Poucos minutos depois, chegou uma ambulância e, logo em seguida, outras três. Enquanto alguns médicos e enfermeiros verificavam a situação dos demais passageiros que ainda permaneciam no carro, dois paramédicos foram até Anne, que já não gritava e nem se movimentava como há poucos minutos. Parada ao lado do carro, calada e com o olhar distante, ela parecia nem ter percebido a chegada das ambulâncias. Christie, ainda em seu colo, também estava em silêncio. Ao se aproximar de Anne, um dos paramédicos perguntou:

—Senhora, qual o seu nome? A senhora sente alguma coisa?

Silêncio. Somente após repetir as perguntas outras duas vezes, ele teve alguma resposta:

—Anne, meu nome é Anne— respondeu, mas era como se não estivesse ali.

—A senhora sente alguma coisa? Está se sentindo bem?

Novamente, silêncio. Então, ele continuou:

—Senhora Anne, eu posso pegar o bebê do seu colo?

Nenhuma reação.

—A senhora pode me dar o bebê? — perguntou o outro enfermeiro, chegando mais perto delas.

Ao perceber a aproximação, Anne se retraiu e apertou ainda mais forte a sobrinha contra seu corpo. O enfermeiro continuou se aproximando calmamente. Como se recuperasse parte de sua lucidez, Anne esticou os braços e entregou o bebê a ele, assumindo uma expressão de terror em seu rosto.

Com o bebê em seu colo, o paramédico olhou para Anne e fez mais uma pergunta:

—É sua filha? Senhora, esse bebê é sua filha?

Sem desfazer aquela feição de desespero, Anne olhou para ele e depois para Christie. Então, respondeu. Duas vezes. Na primeira vez, as

PERIGOSAS NACIONAIS

palavras saíram vacilantes, na segunda, soaram firmes e seguras:

—Lisa. O nome dela é Lisa. Ela é minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

8

O LUTO

Ryan, sua mãe e seus sogros já estavam na casa aguardando a chegada dos bebês quando foram avisados do acidente. A excitação e a alegria que ditavam o clima daquela longa espera rapidamente cederam espaço ao sofrimento e ao desespero. Foi como se em segundos aquela sala, cuidadosamente decorada com balões e cheirando a torta de chocolate, tivesse seu piso violentamente arrancado e suas paredes retorcidas. Em estado de choque, todos foram para o hospital onde as sobreviventes estavam sendo examinadas. Felizmente, o bebê não tinha um arranhão sequer e Anne tinha apenas pequenos cortes nos braços, por conta do vidro da janela que se quebrou, um hematoma na testa e uma leve torção no pescoço, além de um coração completamente destroçado. Após alguns exames clínicos, elas foram liberadas para irem para casa.

Do hospital, Ryan e o senhor John foram direto para o necrotério para uma tarefa muito difícil: fazer a liberação dos corpos daqueles que não

havam sobrevivido ao acidente. Após identificarem os corpos de Eric e Claire, Ryan foi levado até sua suposta filha. Mesmo se sentindo completamente inapropriado para aquele reconhecimento, depois de uma triste e rápida checagem, aceitou aquele pequeno e frágil corpo recém-morto como sendo de Christie, a filha que ele nem conhecia.

Os corpos seriam liberados em algumas horas e, nesse meio tempo, Ryan tentou convencer os sogros a velarem e enterrarem Claire e Christie ali mesmo em Brentford. No início, eles foram firmemente contrários àquela hipótese, mas logo aquele pedido deixou de parecer tão absurdo. Pelo menos para dona Laura. Como Lisa era muito pequena para fazer uma viagem de avião e precisaria de documentos de viagem, dona Laura ponderou que seria melhor que todos ficassem algumas semanas na Inglaterra e retornassem juntos para Warren. Diante de tal cenário, não houve outra alternativa a não ser aceitar a sugestão de Ryan. O senhor John não concordou com a decisão da esposa e contestou por meses o seu voto vencido.

Ethan, o irmão de Eric que morava na Hungria, assim que foi avisado do acidente, pegou um voo

de Budapeste para Londres, chegando em Brentford no final do dia. Mesmo sem que ninguém solicitasse ou sugerisse alguma coisa, Ethan resolveu enterrar o corpo do irmão ali no cemitério de Brentford também, o que evitaria mais complicações, gastos desnecessários e perda de tempo. Ficou hospedado em um hotel por poucas noites e depois da cerimônia foi embora, deixando suas condolências aos parentes das demais vítimas.

Após o enterro, Anne e seus pais aceitaram o convite de Ryan para permanecerem em sua casa por cerca de um mês, até que a pequena Lisa pudesse fazer uma viagem de avião com mais conforto e segurança. O senhor John e dona Laura se acomodaram no quarto que era de Anne e Eric, e Anne foi para o escritório com Lisa, onde improvisou um colchonete ao lado do berço. O outro berço foi desmontado no primeiro dia e doado no dia seguinte.

Para ajudar no que fosse necessário, dona Eleanor era presença frequente na casa do filho, principalmente nos finais de semana. No final do dia, voltava para Londres para dormir em sua casa e chorar sozinha em sua cama. Ela e dona Laura até se esforçavam para iniciar algumas conversas e

acabar com aquele silêncio incômodo, mas todos os assuntos levavam inevitavelmente ao acidente e à perda dos entes queridos. Parecia impossível aliviar a dor de todos os envolvidos naquela tragédia.

Apesar de parecer invisível aos olhos de todos naquela casa, o senhor John foi quem mais sofreu com a morte de Claire. Tentando se esconder dentro da sua invisibilidade, ele tentava descobrir uma forma de se adaptar a uma vida sem a presença da filha que ele tanto amava. Ele passava o dia inteiro lendo, fechado no escritório, devorando qualquer livro que escolhia aleatoriamente na estante. Como a maioria dos exemplares era de Claire, talvez ele tivesse encontrado naquelas páginas uma forma de ficar mais perto da filha ausente. Logo no primeiro dia, ele apareceu na sala, com um jeito afobado:

—Ryan, onde está o livro de Claire?

—Qual livro? Quase todos os da estante são dela? E são muitos— disse quase em tom de deboche.

—Não. Estou perguntando do livro que ela estava escrevendo. Ela tinha me dito que estava terminando.

Ryan, que nunca havia dado muita atenção ao

PERIGOSAS ACHERON

romance que ela vinha escrevendo há meses, chegou até a sentir remorso por sua displicente falta de interesse com os assuntos da esposa. Mas a ligeira culpa não foi suficiente para fazê-lo se levantar do sofá e ajudar o sogro a procurar pelo livro, do qual ele não sabia nem o nome. Tentando se livrar do assunto e do sogro, respondeu:

—Deve estar aí no escritório, em algum lugar. Ela ficava na máquina de escrever aí quase todos os dias.

Inconformado com o modo como Ryan tratou do assunto, o senhor John voltou para o escritório e lá ficou até anoitecer, recolhido em seu silêncio.

Assim como o pai, Anne também passou a se recolher em si mesma. Nos primeiros dias após o acidente, passava a maior parte do tempo com a filha, sempre ao lado do berço, como se quisesse impedir que alguém a levasse. Não chorava, não falava. Preocupada em ter seu maior segredo descoberto, Anne passava horas olhando para o rostinho delicado de Lisa, procurando identificar nele os traços de sua família. Se por um lado ela se sentia aliviada ao perceber que Lisa se parecia com Claire, que era também muito parecida com ela mesma, por outro lado, a semelhança com a irmã

era uma reafirmação constante de seu delito inconfessável.

Com o passar dos dias, Anne foi se afastando do berço, permanecendo a maior parte do tempo sozinha com seus pensamentos, perdida em sua escuridão particular. Seca de forças e seca de leite, Anne não pôde amamentar a filha no peito, o que contribuiu ainda mais para o seu afastamento. Assim, a tarefa de alimentar Lisa foi assumida por dona Laura, que se encarregava de dar a mamadeira à netinha quando ela chorava de fome e não recebia o alimento e nem a atenção de Anne. Apesar de não entender a atitude da filha, ela fazia de tudo para ajudar, inclusive a acompanhando nas consultas de Lisa ao pediatra.

Perdida em suas lembranças, Anne não sabia se sofria mais pela perda do marido e da irmã, por se sentir culpada pela morte da filha ou pelo fato de ter dito que Christie era sua. Na dúvida, ela sofria triplamente. Era comum ela acordar à noite ouvindo choro de bebê e correr assustada para o berço da filha. Ao perceber que era um sonho e que Lisa estava dormindo, ela ficava andando pela casa, até adormecer, exausta, no sofá da sala.

Quando não acordava assustada ouvindo choros

inexistentes, ela tinha um pesadelo recorrente, que fazia com que acordasse agitada. Ela sonhava que estava em Belmar, a praia onde passava suas férias na infância. No pesadelo, após entrar na água de mãos dadas com Claire, como costumavam fazer todos os verões, Anne a afogava deliberadamente e ficava observando seu corpo sem vida sendo levado pelo vai e vem das ondas. As mesmas ondas que outrora lavaram seus jovens corpos cheios de areia e vida. Aquele pesadelo se repetiu inúmeras vezes, fazendo com que Anne perdesse várias noites de sono e se sentisse ainda mais infeliz.

Muitas vezes, quando vagava sem rumo pela casa, Anne encontrava Ryan na cozinha escura. Vítimas da mesma insônia, não trocavam uma palavra sequer, apenas se olhavam, como se reconhecessem no outro a mesma dor silenciosa a corroer-lhes por dentro. Mas Ryan não imaginava o tamanho da dor que Anne sentia e muito menos o tamanho do segredo que ela ocultava.

Se de noite Ryan era surpreendido em sua insônia, de dia ninguém imaginava que ele estivesse sofrendo. Logo após o enterro, ele mergulhou no trabalho e retomou sua rotina na empresa, permanecendo no escritório até mais tarde

PERIGOSAS NACIONAIS

quase todos os dias. Não demonstrava sua dor e não conversava sobre aquele doloroso assunto com ninguém. Em casa, se esforçava para demonstrar que estava superando o ocorrido, falando frequentemente sobre assuntos banais e algumas vezes até deixando escapar um falso sorriso.

Mas, à noite, sozinho em seu quarto, Ryan chorava, mais de raiva do que de tristeza. O acidente havia trazido à tona uma dor antiga, de quando ele ainda era criança. Quando tinha apenas oito anos, ele e seus pais iam se mudar para outra cidade, onde teriam uma casa grande com piscina, a poucas quadras do mar. Lá, segundo seus pais prometiam, ele estudaria em uma excelente escola, faria amigos para a vida toda e velejaria com o pai nos dias quentes de verão. No dia da viagem, minutos antes de irem ao aeroporto, seu pai teve um infarto fulminante. Sem tempo de chegar ao hospital, ele morreu ali na sala mesmo, entre as malas cor de abacate e a valise dourada. Foi um desespero. Sozinha e completamente perdida, dona Eleanor rapidamente cancelou tudo: a viagem, a mudança, a casa grande com piscina, a escola excelente, os amigos para a vida toda. Cancelou até o mar, o veleiro e os dias quentes para se velejar.

PERIGOSAS ACHERON

Não sobrou nada, só um corpo no meio da sala. Ryan chorou por dias, por meses, e todos acreditavam que o sofrimento era pela perda repentina do pai. Mas ele sabia que chorava de raiva, raiva por seu futuro feliz ter morrido junto com ele.

Nos dias que se seguiram ao acidente, antes de sair para ser encontrado por Anne, quase sem querer, na cozinha escura, Ryan se lembrava do seu pai e dos passeios de veleiro que eles nunca fizeram. Depois, ele pensava na vida feliz que planejava viver com a nova família e sentia a mesma raiva de outrora. Raiva por terem roubado novamente o seu futuro feliz.

E os dias foram se arrastando, cada vez mais tristes, até culminarem no inevitável 24 de dezembro, quando eles vivenciaram juntos o pior Natal de suas vidas. Mesmo com a presença de dona Eleanor, que foi para Brentford passar a data com eles, levando uma torta doce, uma salgada e um presente para Lisa, todos ignoraram que aquele era um dia festivo e fizeram questão de torná-lo o menos especial possível. Jantaram uma sopa rala com pão, beliscaram as duas tortas e recolheram-se cedo para seus quartos. Uma semana depois, na

virada do ano, ninguém estava com ânimo para festa. Dona Eleanor só apareceu no dia seguinte. Jantaram as sobras do almoço e foram dormir cedo novamente. Aquela seria a última noite de todos juntos naquela casa. Lisa havia sido liberada pelo pediatra para fazer a viagem de avião e já estava com o visto e o passaporte prontos.

Quando acordaram, Anne e seus pais terminaram de arrumar as malas e aguardaram até o final da tarde, ansiosos pela hora da partida. Quando o taxi chegou para levá-los ao aeroporto, dona Eleanor já estava lá, emocionada com a separação, disse adeus a todos, entre lágrimas. Pareceu especialmente difícil dizer adeus a Lisa. Ryan se despediu dos sogros, que insistiram, talvez apenas por educação, para que ele não se afastasse da família. Ryan consentiu com a cabeça e disse que os visitaria quando estivesse em Warren, certamente apenas por educação. Então, se virou para Anne e ficou observando com certa ternura aquele bebê tão inocente e tranquilo que dormia no colo da mãe. Sentiu inveja de sua inocência. Num ímpeto que ele havia reprimido durante todos aqueles dias, passou levemente o dorso da mão sobre o delicado rosto de Lisa, num gesto de

ternura do qual nem mesmo ele sabia ser capaz. Envolvido por aquele momento, olhou para Anne e disse uma frase que soou mais como um pedido do que como um adeus:

—Ela é o que restou de todos nós, Anne. Nosso presente e nosso futuro. Cuide bem dela.

Visivelmente constrangida e emocionada, Anne apenas movimentou levemente a cabeça, seu coração batia forte no peito, e se dirigiu para o taxi, onde os pais já a esperavam. Quando o carro virou a esquina e já não se podia mais ver Ryan e dona Eleanor, Anne despencou e chorou de verdade pela primeira vez desde o acidente.

9

DE VOLTA A WARREN

Logo que chegaram a Warren, no segundo dia de janeiro, Anne e seus pais assumiram, à força, o papel de anfitriões de um velório sem defunto. Diariamente, chegavam parentes e amigos, que se deparavam com aquela cerimônia tardia sem corpo, sem vela, sem padre, sem oração, sem discurso. Alguns apareciam para consolar, outros iam atrás de informação. Até a irmã de dona Laura que não dava as caras fazia cinco anos apareceu, com um pequeno bolo de frutas e uma enorme curiosidade. Depois de duas horas de interrogatório, ela disse que sentia muito e foi embora, levando um pedaço do próprio bolo de frutas e alguns salgadinhos.

Amigos de Claire, de infância e da faculdade, ex-namorados e aqueles que nutriram por ela uma paixão platônica também apareceram, aos bandos. Nathan chegou com outros três amigos, ficou andando de um lado para o outro da sala e logo foi embora. Não havia motivo para prolongar a visita. Também eram muitos os amigos de Anne que

apareciam para prestar suas condolências. Porém, para evitar o assédio dos mais curiosos, que tinham um sádico prazer em questionar sobre o acidente, e para fugir daqueles que insistiam em encher Lisa de beijos, Anne permanecia a maior parte do tempo reclusa em seu quarto, com a falsa desculpa de que estava amamentando a filha.

Depois de alguns dias, as visitas se tornaram raras e, de repente, cessaram de vez. Quando se viram sozinhos naquela casa silenciosa, Anne e os pais compartilharam o vazio da casa e um vazio no peito também. Sentiram até certo medo de não ouvirem mais a campainha, não enxugarem mais as lágrimas alheias, nem verem o entra e sai de pessoas colocando bolos e tortas sobre a mesa. Era o fim do velório que parecia interminável.

Sem saberem como lidar com a ausência de Claire, os pais falavam diariamente sobre ela, como se daquela maneira a mantivessem viva naquela casa e em suas vidas. Constantemente eles relembravam as coisas que Claire havia feito na infância, na juventude e até poucos meses antes. Naquelas lembranças, Claire aparecia ainda mais especial, mais bonita e mais inteligente do que realmente era. Anne fez o contrário. Tentou apagar

a irmã de sua memória e não tocou mais em seu nome, como se daquela maneira apagasse também sua dor e sua culpa. Tampouco falava do marido, do seu casamento ou dos meses na Inglaterra. Era como se não houvesse passado e ela tivesse nascido no dia do acidente, naquele mesmo dia que ela decidiu deliberadamente que havia nascido Lisa, a sua filha.

Dona Laura e o marido até tentavam conversar com Anne sobre o acidente e davam um jeito de introduzir o assunto durante os jantares. Mas sempre que faziam perguntas sobre o que havia ocorrido naquele fatídico dia, Anne ficava nervosa e se restringia a dizer o que vinha repetindo desde o início: que não se lembrava de nada. Certa de que a amnésia era temporária e consequência de um trauma psicológico, dona Laura insistia no assunto diariamente, imaginando que talvez um dia, de repente, ela recuperasse a memória e lhes descrevesse o acidente em detalhes, num misto de entusiasmo e sofrimento, ali na mesa do jantar, entre uma garfada e outra. Mas aquilo nunca aconteceu, e a amnésia se mostrou algo permanente.

Apesar de muitas vezes se sentir sufocada pela

intromissão e cuidados excessivos de sua mãe, Anne tinha mais motivos para agradecer do que para reclamar dela. Sem forças para cuidar de si mesma e, muito menos, da filha, Anne contava com a ajuda constante da mãe, que participava ativamente da criação da neta. O senhor John também logo se tornou peça fundamental na vida de Lisa. Apaixonado pela neta, ele devotou a ela o mesmo intenso amor que devotava sem culpa à sua caçula querida. Era como se de alguma forma, lá no fundo de seu peito, ele reconhecesse que Lisa era na verdade filha de Claire.

Não foram poucas as vezes que Anne deixou a filha aos cuidados de dona Laura e saiu para fazer longas caminhadas sem rumo, nas frias manhãs de inverno. Os pais não a impediam, apenas verificavam se ela estava com roupas adequadas para enfrentar as baixas temperaturas. Havia sempre uma esperança de que ela voltasse melhor para casa, de que talvez o vento gelado renovasse suas energias. Mas a única diferença quando ela chegava era o seu cansaço. Chegava exausta. Quando o inverno terminou e o sol da primavera passou a aquecer as manhãs, dona Laura se encheu de esperança. Talvez o desabrochar das flores

desabrochasse no peito da filha uma vontade de renascer. Mas nada mudou.

As caminhadas não estavam ajudando Anne, tampouco as amizades. Desde que retornou a New Jersey, Anne passou a receber com certa frequência a visita de vários amigos, tanto os mais antigos quanto os mais recentes, mas, aos poucos, quase todos foram se distanciando e deixando de aparecer. Porém, um pequeno grupo de amigas se manteve firme no propósito de animá-la e insistiam com frequência para que ela as acompanhasse em festas, bares e passeios no shopping. Anne recusava praticamente todos os convites, mas se esforçava para dar desculpas convincentes, um pouco por pura educação, um pouco por medo de que elas um dia desistissem de convidá-la e ela ficasse sozinha de vez. Em certa ocasião, uma das amigas de infância, Valerie, se irritou com o pouco efeito que as suas insistentes tentativas de reanimação estavam provocando em Anne e arremessou duras palavras em sua direção.

—Sabe o que eu acho, Anne?

Anne não respondeu, talvez porque não quisesse realmente saber. Mas ela continuou mesmo assim:

—Você deveria estar aliviada. Isso mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aliviada por estar finalmente livre da Claire e daquele seu casamento infeliz. Você deveria até agradecer.

As demais amigas ficaram mudas, aguardando pelo inevitável confronto. Pois nem bem Valerie terminou a última frase e Anne já estava em cima dela. Naquele momento, a deprimida e frágil Anne deu lugar a outra bem diferente, furiosa e decidida. Rapidamente, duas amigas apartaram a briga e, em seguida, todas foram embora, sem dar um parecer contrário ou favorável à atitude abusada de Valerie. Poucas retornaram. O incidente com a ex-amiga fez com que Anne se retraísse ainda mais e, se não fossem uma ou duas que ainda insistiram em manter as visitas regulares, o isolamento definitivo seria inevitável.

Então, Anne constatou da maneira mais cruel que aquele acidente estúpido havia levado embora seus dois únicos verdadeiros amigos de uma só vez. Irritada e amargurada, Anne voltou a ter perturbadores pesadelos, que a faziam vivenciar, como se fossem verdadeiras, cenas da irmã morta sobre as areias quentes de Belmar, enquanto as ondas iam e vinham, lavando seu corpo inerte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

10

A RECUPERAÇÃO

Passados alguns meses, sem nenhuma razão aparente, Anne finalmente começou a apresentar claros sinais de reação. Decidiu procurar emprego e passou a exigir menos a ajuda dos pais nos cuidados com Lisa. Já era setembro quando ela conseguiu um emprego em um pequeno escritório de Arquitetura, fato que colaborou para que ela retomasse as rédeas de sua vida e assumisse seu papel de mãe responsável.

No mês seguinte, mais uma novidade. Após um dia de trabalho, ela apareceu em casa com uma gata ainda filhote, toda branca, que nomeou, sem muita criatividade, Marie. Dona Laura não apreciou muito a iniciativa da filha, mas acabou concordando. O senhor John, que nunca havia demonstrado amor pelos animais domésticos, se afeioou ao bichano assim que ele colocou as quatro patas em sua casa. Anne ficou feliz com a aceitação do pai e até se arrependeu de não ter dado a ele a honra de escolher o nome do animal.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, Anne se demonstrou uma fonte inesgotável de novidades. No início de dezembro, mais uma surpresa, que dona Laura julgou a melhor de todas, disparada. Com o rosto mais corado, próprio dos apaixonados, ela avisou que estava namorando. O escolhido era um homem cinco anos mais velho do que ela, que morava a poucos quilômetros dali.

No sábado seguinte, um jantar especial com direito a um tardio peru de ação de graças foi servido ao escolhido de Anne. Dona Laura logo se encantou por aquele homem charmoso e educado que ela jurava ser o responsável pela definitiva recuperação da filha. Após quase um ano de namoro, eles resolveram se casar e anunciaram a decisão na festa de aniversário de dois anos de Lisa. No mês seguinte, estavam casados.

O matrimônio e a maternidade tardiamente assumida estavam fazendo bem para Anne que, apesar de nunca ter voltado a ser a Anne de antes do acidente, passou a fazer um enorme esforço para deixar de ser a Anne deprimida e descontrolada que surgiu logo após aquela tragédia. Era importante que a vida seguisse para que Lisa crescesse em um ambiente feliz e saudável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

11

A VISITA DE RYAN

Quando Anne e a família dela saíram de sua casa, Ryan desejou que os laços que o ligavam àquelas pessoas fossem embora com eles naquele taxi, para sempre. Nos anos seguintes, ele não os procurou nem mesmo nas vezes em que esteve em Warren a trabalho. Porém, naquela sexta-feira, dia 29 de maio de 1992, mais de dois anos após o acidente, ele chegou a Warren com uma necessidade urgente de falar com Anne.

No dia anterior, logo cedo, ele havia encontrado aquele envelope com o selo da maternidade na sua caixa de correspondências. Após conversar com a enfermeira que o havia enviado, Ryan avisou na empresa que não iria trabalhar naquele dia e nem no dia seguinte. Comprou uma passagem para Warren para aquela mesma noite, sem data de retorno, avisou sua mãe que iria viajar a trabalho e se preparou para o confronto.

Na sexta-feira, logo que chegou em Warren, Ryan foi até a casa dos pais de Anne, para onde ela

havia se mudado ao sair de Brentford, torcendo para que eles ainda residissem lá. Ao tocar a campainha sua respiração estava ofegante. Quem abriu a porta foi a ex-sogra, que o recebeu com espanto e simpatia:

—Ryan, meu querido. Finalmente veio nos visitar.

—Oi, dona Laura. Preciso falar com a Anne, ela está?

Incomodada com a postura séria e a voz aflita de Ryan, dona Laura ficou um pouco desconcertada e o convidou para entrar.

Sem se mostrar mais simpático ou menos nervoso, ele insistiu em sua pergunta:

—Ela está?

—Entra, Ryan. A Anne não mora mais aqui. Ela se casou e agora mora a algumas quadras daqui.

Percebendo que ele não entraria, ela deu as costas e continuou falando enquanto se afastava:

—Espera que eu vou anotar o endereço.

Após alguns minutos, dona Laura voltou com um pequeno pedaço de papel onde havia escrito o endereço da filha. Em posse do papel, Ryan saiu rapidamente, mal se despedindo e recusando o convite para um café. Ele tinha pressa, estava quase

PERIGOSAS NACIONAIS

dois anos e meio atrasado.

PERIGOSAS ACHERON

12

UM ENVELOPE PARA ANNE

Naquela manhã Anne acordou um pouco indisposta, com a cabeça pesada, consequência de uma noite mal dormida, agitada por um pesadelo que há muito tempo ela não tinha. Aquele antigo pesadelo de Claire sendo afogada nas águas de Belmar. Talvez o ressurgimento daquelas imagens assustadoras, quase reais, durante seu sono fosse o prenúncio do que estava por vir naquele dia. Mas Anne nem imaginava o que a aguardava quando a campainha tocou umas 7h30 da manhã, exatamente no momento que ela havia voltado de levar Lisa na escola e estava se preparando para ir ao escritório. Nem bem tinha entrado em casa quando voltou para abrir a porta, certa de que seria sua mãe com algumas frutas, algum doce ou alguma novidade que quisesse contar longe da presença do marido, coisa que acontecia com certa frequência.

Mas, para sua surpresa, quem estava diante de sua porta era Ryan, que ela não via desde aquele primeiro dia do ano de 1990, quando ela, Lisa e

seus pais deixaram Brentford para retornarem aos Estados Unidos.

Assim que viu Anne, o corpo de Ryan estremeceu de raiva. Sem cumprimentá-la, ele foi perguntando em tom áspero e ameaçador:

—Onde está Lisa?

Confusa com aquela visita inesperada e com o jeito irrequieto de Ryan, Anne pediu que ele entrasse. Mas nem foi preciso, antes que ela terminasse de convidar ele já estava na sala.

—Onde está Lisa? — perguntou novamente, enquanto olhava para a gata, que fugia assustada para o corredor que levava aos quartos.

—Ela está na escola. O que foi? Você está bem?

Contrariado com a resposta, Ryan olhou para ela e lhe entregou um envelope.

—O que é isso, Ryan?

Ele permaneceu em silêncio. Parecia furioso. Sem ouvir resposta, Anne abriu o envelope e tirou de dentro dele outro, já aberto anteriormente. Neste último, ela viu o selo da maternidade e sentiu um arrepio na espinha. “O que seria?”, pensou. Depois olhou para Ryan, que apenas a encarava, de pé, no centro da sala. Curiosa e apreensiva, ela retirou de dentro do envelope uma fotografia. A imagem

mostrava em plano médio, da cintura para cima, ela e Claire segurando cada uma a sua filha recém-nascida. Anne, então, se lembrou do exato momento em que uma enfermeira havia imortalizado aquele instante com sua velha máquina fotográfica, minutos antes de deixarem a maternidade. Confusa, Anne se sentou no sofá e olhou para Ryan, que se sentou na poltrona à sua frente e ficou olhando fixamente para ela, sem dizer uma só palavra.

Com medo de ouvir uma resposta para a sua pergunta, ela arriscou. Não tinha outra saída.

—O que é essa fotografia, Ryan? É uma lembrança para mim? Não sabia que você tinha esta fotografia.

Ryan não moveu um milímetro na intenção de responder àquelas perguntas. O silêncio e a tensão daquele momento eram tantos que Anne pôde ouvir a respiração ofegante de Ryan e o seu próprio coração batendo agitado dentro do peito. Então, Ryan passou as mãos pelos cabelos três vezes, chegou a separar os lábios, como se fosse enfim dizer alguma coisa, mas hesitou. Deu um longo suspiro e se manteve calado, só aguardando.

Naquele momento, Anne constatou aterrorizada

que talvez a situação fosse realmente tão grave quanto ela imaginava e teve a certeza de que ele não havia ido até lá com aquela fotografia para recordarem juntos da desgraça mútua ou chorarem abraçados pelos entes perdidos. Alguma coisa estava errada. Muito errada. Aquela fotografia não era uma lembrança para ela, mas ela ainda não sabia o que era, e aquilo a atormentava. Resolveu olhar novamente para aquele retrato, tentando encontrar nele algo que comprovasse o seu delito, até que algumas lágrimas começaram a escorrer molhando a fotografia, tornando-a, de repente, ainda mais assustadora. “Ele descobriu. Ele descobriu. Como? Elas eram tão pequenas e até parecidas. Não é possível que depois de tanto tempo ele consiga saber que Lisa está no colo de Claire”, pensava.

Ryan, então, se levantou da poltrona fingindo total controle da situação, tirou de seu bolso um saquinho de tecido e o entregou a Anne. Com as mãos trêmulas e vacilantes, ela o pegou e retirou de dentro dele um pequeno laço cor de rosa e um par de brincos de pérola. Instantaneamente ela reconheceu o presente que Eric havia comprado para a filha meses antes do seu nascimento. Com

medo de confirmar o que ela já sabia, voltou a olhar para a fotografia e viu sua filha recém-nascida com os brincos e o laço cor de rosa, os mesmos que naquele momento estavam apertados em suas mãos trêmulas e suadas. Lá estava a prova da sua infração. Ela nem respirava, muda, como se daquela forma pudesse adiar para sempre o que estava por vir.

Finalmente, Ryan saiu de seu silêncio e resolveu despejar sobre ela de uma vez só tudo o que estava entalado em sua garganta desde o dia anterior:

—O profissional que liberou os corpos para o velório me entregou esse saquinho. Disse que minha filha estava com eles quando ela foi retirada já morta do carro. Perguntou inclusive se eu queria a roupa cor de rosa.

O silêncio incômodo voltou a tomar conta da sala. Percebendo que Anne não parecia disposta a se justificar ou a explicar suas razões, ele continuou, enquanto andava impacientemente de um lado para o outro da sala.

—Quem estava usando uma roupa cor de rosa, estes brincos e este laço naquele dia, Anne? A minha filha ou a sua? — perguntou Ryan, levantando a voz.

Mas Anne não levantava a cabeça. Sentada no sofá, ela permaneceu calada, pensando em qual seria a melhor forma de responder àquela difícil pergunta. Ela havia fugido daquele confronto por anos, torcendo para que ele nunca acontecesse, mas ela sabia que não podia mais negar o seu crime imperfeito. Por mais que ela tentasse criar histórias mirabolantes que negassem a troca dos bebês, seu nervosismo e seu silêncio já a haviam denunciado. Pressionada pela impaciência de Ryan, ela começou a pensar na melhor maneira de fazê-lo compreender sua atitude e aceitar aquilo que ela estava prestes a revelar. Mas as palavras pareciam não chegar até sua boca.

Ryan, que andava pela sala repetindo a sua última pergunta, parou, se ajoelhou na frente de Anne e ergueu a cabeça dela com as mãos para que pudesse olhar diretamente nos seus olhos. Conseguindo se desvencilhar, Anne se levantou do sofá, deu alguns passos e se virou para ele, confirmando, enfim, o que ele já sabia:

—Você está certo, Ryan, a Lisa não é minha filha. Ela é a Christie, filha da Claire.

Ryan permaneceu imóvel no chão da sala, como um lutador cansado que recupera o fôlego para em

seguida se levantar e comemorar a vitória. Mas Anne não parecia ter jogado a toalha. Tentando fazê-lo compreender a sua atitude e até cogitando um merecido perdão, ela continuou, revelando algo que ele nem imaginava:

—Eu não queria te contar isso, Ryan. Eu sei que vai ser difícil, mas você vai ter que entender. Lisa não é sua filha.

Silêncio.

—Claire estava tendo um caso quando engravidou.

Ryan se levantou rapidamente do chão e avançou para cima de Anne como se fosse atacá-la violentamente.

—Como? De quem? Quem é ele?

—Não sei, Ryan. Ela só me contou quando soube que estava grávida. Acho que até se arrependeu de ter me contado e nunca mais falou nada. Ela se sentia muito envergonhada.

—Fale a verdade, Anne. Não posso acreditar nisso—disse Ryan em desespero, se negando a acreditar nas revelações de Anne.

Mas ela manteve sua posição e respondeu com convicção:

—Essa é a verdade, Ryan. Eu sinto muito.

—Você não o conheceu? Fale a verdade, Anne.

—Não, Ryan, eu nem o conheci. Ela ficou com ele por pouco tempo. Foi um caso rápido, sem importância. Por que eu esconderia isso agora?

—Sem importância? Eles tiveram uma filha—gritou, assumindo um tom quase sarcástico.

Anne ficou muda, não tinha como rebater aquela afirmação. E Ryan continuou o interrogatório:

—Mas ela tinha certeza de que a filha era dele?

—Sim, ela me disse que tinha certeza.

Ryan começou a dar voltas pela sala, passando constantemente as mãos pelos cabelos. Sentia dores no estômago, nas costas, na cabeça. Na verdade, sentia como se o corpo todo tivesse sido virado do avesso. Refez suas perguntas e ouviu novamente as mesmas respostas. Não via escapatória para a realidade que se apresentava à sua frente. Irritado e desnortado, pegou a fotografia, os brincos, o laço e se dirigiu à porta. Sem se despedir, mal olhou para Anne e foi embora.

Ao chegar ao hotel, seu corpo, antes revirado do avesso, agora tremia. Sentou-se na beirada da cama e ficou pensando na sua recente descoberta. Teve pena de si mesmo. Sentiu como se o futuro feliz

que imaginava ter perdido após a morte de Claire e de Christie já nem fosse dele antes mesmo de ter sido roubado pelo destino. E a raiva de outrora voltou com ainda mais força. Naquele momento, ele decidiu que descobriria quem era o amante de Claire para entregar a ele toda a sua raiva e a sua frustração.

13

A INVESTIGAÇÃO

Assim que deixou a casa de Anne, Ryan comprou sua passagem de volta à Inglaterra, mas ele não estava satisfeito com as insuficientes explicações que Anne havia lhe dado. No sábado, assim que chegou em Brentford, ele ligou para dona Laura e pediu que ela lhe desse o telefone de Anne, acreditando que se utilizasse palavras firmes e ameaçadoras talvez ela resolvesse se abrir com ele e lhe contasse os segredos mais sórdidos que Claire havia confidenciado somente a ela. Mas ele logo percebeu que sua tática não daria certo. Nervosa e falando baixo para que seu marido não a ouvisse, Anne foi ainda mais firme e ameaçadora do que ele. Sem meias palavras ela negou veementemente que tivesse detalhes sobre a traição de Claire e exigiu que ele não a procurasse mais para falar daquele assunto.

Sem perspectiva de conseguir alguma nova informação com Anne, Ryan cogitou ligar para sua mãe para perguntar se ela havia notado algo

PERIGOSAS ACHERON

suspeito nos dias em que havia estado em sua casa na companhia de Claire, mas logo desistiu da ideia, acreditando que ainda era cedo demais para envolvê-la em suas terríveis e recentes descobertas.

Decidido a não depender da ajuda de mais ninguém, Ryan iniciou uma desesperada investigação solo. Ele sabia que não havia restado muita coisa de Claire naquela casa, além de alguns livros esquecidos na estante do escritório. Começou por eles. Pegou um por um e os folheou, sacudindo-os no ar, desejando que em algum momento uma carta comprometedor, de repente, caísse no chão. Mas caíram apenas velhos marcadores de livros e algumas páginas que não resistiram àquela grosseira inspeção. Desistiu dos livros, mas não de sua busca.

Entusiasmado, se lembrou de uma caixa com alguns pertences de Claire que havia sido encontrada no armário do quarto algumas semanas após o acidente. Nem mesmo ele sabia o porquê de ter mantido aquela caixa intacta na prateleira mais alta do guarda-roupa, mas naquele momento ela se tornou um item vital, de extrema importância para a sua investigação. Tomado por um exacerbado otimismo, ele julgou que encontraria ali algum

diário ou anotação com confissões explícitas, cartas de amor ou fotografias comprometedoras. Mas logo foi perdendo sua euforia e constatando que nada ali serviria como prova de adultério. Encontrou apenas fotografias de família, cartões comemorativos que ela havia recebido de parentes e amigos, além de poesias que ela havia datilografado em sua máquina de escrever, que inclusive se encontrava guardada, também esquecida, na prateleira mais alta do guarda-roupa. Num lapso de insanidade, chegou a cogitar vasculhar arquivos secretos no computador, mas logo se lembrou de que o aparato recém-adquirido não estava ali quando Claire frequentava aquele escritório.

Mantendo uma boa dose de otimismo, Ryan começou a revirar os demais armários da casa, começando pelos quartos, passando pela sala, pelos banheiros e terminando na cozinha. Abriu e fechou gavetas, olhou embaixo e atrás de móveis, procurou fundos falsos em gavetas, ergueu vasos de plantas e revirou o colchão. Mas não encontrou nada.

Parou por alguns instantes e começou a vasculhar sua própria memória, tentando se lembrar se os pais de Claire haviam levado com eles alguma coisa da filha que pudesse conter evidências de sua

conduta imoral. Logo se recordou de que dona Laura havia ficado apenas com algumas joias da família e que o senhor John havia mostrado interesse em alguns livros, mas nada que justificasse a necessidade de questioná-los. Então, Ryan se lembrou do livro que Claire estava escrevendo e que ele nunca havia tido a curiosidade de procurar, nem mesmo após o interesse demonstrado pelo senhor John logo após a morte da filha. Imaginou que talvez ele o tivesse encontrado, mas não considerou questioná-lo, pois sabia que o romance de Claire em nada o ajudaria naquela busca.

Ao final do dia, em meio à desordem de sua casa e de sua vida, apenas uma constatação: Claire era muito precavida. Naquela casa não havia nenhuma pista a ser encontrada.

14

UMA PISTA

No dia seguinte à sua busca fracassada, Ryan acordou com fortes dores de cabeça, como se estivesse sendo punido por uma noite cheia de excessos. O que não era exatamente uma mentira. Era domingo, e ele estava impaciente. Pensou em ir à casa de sua mãe para almoçar, mas desistiu porque sabia que seria inevitável dividir com ela os problemas que o afligiam naquele momento. E aquilo ele não queria. Não por julgar que ela não estivesse preparada para ouvir suas revelações, mas porque ele não se sentia preparado para falar sobre aquele assunto e nem possuía a paciência necessária para a enxurrada de perguntas que viria após seu trágico relato.

Como ele sempre fazia quando algo o atormentava, vestiu sua roupa esportiva e saiu para caminhar no parque que ficava próximo à sua casa. Após algumas voltas andando e outras correndo, exausto, com a roupa molhada de suor, Ryan parou na lanchonete do parque para se hidratar e

recuperar o fôlego. Enquanto bebia sua água, ele ficou observando um mural na parede ao lado da mesa onde estava. Mesmo sem muito interesse nos papéis que balançavam toda a vez que alguém abria a porta do estabelecimento, um folheto que convidava os amantes da leitura a participarem dos encontros do Clube do Livro chamou a sua atenção.

Imediatamente, ele se lembrou de que Claire havia comentado sobre um tal clube de leitura que ela frequentava semanalmente e seu coração acelerou ainda mais o ritmo já descompassado. Censurando a si mesmo por sua fraca memória e pela pouca atenção que dava aos assuntos da esposa, ficou se perguntando se seria aquele o tal clube e se Claire teria encontrado alguém lá. Enquanto aquelas perguntas vinham à sua cabeça, Ryan arrancou uma filipeta com o endereço. Sentiu uma onda de calor pelo corpo e um novo suor molhou sua camiseta, agora um suor febril. Ele estava agitado, tinha a certeza de que estava prestes a desvendar aquele mistério. Antes de sair da lanchonete, ele leu novamente o folheto e se certificou de que os encontros aconteciam às quintas-feiras, às 18h. Ele estava decidido a comparecer àquele clube na hora marcada. O difícil

PERIGOSAS NACIONAIS

seria aguardar mais quatro dias.

PERIGOSAS ACHERON

15

O CLUBE DO LIVRO

Na segunda-feira, evitando dar explicações sobre sua ausência nos últimos dois dias da semana anterior, Ryan mergulhou em seu trabalho e colocou todas as suas obrigações em dia. Passou aquela semana inteira inquieto, pensando no tal compromisso literário, sem imaginar sequer o que se fazia em um clube do livro.

Quando a quinta-feira finalmente chegou, Ryan deixou a empresa um pouco mais cedo do que o habitual, chegando ao endereço indicado no folheto, dez minutos antes das 18h, completamente despreparado. Assim que chegou à porta da ampla sala, seus olhos começaram a percorrer o local, analisando de cima a baixo cada um dos oito presentes. Em sua primeira análise visual, decepção, não encontrou ninguém que se encaixasse no seu estereótipo de amante de Claire, ninguém que, à primeira vista, levantasse alguma suspeita. Assim que o viu postado na frente da porta, quase impedindo a passagem das pessoas,

Diana, a orientadora do encontro, foi até ele e se apresentou:

—Bem-vindo, meu nome é Diana. Sou a orientadora do encontro— disse, conduzindo-o para o interior da sala.

—Ryan— respondeu, já se preparando para a sessão de perguntas que havia preparado para a ocasião:

—A senhora é orientadora destes encontros há muito tempo?

—Sim, há cinco anos.

—Então, a senhora conheceu Claire?

Ao ouvir aquele nome, Diana pareceu surpresa e desconcertada. Encarou seu interlocutor por alguns segundos, franziu as sobrancelhas e, depois, ao invés de responder, perguntou:

—Claire, a escritora? A moça do acidente? Era sua conhecida?

Naquele momento, Ryan se deu conta de que havia pensado nas perguntas que faria, mas havia se esquecido completamente de formular as suas próprias respostas. Ele definitivamente não estava interessado em falar sobre seu trágico passado e tampouco em revelar seu deprimente papel de homem traído. De repente, Diana interrompeu seus

pensamentos:

—Senhor Ryan. É esse o seu nome não é?

—Sim, pode me chamar de Ryan. Quer dizer, sim, Ryan— respondeu, atrapalhado. E, então, improvisou, sem muita convicção:

—Eu queria saber se ela vinha aos encontros acompanhada, se havia conhecido alguém importante aqui no clube. É para uma homenagem.

—Ah sim, entendo. Ela sempre chegava e saía sozinha, não acredito que tenha feito grandes amizades aqui. Ela conversava mais com uma moça que hoje mora na Colômbia. Peço desculpas por não poder ajudar mais e sinto muito pela sua perda— disse Diana, finalizando a conversa rapidamente para iniciar a reunião.

Quase decidido a ir embora, Ryan acabou escolhendo uma cadeira entre as dez colocadas em um grande círculo e se dirigiu até ela, vacilante. Quase ao mesmo tempo em que ele se sentava, um homem alto com os cabelos loiros alisados para trás ocupou a cadeira ao seu lado.

—Boa noite. Sou o William— disse, estendendo a mão.

—Ryan— respondeu, dando um firme e demorado aperto na mão de William.

Olhando com atenção cada centímetro do seu rosto e analisando a sua postura corporal, Ryan julgou estar diante do primeiro suspeito em potencial.

—Você tem o livro?— perguntou William.

—Livro, que livro? — respondeu Ryan, já certo de que a noite seria longa.

—Madame Bovary, de Gustave Flaubert. É o livro que estamos analisando.

—Acho que não vim preparado— disse, desconcertado.

—Acompanhe comigo— sugeriu William, enquanto empurrava o livro para perto de Ryan.

Logo, Diana começou a falar da obra de Gustave Flaubert e da famosa história de traição conjugal protagonizada pela personagem Emma. Nem um pouco interessado em analisar aquele incômodo tema na tal obra literária, Ryan se perdeu em seus próprios pensamentos. Até que uma moça, sentada duas cadeiras à sua direita, se levantou e falou em voz alta:

—Em vários trechos do livro é perceptível o descontentamento de Emma com seu casamento. Vou ler uma passagem para que fique claro meu ponto de vista.

“Antes de casar, Emma julgara sentir amor; mas a felicidade que deveria resultar desse amor não aparecera, pelo que se deveria ter enganado, pensava ela. Procurava agora saber o que se entendia, ao certo, nesta vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que, nos livros, lhe haviam parecido tão belas.”

Enquanto olhava para a jovem, que lia com tanta paixão, Ryan se questionou se Claire era feliz com ele e chegou até a sentir remorso, tomando para si a responsabilidade pelo ato falho da esposa. De repente, ele foi despertado novamente de seus pensamentos.

—Mas temos que levar em consideração que Emma não era uma mulher fácil de ser agradada— afirmou o rapaz à frente de Ryan, do outro lado do círculo.

—Com certeza— disse Ryan de forma enfática, sem perceber que pensava em voz alta.

Um silêncio incômodo tomou conta da sala. Ryan se retraiu ainda mais na cadeira.

—Continue David— solicitou Diana.

—Pois bem, lerei um trecho.

“Tinha necessidade de tirar de tudo uma espécie de benefício pessoal e rejeitava como inútil o que

quer que não contribuísse para a satisfação imediata de um desejo do seu coração - tendo um temperamento mais sentimental do que artístico e interessando-se mais por emoções do que por paisagens.”

Após aquela leitura, Ryan imaginou que talvez os papéis daquelas personagens literárias lhes coubessem perfeitamente e sentiu que sua história também poderia se transformar em um livro no futuro.

—Pausa para um café— disse Diana, despertando Ryan, novamente.

William logo se levantou e foi até a máquina de café localizada mais no fundo da sala. Ryan foi atrás dele. Assim que o alcançou, Ryan perguntou, com ar distraído, como se quisesse apenas puxar conversa:

—Há quanto tempo frequenta este grupo?

—Faz alguns anos. Antes eu gostava mais de vir. Me divertia mais.

Parou, tirou o café da máquina, sorveu o primeiro gole e continuou:

—Comecei a vir por causa da minha namorada. Mais um gole.

—Hoje venho sozinho e, por isso, já não é tão

bom.

Ao ouvir aquele relato, dito quase como uma confissão, Ryan sentiu um frio na barriga e uma excitação quase mórbida. Pegando um biscoito amanteigado de dentro de um pote, William continuou:

—Ela arrumou um emprego em Londres e não consegue mais chegar a tempo.

Ryan hesitou em sua excitação e seus olhos, de repente, perderam o brilho. Indeciso quanto à veracidade daquela última afirmação, ele ficou olhando fixamente para William, tentando identificar em sua feição algo que denunciasse que ele estava mentindo. Então, Diana pediu que todos retornassem aos seus lugares para darem continuidade às leituras. William voltou para sua cadeira, e Ryan, sem tomar o café que esfriava na saída da cafeteira, o acompanhou. Após longos trechos e análises de Madame Bovary, a reunião chegou ao fim.

—Por hoje é só. Não se esqueçam de que na semana que vem não teremos o encontro na quinta-feira e que o Entre Livros será na sexta. Leiam as informações aqui no panfleto e não se esqueçam de levar um livro— avisou Diana, enquanto todos já se

preparavam para ir embora.

—Entre Livros? — perguntou Ryan, confuso.

—Sim. Todos os anos, no mês de junho, acontece esse evento em um restaurante aqui no final da rua. Fazemos uma troca de livros, é bem divertido. Não acredito que você não sabia. Muitas pessoas participam do clube só por causa deste encontro.

Antes de sair, Ryan anotou o local e horário do evento e se apressou para alcançar William, que já estava entrando em seu automóvel. Sem perdê-lo de vista, Ryan o seguiu até sua casa, localizada a poucos quarteirões dali. Ao chegar em uma bonita casa verde, William abriu o portão, estacionou o carro e foi recebido por seu cão, que abanava o rabo freneticamente.

Imaginando que talvez conseguisse confirmar a existência ou não da tal namorada, Ryan permaneceu ali por uns quinze minutos, até que viu outro carro se aproximando devagar da mesma casa esverdeada. Ryan se encolheu em seu banco e ficou observando atentamente. Quando o carro virou para entrar na garagem, ele conseguiu ver que uma mulher estava ao volante, certamente a tal namorada que trabalhava em Londres. Ryan, que

PERIGOSAS NACIONAIS

até poucos minutos se julgava um detetive com grandes chances de êxito, passou a se sentir um estúpido, com claras evidências de fracasso. Irritado, ligou o carro e foi para casa.

PERIGOSAS ACHERON

16

UMA TESTEMUNHA

Ryan chegou em casa inconformado com os resultados nulos obtidos naquele encontro literário. Envergonhado por sua atitude juvenil, quase infantil, e desanimado pela falta de pistas, ele foi dormir pensando em desistir de sua busca e se esquecer de vez de seu passado sombrio. Mas ele não parecia nada convicto daquela decisão quando acordou no dia seguinte. Como um novo homem, ele despertou com as forças e as esperanças renovadas. Como se houvesse se esquecido da noite anterior, que iniciou com um interrogatório constrangedor e terminou com uma perseguição ridícula, ele decidiu arriscar ainda mais naquela investigação. Era tudo ou nada.

Como sua mãe costumava visitar Claire durante suas viagens, Ryan acordou decidido a envolvê-la um pouco naquela história. Certo de que dona Eleanor era uma importante testemunha a ser ouvida, Ryan a convidou para um chá da tarde no dia seguinte. Mesmo sendo um convite em cima da

hora, ela nem cogitou recusá-lo.

Na tarde de sábado, após pegar a mãe em casa, Ryan passou o caminho todo falando sobre coisas banais e até sem sentido, estava guardando o assunto constrangedor para o momento certo, quando estivessem tranquilos e bem acomodados na refinada confeitaria. Bom, bem acomodados eles logo se sentiram, porém, tranquilo, Ryan certamente não ficaria. Entre um gole e outro de chá, ele resolveu introduzir o tema daquele encontro:

—Mãe, a senhora alguma vez desconfiou de que Claire me traísse?

Espantada com a pergunta, ela apoiou abruptamente a xícara sobre o pires, quase derrubando seu conteúdo.

—Como assim, meu filho?

—Isso mesmo, mãe. A senhora conheceu algum amigo dela, alguma vez percebeu alguma conversa estranha ao telefone, alguém a procurou, mandaram alguma carta, bilhete, entregaram flores, chocolate?

Enquanto elencava todas as possíveis e impossíveis situações suspeitas, sem pausa para tomar fôlego, Ryan utilizou um tom de voz dissimuladamente calmo, que fazia parecer que ele

estava apenas levemente curioso. Sua mãe franziu o cenho e ficou olhando para o filho, confusa.

—Não, nunca nem imaginei nada assim. Não aconteceu nenhuma dessas coisas. Mas por que isso agora?

Tardiamente arrependido por ter envolvido sua mãe naquela história, Ryan começou a pensar em uma maneira de dar aquele assunto por encerrado, mas foi impossível fazê-la se conformar com seu abrupto silêncio e com a sua inaceitável falta de informação. Dona Eleanor insistiu naquela conversa até o último gole de chá, e Ryan foi ficando mais arrependido a cada minuto.

Quando finalmente deixou a mãe em casa, ele se sentiu aliviado e, ao mesmo tempo, irritado por sua decisão precipitada. Ao chegar em Brentford, sua cabeça pulsava em cima do pescoço. Tomou um banho e foi para seu quarto, decidido a se refugiar debaixo das cobertas, quando ouviu o telefone. Ao ouvir a voz de dona Eleanor do outro lado da linha, Ryan teve ímpetos de fingir uma queda de ligação, mas desistiu, suspeitando que ela ligaria novamente, insistentemente. Após se identificar, ela foi logo falando:

—Eu estava pensando naquilo que você me

perguntou hoje. E eu me lembrei de uma coisa. um pouco estranha no dia da festa da empresa.

—Que festa?—perguntou, incrédulo.

—Aquela festa da premiação, alguns meses antes do acidente. Um moço passou por nós e foi uma situação um pouco estranha.

—Estranha? Por quê?

—Ele ficou meio desconcertado quando a viu. Pareceu até meio assustado. Ele olhou pra ela como se a conhecesse, mas saiu sem cumprimentá-la.

—Do que mais a senhora se lembra? Como ele era? — perguntou, com o interesse readquirido.

—Foi muito rápido. Não me lembro muito bem. Notei também que assim que ele saiu, a Claire e a Anne se olharam meio aflitas.

—Como ele era?

—Era normal. Nem alto nem baixo, nem magro nem gordo. Cabelos e os olhos castanhos, acho. Era bonito.

—Se a senhora se lembrar de mais alguma coisa, me liga, nem que seja de madrugada. Amanhã vou pedir para ver as fotografias do evento.

Ao desligar o telefone, Ryan ficou por horas imaginando quem seria o tal homem normal. Onde ele e Claire teriam se conhecido? Ele trabalhava na

PERIGOSAS NACIONAIS

empresa? Anne também o conhecia? Adormeceu sem respostas.

PERIGOSAS ACHERON

ENTRE LIVROS

Ryan parecia especialmente afobado para chegar à empresa naquela quente manhã de segunda-feira. Assim que colocou os pés do prédio, antes mesmo de ir para a sua sala, no segundo andar, ele seguiu pelo longo corredor do andar térreo e foi direto ao departamento de Marketing. Assim que chegou na sala abarrotada de caixas, Ryan solicitou à estagiária Kate que lhe emprestasse as fotografias do evento de premiação, ocorrido em setembro de 1989. Sem questionar seu interesse, ela logo prometeu que as entregaria ainda naquele dia. E assim o fez. Algumas horas depois, Kate apareceu com um imponente álbum vermelho com cerca de 200 fotografias.

Sozinho em sua sala, Ryan olhou cada uma das imagens, procurando com os olhos frenéticos por alguma que mostrasse Claire na companhia de um bonito homem suspeito, nem alto nem baixo, nem magro nem gordo, com cabelos e olhos castanhos, normal, como havia definido sua mãe. Após olhar

minuciosamente as 200 fotografias, ele constatou que Claire aparecia em apenas duas delas, sempre ao seu lado, sorridente, linda e fotogênica. Anne havia sido fotografada apenas uma vez, ao lado de Eric e de dona Eleanor. Quanto ao amante, muitos homens lhe pareceram suspeitos, mas nenhum poderia ser condenado precipitadamente apenas por sua aparência subjetivamente normal e bonita. Conclusão: a pista de sua mãe não o havia levado ao desfecho desejado. Ao final da tarde, devolveu o álbum, frustrado.

Quando chegou em casa, mal colocou os pés na sala e ouviu o telefone tocar. Era a sua mãe, curiosa para saber se ele havia tido sucesso com as fotografias. Sem muita paciência para sua curiosidade e sem ânimo para falar sobre aquele assunto, Ryan logo encerrou a conversa, dizendo secamente que não havia encontrado nada e que não queria mais falar daquele assunto.

Assim como havia dito para sua mãe no telefone, nos dias que se seguiram Ryan evitou falar naquele assunto até consigo mesmo. Porém, apesar de o tal evento do livro estar relacionado, mesmo que indiretamente, ao assunto momentaneamente proibido, na sexta-feira, Ryan

acordou decidido a comparecer ao encontro. Talvez por suspeitar que ainda pudesse descobrir alguma coisa ou apenas por acreditar que seria uma boa oportunidade para se distrair. Independentemente do motivo, o fato é que ele saiu mais cedo da empresa, comprou um livro qualquer e, às 18h15, estava na porta do restaurante. Logo que entrou, viu William acenando para ele e foi em sua direção. Assim que cumprimentou William e os demais da mesa, Ryan notou que um rapaz fazia fotos do pessoal do clube, disparando flashes freneticamente para todos os lados.

—Por que ele está fazendo fotos?

—Eu te falei que esse evento era importante, Ryan. Todos os anos a Diana contrata um fotógrafo para registrar tudo— respondeu William, claramente empolgado.

Ao ouvir aquilo, Ryan sentiu seu lado detetive assumir seu corpo novamente. Seus olhos ganharam novamente aquele brilho radiante, e a momentânea tranquilidade cedeu espaço à ansiedade. Foi inevitável considerar que aquele fotógrafo poderia ter registrado sua esposa com o amante naquele mesmo lugar anos atrás. Ele já tinha as mãos suadas quando Diana se aproximou

de sua mesa. Sem nem cumprimentá-la apropriadamente, Ryan iniciou um novo interrogatório:

—A senhora tem as fotografias dos eventos anteriores?

Reconhecendo nele o detetive de outrora, ela respondeu com um leve sorriso no canto na boca.

—Tenho sim. Tenho dos cinco anos, guardo todas.

—Será que a senhora pode me mostrar?— questionou, se levantando da cadeira e se aproximando dela para mostrar o seu urgente interesse naquelas fotografias.

—Sim, eu posso levar no próximo encontro.

—No próximo eu não estarei. Pode ser hoje?— insistiu, sem notar que a constrangia.

Sem saber como negar o pedido, Diana concordou em pegar os álbuns no clube após o término do evento. Quando todos do grupo já haviam ido embora, Diana e Ryan seguiram até o salão do clube. Após alguns minutos, ela voltou dos fundos com os álbuns nas mãos. Ryan pegou logo o de 1988, ano em que Claire havia se mudado para Brentford. Após olhar as imagens uma a uma, percebeu que ela não havia participado do encontro

daquele ano. Restava apenas uma chance: o evento de 1989. Folheando o álbum de 1989, Ryan logo identificou Claire conversando com um rapaz. “É ele”, pensou. Ambos não pareciam muito à vontade com a presença do fotógrafo nem com o flash da câmera. Apontando para o rapaz, Ryan perguntou:

—Quem é ele?

—Deixe-me ver— respondeu Diana, pegando o álbum das mãos de Ryan. Então, disse com convicção:

—Não o conheço, ele não frequentou o clube. Devia estar no restaurante naquele dia. Eu me lembraria dele se tivesse participado das nossas reuniões.

Ryan ficou confuso. Continuou virando as páginas, tentando encontrar alguma fotografia que mostrasse melhor o rosto do homem que conversava com Claire. Virava as páginas com uma ansiedade quase violenta. Diana observava espantada. Então, Ryan encontrou uma imagem em que ele aparecia em uma posição mais favorável, de frente, com a luz batendo levemente em seu rosto. Uma excitação hesitante se apossou de Ryan. O homem retratado naquela imagem se parecia com a descrição um tanto genérica de dona Eleanor. Ryan

sentiu que tinha finalmente um suspeito em suas mãos e pediu para ficar com a fotografia. Diana consentiu com a cabeça.

Quando já ia devolver o álbum, Ryan virou a última página e viu uma fotografia de Anne e Claire juntas em uma mesa. Confuso por ver Anne no evento, Ryan perguntou a Diana se ela a conhecia:

—E ela, a senhora conhece?

Diana ficou encarando Ryan por um breve instante, sem entender o sentido daquela pergunta.

—Eu não me lembro do nome dela, mas a Claire me apresentou como sendo a irmã dela. Não era? Só a vi nesse dia no Entre Livros.

—Os três estavam juntos?— perguntou Ryan insistindo naquela estranha conversa.

—O homem eu não sei dizer, não notei. A Claire só me apresentou a irmã.

Agradecendo a atenção de Diana, Ryan pegou a fotografia e saiu apressado como se estivesse atrasado para um compromisso, deixando para trás o livro que havia ganhado durante o evento.

Ao chegar em casa, Ryan ficou olhando para a fotografia e se questionando quem seria aquele homem e onde Claire o teria conhecido. Agora seu

suspeito tinha um rosto. Já deitado em sua cama, aguardando pelo sono que não vinha, Ryan pensou em mostrar a fotografia para sua mãe, para que ela comparasse com a imagem que ela mantinha em sua fraca memória. Estava decidido a fazer uma visitinha para a sua mãe no dia seguinte logo pela manhã.

18

COLEGA DA ONÇA

Ainda não eram 10h da manhã quando Ryan encostou o carro na frente da casa de sua mãe. Ao abrir a porta, dona Eleanor ficou surpresa com a visita inesperada e assustada com a agitação de Ryan. Após um rápido cumprimento, ele foi logo tirando a fotografia do bolso e, a estendendo para a mãe, perguntou:

—É ele?

Sem entender direito a pergunta do filho, dona Eleanor pediu que ele se acalmasse e entrasse. Já dentro da sala, Ryan voltou a mostrar a fotografia para a mãe, repetindo sua pergunta:

—É ele? O homem que a senhora viu na festa da empresa?

Dona Eleanor, então, pegou a fotografia, colocou os óculos e olhou com atenção.

—Faz tempo, filho. E foi muito rápido. Onde conseguiu essa fotografia?

—Faça um esforço. Se parece com ele, pelo menos?

—Sim, parece ele sim.

Convencido de que tinha nas mãos o rosto do seu algoz e quase certo de que ele trabalhava na mesma empresa, Ryan percebeu que estava perto de descobrir definitivamente quem era o tal homem misterioso. Após explicar, de maneira superficial e impaciente, sobre como ele havia conseguido aquela imagem, Ryan almoçou com a mãe, evitando falar sobre aquele assunto embaraçoso. Dona Eleanor também não se mostrou interessada em dar continuidade àquela conversa. Falaram sobre amenidades, e o almoço terminou rápido. Logo após a última garfada, Ryan foi embora apressado, recusando a sobremesa e o insistente convite para ficar até o final da tarde.

Quando se viu novamente sozinha naquela casa vazia e silenciosa, dona Eleanor foi para o seu quarto, sentou-se em uma poltrona que ficava ao lado da cama e, com as mãos sobre o rosto, ela chorou por uma hora. Lágrimas foram derramadas por pena do filho, outras pela traição da nora, várias pela perda da neta e tantas outras de saudades dos dias em que ela era feliz e tinha o coração tranquilo. Prolongou o choro por mais uma hora por pena de si mesma e dormiu de cara inchada.

Ryan voltou para casa ainda mais obcecado por sua investigação. Ele só desejava uma coisa: que a segunda-feira chegasse logo para que ele pudesse desvendar aquele mistério que o atormentava e descobrir quem era o tal homem da fotografia. E a segunda-feira chegou. Assim que entrou na empresa, Ryan foi direto ao departamento de Recursos Humanos procurar pela senhora Lucy, que trabalhava naquele setor fazia mais de dez anos.

—Senhora Lucy, a senhora que está aqui há tantos anos com certeza vai poder me ajudar. Quem é ele? Ele trabalhou aqui?— perguntou Ryan, mostrando a fotografia.

—Eu conheço todos nessa empresa— disse, pegando a fotografia gentilmente das mãos de Ryan.

Após poucos segundos em silêncio, ela continuou:

—É o Bruce, ele trabalhava lá no prédio da Produção. Mas ele não está mais nesta unidade.

Sem muita pressa, ela foi até seu computador, abriu algumas planilhas e ficou ali olhando para o monitor por alguns minutos. Até que saiu do silêncio.

—Aqui. Ele esteve aqui em Brentford entre outubro de 1988 e outubro de 1990. Ele veio transferido da unidade de Warren. Ainda trabalha lá. Por quê?

Ryan permaneceu parado, hipnotizado, olhando para a tela do computador, imaginando a possibilidade de ele e Claire terem se conhecido em Warren, ainda antes do casamento. Aquela informação dava indícios de que seu passado era ainda mais sombrio, e ele sentiu ainda mais raiva. Imaginou que talvez o caso de Claire não fosse apenas um caso passageiro como Anne havia dito, mas uma relação muito mais antiga, iniciada ainda nos Estados Unidos.

—Ryan, tudo bem? Preciso ir para a minha reunião. Conseguiu o que queria?— perguntou, já alcançando o corredor.

Quando Ryan se deu conta, ele estava sozinho na sala. Aflito, voltou para sua mesa, abriu a primeira gaveta e pegou a passagem de avião que ele havia recebido duas semanas antes. Passou os olhos pelo bilhete com um sorriso maroto, um jeito quase debochado de quem é agraciado pela sorte. O destino era o aeroporto de Newark, em New Jersey. A data do voo era o sábado seguinte.

Certo de que Anne havia mentido sobre o fato de não conhecer o amante de Claire, ele exigiria que ela justificasse sua farsa e lhe revelasse os demais segredos que ela ocultava. Naquele momento ele sentiu que o destino estava novamente do seu lado.

19

CONFRONTANDO ANNE

Sábado, algumas horas antes do voo, lá estava Ryan, no aeroporto de Londres, acompanhado de alguns colegas de trabalho, que insistiam em falar sobre a semana agitada de compromissos pouco interessantes que os aguardava na unidade de Warren. Estavam todos ansiosos para o esperado evento anual restrito aos gerentes e diretores, menos Ryan, que só pensava na fotografia que ele levava em sua maleta de couro. Em dado momento, olhou desconfiado para os colegas de empresa imaginando que talvez algum deles conhecesse o cara da foto, mas nem ousou sugerir aquela desconfiança como tema a ser discutido em grupo. Entraram no avião, e durante todo o voo Ryan só pensou na tal fotografia, que parecia queimar dentro de sua maleta.

No domingo, assim que chegou ao aeroporto de Newark, Ryan se livrou dos colegas com a desculpa de que iria descansar o restante do dia. Alugou um carro e começou a dirigir para o hotel onde

costumava se hospedar. Estava decidido a aparecer na casa de Anne somente no dia seguinte, segunda-feira, pouco antes de ir para a empresa. Graças à sua experiência anterior, ele supunha que entre 7h30 e 8h30 ela muito provavelmente estaria sozinha em casa. Ryan não sabia se o marido de Anne estava a par daquela história e não queria envolver outros familiares naquela conversa um tanto particular.

Mas, quando já estava chegando ao hotel, ele colocou em dúvida a sua decisão de aguardar até o dia seguinte para aquela visita surpresa. Pensou na fotografia, se lembrou do irritante fato de que Anne também estava naquele encontro do livro e sentiu certo ressentimento por ela ter dito com tanta convicção que não conhecia o amante de Claire. Deixou de lado o bom senso e a paciência. Mudou seu caminho e dirigiu até a casa de Anne.

Ao chegar, tocou a campainha e aguardou ansioso. Suas mãos estavam geladas e suadas. Ele não podia acreditar que estava ali postado na frente daquela casa mais uma vez, aflito, para confrontar Anne novamente com outra fotografia. Tocou mais uma vez e ninguém atendeu. Então, ouviu um miado seguido de alguns arranhões na porta e

percebeu que a gata estava sozinha na casa. Teve a certeza de que ninguém iria aparecer para recebê-lo e, um pouco frustrado, um pouco aliviado, desistiu de esperar. Entrou em seu carro, planejando voltar mais tarde.

Quando já estava no meio do quarteirão, notou um casal com uma criança caminhando em sua direção. Ao se aproximar pôde ver que eram Anne e seu marido, ambos a pé, e a pequena Lisa, já com mais de dois anos de idade, sendo empurrada em uma pequena bicicletinha. Ryan diminuiu a velocidade e passou por eles bem devagar, sem se importar se seria notado ou não. E não foi. Entretido com Lisa, o casal nem percebeu que estava sendo observado.

Decidido a retomar seu plano inicial, Ryan foi até a praça no final da rua para fazer o retorno. Então, foi como se o planeta reduzisse a sua rotação momentaneamente. Ryan começou a ver diante de seus olhos, como um filme em câmera lenta, a fotografia no álbum de 1989, a conversa com sua mãe, o computador da senhora Lucy e, por fim, o rosto do homem que acompanhava Anne e Lisa a poucos metros de seu carro. Era ele. O marido de Anne era o tal Bruce da fotografia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem acreditar no que havia descoberto e sem saber ao certo o que realmente havia acabado de descobrir, Ryan desistiu de retornar e continuou dirigindo até o hotel, de forma quase automática, numa reação espontânea de quem está totalmente perdido. “Como é possível? Anne é casada com o amante da irmã? Será que ele sabe que Lisa é sua filha? Será que era Anne a amante dele?”, pensava, fazendo a si mesmo as perguntas que ele era incapaz de responder.

Quando chegou ao hotel, as mesmas perguntas continuavam sendo formuladas dentro de sua cabeça e expulsas por sua boca como um sussurro, um grito contido, estrangulado. Quando saiu daquela espécie de hipnose e se viu no quarto do hotel, como se alguém o tivesse colocado lá sem que ele percebesse, Ryan sentiu uma urgência incontrolável de encontrar as respostas para aquelas perguntas e para tantas outras. Pensou em retornar à casa de Anne naquele mesmo instante, mas desistiu. Sabia que a presença do marido e da filha poderia impedi-lo de ir até o fundo, até as últimas consequências para esclarecer de vez aquela história.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

20

AS RESPOSTAS

Na manhã seguinte, como de costume, Anne deixou Lisa na escola e voltou para casa para se preparar para ir ao escritório de arquitetura. Assim que abriu a porta, foi recebida carinhosamente por Marie, que passou demoradamente entre as suas pernas, esfregando os pelos brancos em suas calças pretas. Entretida com a costumeira demonstração de carinho da gata, Anne só percebeu a presença de Ryan quando ele segurou firme em seu braço. Ela deu um pulo de susto, e Marie saiu correndo, se refugiando embaixo da mesa da sala. Ainda não refeita do sobressalto, com o coração disparado, Anne se virou para ver quem havia segurado seu braço daquela maneira agressiva e levou um susto ainda maior. Seu coração quase pulou para fora da boca.

—Ryan, você aqui? — perguntou, num misto de surpresa, descontentamento e revolta, como se o repreendesse por tê-la procurado novamente.

Ryan ficou parado, olhando fervorosamente em

seus olhos estarecidos. Sua vontade era partir para cima dela com palavras ofensivas e gestos degradantes. Mas ele preferiu respirar fundo e repetir a fórmula usada na visita anterior: bombardeá-la com perguntas, uma atrás da outra, e exigir respostas contundentes. Ainda fora da casa, Ryan pegou a fotografia que trazia no bolso e mostrou a ela, quase esfregando aquele pedaço de papel na sua cara.

—É o seu marido aqui nesta foto, não é?

Anne ficou muda, sentindo o rubor tomar conta de seu rosto.

—É ele, não é? — insistiu, Ryan.

Anne pegou a fotografia das mãos de Ryan, se virou e foi entrando em casa. Ryan foi entrando atrás dela. As mãos de Anne tremiam e ela mal conseguia segurar aquele pedaço de papel que trazia a imagem nítida e incontestável de Bruce. Enquanto caminhava para a cozinha, de costas para Ryan, que a perseguia como um cão raivoso, Anne tentava adivinhar o motivo da visita de Ryan, onde ele havia conseguido aquela fotografia e, principalmente, o que ele realmente sabia.

Mesmo sem ter ouvido a resposta de Anne para a sua simples pergunta, Ryan entregou de bandeja

uma das respostas que ela buscava, mesmo sem que ela tivesse verbalizado qualquer questionamento:

—Eu consegui essa foto no Clube do Livro. Você deve se lembrar deste evento, porque você estava lá também.

Ela quase nem respirava, talvez aguardando que ele respondesse outras dúvidas que estavam em sua cabeça. Pois ele continuou falando, mais oferecendo do que recebendo informações:

—É ele o amante da Claire?

Anne olhou para ele, apertando uma mão contra a outra em evidente sinal de nervosismo. Dizendo algo completamente diferente do que Ryan esperava ouvir, ela suplicou em voz baixa, mesmo sabendo que não havia mais ninguém na casa:

—Ele não sabe de nada. Por favor, eu imploro, não conte nada para ele.

Sem dar ouvidos às suas súplicas, talvez até porque nem as tenha ouvido direito, ele refez a pergunta:

—É ele é o amante da Claire? É ele o pai da Lisa?

O calor que havia começado em seu rosto se espalhou para o corpo inteiro. Visivelmente desnorteada, ela se manteve em silêncio, foi até a

cozinha e pegou um copo com água. Deu alguns goles longos, enquanto Ryan, sozinho na sala, sentia ganas de invadir a cozinha e voar no pescoço dela. Mas parece que aqueles demorados goles de água deram coragem a Anne, que voltou para a sala disposta a falar o que sabia.

—Sim, é ele— confirmou, finalmente.

Apesar de esperar por aquela resposta, Ryan pareceu perturbado. E lançou as perguntas como uma metralhadora.

—Como eles se conheceram? Já se conheciam antes dela ir morar comigo lá em Brentford? Estavam juntos há quanto tempo? Eles se amavam?

—Calma, Ryan— pediu, Anne, como se não estivesse tão nervosa quanto ele. E continuou, já com os olhos encharcados:

—Ele trabalha na mesma empresa que você e trabalhou lá em Brentford também.

—Mas como eles se conheceram?

—Ela o conheceu lá na Inglaterra, ele morava no mesmo condomínio que nós.

Ryan olhou para ela desconfiado e continuou:

—Mas eles se amavam? Ela gostava dele?

—Não sei, acho que não. Foi um caso rápido, poucos meses. Não tenho detalhes. Eu juro.

—Ele sabe que a Lisa é filha da Claire e dele?

—Não, ele nunca soube.

Anne deu um suspiro longo, como se quisesse recobrar o fôlego e a coragem, tudo junto. E continuou:

—Ele não sabe que a Claire teve uma filha dele. Muito menos que eu troquei os bebês— disse, já aos soluços.

Ryan passava as mãos pelos cabelos, balançava a cabeça e repetia insistentemente, censurando a si mesmo:

—Como eu fui estúpido. Como não percebi nada?

Com a voz vacilante e os olhos arregalados, Anne se aproximou de Ryan e tocou seu braço com delicadeza, como se quisesse estabelecer alguma cumplicidade com ele e ganhar sua compaixão:

—Não conte nada pra ele, por favor, Ryan.

Ainda mais irritado com aquele gesto, Ryan se afastou abruptamente e a repreendeu:

—Mas por que você me disse que não o conhecia? Da outra vez, quando eu te perguntei milhões de vezes sobre o amante da Claire, você me jurou que nem sabia quem era. E, na verdade, ele era o seu marido. O seu marido, Anne.

—Eu não queria que você soubesse que ele era meu marido. Não queria envolvê-lo nessa história porque ele não sabe de nada. Achei que não faria diferença para você saber que era ele. Eu nunca imaginei que você fosse descobrir— disse, quase se engasgando em suas palavras, lágrimas e soluços.

—Então me explique porque você se casou com ele.

Anne engoliu o choro, as lágrimas, o soluço, pegou o copo da mesinha e bebeu mais um gole de água. Impaciente, Ryan insistiu:

—Por que você se casou com o amante da Claire?

Em tom que beirava o confessional e o agressivo, ela respondeu:

—Ele é o pai da Lisa, Ryan. Você não vê como isso diminui a minha culpa? Não é óbvio?

Ele se calou, parecendo intimidado. E ela continuou, em tom mais brando:

—Um dia, por acaso, eu encontrei o Bruce na cidade. Ele veio até mim para saber como eu estava e dizer que sentia muito pelo ocorrido.

Ryan ouvia atentamente.

—Acabamos nos vendo mais algumas vezes e eu fui percebendo que ficar com ele era uma forma

de consertar um pouco as coisas. Achei que ficando com ele nos tornaríamos uma família de verdade. Eu devolvi ao menos o pai para ela. E isso me tranquilizou um pouco— disse, enquanto as lágrimas voltavam a molhar seu rosto.

Olhando para Ryan, ela pediu mais uma vez:

—Não conte nada para ele, Ryan. Eu não posso perder minha filha de novo.

Ryan, então, se dirigiu à porta, olhou para ela num misto de desprezo e pena e saiu, sem dizer mais nada. Anne não sabia, mas ele saiu naquele dia planejando convictamente nunca mais aparecer naquela casa e nunca mais procurar por ela.

Assim que entrou no carro, Ryan foi para a empresa às pressas, pois já estava atrasado para o primeiro compromisso daquela semana. Ao chegar, se desculpou com os presentes e tentou se concentrar na reunião. Mas foi impossível. Naquele e nos outros quatro dias em que permaneceu na unidade, Ryan esteve apreensivo, imaginando que a qualquer momento poderia ficar cara a cara com Bruce. Sem saber como agiria e ciente de que não seria nada interessante tratar daquele assunto constrangedor dentro da empresa, ele torceu para que aquele encontro nunca acontecesse.

Felizmente, como Bruce era da área fabril e ficava em outro prédio, aquele encontro pelos corredores realmente nunca ocorreu.

Logo após aquela estranha conversa com Anne, Ryan foi surpreendido por uma ausência de emoções. A descoberta da identidade de seu algoz não lhe deu o alívio que ele imaginava que sentiria, nem a raiva incontrollável, nem a merecida sensação de vitória, nem a tristeza profunda. Enfim, se sentiu vazio. Já em Anne, o efeito foi inverso, e, mais uma vez, ela sentiu tudo o que sempre imaginou que sentiria, principalmente a tristeza profunda. Assim como ocorreu quando Ryan a visitou com a fotografia da maternidade, ela se desestabilizou, voltou a ter sonhos perturbadores e a acordar assustada quase todas as noites. Passou a apresentar sinais de pânico todas as vezes que alguém se aproximava de Lisa e a ficar extremamente descontrolada quando a filha apresentava qualquer sinal de doença, por mais simples que fosse.

Percebendo que a esposa não estava bem, Bruce conversava com ela, tentando entender o que estava acontecendo, mas ela se esquivava, dizendo que estava apenas cansada do trabalho. Bruce fingia

PERIGOSAS NACIONAIS

que acreditava, mas estava convencido de que aquele descontrole emocional tinha alguma relação com as lembranças do acidente. Como já estava acostumado a fazer, ficou ao seu lado, esperando pacientemente que o tempo curasse novamente aquelas mesmas feridas, outrora superficialmente cicatrizadas.

PERIGOSAS ACHERON

21

A FILHA DA ESPANHOLA

Ryan estava cansado. Ao pousar em Londres ele sentia dores pelo corpo que iam muito além daquelas às quais ele já estava acostumado após horas dentro de um desconfortável avião. Era como se tivesse sido golpeado diversas vezes e depois arremessado ao chão com força.

Aquela sensação de desconforto começou cerca de um mês antes, quando ele recebeu o tal envelope da maternidade. A suspeita de que havia recuperado sua filha lhe fez entrar no ringue de cabeça erguida, cheio de disposição. O golpe acertou em cheio o oponente, que quase se estatelou no chão. Mas ele revidou rápido, com dois murros certos, dados de forma simultânea: a revelação de que Claire possuía um amante e a de que Lisa não era sua filha. Os duros golpes o acertaram de forma quase letal. Mas ele não cogitava abandonar a luta. Desmascarar o adversário, retratado em uma fotografia encontrada quase acidentalmente não lhe restituiu o passado

nem derrubou o adversário, mas foi como um soco preciso, certo. Entretanto, saber que o tal amante e a ladra de bebês criavam juntos a filha de Claire, num esboço adulterado de família perfeita, o corpo de Ryan foi arremessado com força ao chão. Era hora de jogar a toalha.

Com uma determinação legítima, muito mais forte do que a das vezes anteriores, Ryan decidiu que era hora de retomar sua vida e focar mais na sua vida social e na sua saúde. Telefonou para antigos amigos e combinou jantares em restaurantes e encontros animados nos famosos Pubs londrinos. Matriculou-se num curso de tênis e passou a se exercitar quase diariamente.

Perto no final do ano, dona Eleanor resolveu que já era hora do filho encontrar uma nova companheira e resolveu dar uma forcinha ao destino. A vizinha de dona Eleanor, senhora Dolores, uma espanhola muito simpática, recebia todos os finais de semana a visita de sua belíssima filha, Eva. Logo que colocou os olhos sobre a moça de longos cabelos negros e corpo bem feito, dona Eleanor imaginou que ela seria o par perfeito para Ryan e resolveu convidar mãe e filha para um almoço num domingo em que o filho também

estaria presente.

Ao chegar para o promissor almoço dominical, Ryan logo percebeu a armação da mãe e ficou irritado e desconcertado, mas não conseguiu negar que a moça era bonita e charmosa. Após algumas conversas jogadas ao vento entre os aperitivos, o almoço e a sobremesa, Ryan constatou, encantado, que ela era também muito inteligente. Não demorou muito para os dois se sentirem atraídos reciprocamente. Após aquele encontro arranjado secretamente sem o conhecimento de ambos, eles marcaram diversos outros, de forma consentida, e logo assumiram um compromisso sério. Ryan e Eva até se deram bem no início, mas o compromisso não durou mais do que quatro meses, terminando no dia em que eles discutiram para valer pela primeira e última vez.

—Ryan, você é muito insensível e vaidoso— disse Eva em tom áspero, certa manhã.

Entre o ríspido e o debochado, Ryan rebateu prontamente:

—Só porque eu não quero me casar e ter um filho com você?

Eva ficou vermelha de raiva. Levantou-se energicamente da cama e começou a pegar as

roupas que estavam espalhadas pelo chão do quarto. Engoliu as palavras grosseiras que chegaram à sua boca. E soltou as verdadeiramente cruéis:

—Filho? Eu não quero que meu filho tenha um pai como você. Vou poupá-lo dessa desgraça.

Ryan olhou para ela espantado. Parecia que o corpo frágil e delicado de Eva, de repente, assumia uma forma monstruosa, desumana. E ela continuou:

—Você se faz de vítima por ter sido traído por sua falecida esposa, mas nunca te vi falar do quanto sofreu quando ela e aquela que você achava que era sua filha morreram. Você parece não sofrer nem um pouco com o fato da Lisa não ser sua filha. Pra você isso foi somente uma trágica consequência de algo muito pior, a maldita traição. Você só enxerga essa traição, que eu já estou achando que foi até merecida— despejou Eva, sem pausas para respirar ou engolir saliva.

Ryan ficou horrorizado com o tom e o conteúdo daquelas acusações, arremessadas sobre ele nas primeiras horas da manhã. Então, ela saiu pisando forte, e Ryan não conseguiu reagir, não retribuiu os insultos e nem foi atrás dela, continuou deitado na cama, tentando analisar se aquela conversa fazia

algun sentido, se Eva tinha razão ou se estava completamente louca. Não chegou a conclusão nenhuma. A partir daquele dia, se fechou novamente para o amor e nunca mais procurou ou foi procurado por Eva.

22

A PASTA

O breve relacionamento com a filha da espanhola e, principalmente, a forma abrupta como ele terminou fizeram com que Ryan se retraísse novamente. Entretanto, a desilusão amorosa não interferiu apenas nas questões do coração, sua vida social e sua preocupação com a saúde também foram deixadas de lado. Poucos dias após o rompimento com Eva, ele abandonou as aulas de tênis, faltou a compromissos sociais, deixou de atender telefonemas de amigos e até as visitas à sua mãe se tornaram mais raras. Assim, Ryan passou o restante daquele ano e metade do ano seguinte mergulhado em seu trabalho, voltando a chegar tarde em casa quase todos os dias, assumindo tarefas profissionais nos finais de semana e levando serviço para terminar em casa.

Em meados de 1994, ele estava esgotado. Havia descuido de sua saúde física e mental, o que estava ocasionando noites mal dormidas, fortes dores de cabeça e constantes dores nas costas.

Percebendo que não poderia mais adiar o tão merecido descanso, Ryan conseguiu o mês de julho inteiro de férias. Decidido a fazer algo totalmente diferente do que havia feito nos últimos anos, ele escolheu seu destino a dedo: as praias paradisíacas da Tailândia, que na verdade era diferente de tudo o que ele havia feito na sua vida inteira. Comprou passagem, reservou hotel e escolheu passeios. Assim que fechou um pacote com tudo o que tinha direito, Ryan ficou ressabiado, talvez tivesse se empolgado demais e se precipitado naquela decisão. Ele não era exatamente um cara de praia, não a frequentava desde a morte de seu pai, nem roupa de banho ele tinha. Mas ele não queria colocar tudo a perder. Nada melhor do que a Tailândia para fazer as pazes com o mar.

Tudo estava tranquilo, nenhuma novidade. Até que, duas semanas antes das tão merecidas férias, uma secretária da área fabril foi até a sala de Ryan na empresa com uma pequena pasta nas mãos.

—Bom dia. Desculpe, mas o senhor é o cunhado? Era o cunhado?

Parou, encabulada, depois continuou:

—Encontrei esta pasta no fundo do gaveteiro. Estava tão enfiada embaixo das gavetas que só

encontrei hoje. Quando abri, vi uma foto do senhor Eric com a esposa, então, me disseram para entregar para o senhor— disse, esticando a pasta na direção de Ryan.

—Sim, pode deixar comigo, obrigado— respondeu, sem prolongar o assunto.

No final da tarde, se preparando para ir embora, Ryan olhou para a pasta que ele havia recebido pouco antes do almoço, mas que ainda não havia aberto. Sem saber o que fazer com ela, decidiu levá-la para casa.

Já em sua casa, após um revigorante banho, Ryan foi para a cozinha para o seu habitual jantar solitário. Na mesa, disputando espaço com seu prato e o copo de suco, a tal pasta do Eric. Ryan descansou os talheres sobre o prato e ficou olhando para a pasta, tentando imaginar o seu conteúdo. Logo se lembrou de que já fazia mais de quatro anos que o cunhado havia morrido e sentiu raiva por aquela pasta ter chegado às suas mãos justamente quando ele já não pensava mais na família de Claire.

Assim que engoliu a última garfada, ele abriu a pasta ali na mesa da cozinha mesmo. Logo viu uma imagem de Eric e Anne no dia do casamento deles,

provavelmente a mesma fotografia que a secretária disse ter visto quando recuperou a pasta do fundo do gaveteiro. Então, pegou a fina pasta aberta com uma das mãos e o copo de suco com a outra, se levantou e foi se sentar no sofá. Assim que entrou na sala, distraído com a fotografia, Ryan enroscou o pé no tapete e, tentando salvar o copo, se descuidou da pasta e acabou derrubando todo o seu conteúdo no chão, ficando apenas com ela vazia em uma das mãos. Após colocar o copo são e salvo na mesinha, ele recolheu tudo e se sentou no sofá.

Primeiro, viu uma fotografia de um casal em uma cozinha com azulejos antigos e móveis antiquados, que deduziu serem os pais de Eric. Depois, abriu um papel de laboratório que confirmava a gravidez da Anne; em seguida, viu novamente a fotografia do casamento dele com Anne e mais outra dos dois em um parque, sorrindo, abraçados. Sentiu-se constrangido, como se estivesse invadindo a privacidade deles. Decidiu fechar a pasta e entregá-la para Anne ou jogá-la fora sem dizer nada ou, quem sabe, esquecê-la no armário junto com a caixa de Claire. Porém, quando viu um bilhete dobrado, a curiosidade o fez mudar de ideia. Abriu e leu:

“Recebeu a minha carta? Precisamos conversar.”

Ao ler aquela curta mensagem escrita com letras bonitas, arredondadas, Ryan sentiu seu coração acelerar. Ele não se lembrava com exatidão da letra de Claire, mas sabia que era muito parecida com aquela primorosamente grafada naquele pedaço de papel. Devorando cada uma daquelas poucas letras, ele logo relacionou aquele bilhete à traição da esposa. Uma enorme ansiedade o contagiou. “Por que Eric guardaria um bilhete de Claire?”, pensava enquanto tentava encontrar a tal carta mencionada na mensagem .

Então, viu um envelope, do qual tirou três fotografias. Olhou cada uma delas e empalideceu. Sentiu um frio na espinha, que o percorreu do cóccixs até a nuca. Diferentemente do que poderia imaginar, não eram fotos da família, não eram imagens de casais abraçados e sorridentes, tampouco eram retratos de pessoas em cozinhas de azulejos fora de moda. Eram fotografias dignas dos filmes onde o detetive flagra a esposa infiel em cenas íntimas com seu amante. A infiel em questão era Anne, e o amante, ninguém menos do que Bruce, seu atual marido. Em uma imagem, os dois apareciam abraçados, em outra, se beijando e,

numa terceira, lado a lado de mãos dadas. Cenas indiscutivelmente comprometedoras.

Ryan examinou as imagens repetidas vezes. “Quem tinha um caso com Bruce era a Anne e não a Claire”, falou em voz alta para si mesmo. “A Anne inventou aquela história de traição para ficar com Lisa. Como eu pude acreditar nela?”, disse de maneira sussurrada, mais com raiva de si mesmo do que da própria Anne. Olhando mais uma vez para as imagens, Ryan reconheceu o local e as roupas que os amantes usavam na ocasião do flagrante e constatou que aquelas fotografias também haviam sido feitas no restaurante, no mesmo dia do evento do Clube do Livro. “Os três estavam juntos naquele dia. Claire provavelmente acobertava o romance da irmã”, murmurou, levando seu pensamento para além do que aquelas fotografias realmente revelavam.

Então, Ryan se atentou ao fato que tinha relação direta com ele, ao mais importante deles. “Se Bruce não era amante de Claire, eu devo ser o verdadeiro pai de Lisa”, pensou, sentindo o coração bater cada vez mais atrapalhado em seu peito. Sentiu uma necessidade urgente de confirmar de maneira definitiva e incontestável que Lisa era sua filha.

Mesmo atordado pelos pensamentos que invadiam sua mente, ele resolveu voltar a atenção para a pasta para ver quais outros segredos ela revelaria. Viu uma fotografia de um casal com duas crianças, provavelmente Eric com os pais e o irmão, e um ultrassom de qualidade duvidosa, que mostrava um feto em fase inicial. Restava apenas outro bilhete, que Ryan abriu ansioso.

“Acho que ele está desconfiado. Precisamos tomar mais cuidado.”

Naquele momento, após ver as fotos de Anne com Eric, Ryan já havia descartado qualquer possibilidade de Claire ter escrito aqueles recados. Ao ver aquelas novas frases escritas com a mesma letra arredondada, num capricho até incômodo diante do seu conteúdo indecoroso, Ryan confirmou que eles só poderiam ter sido escritos pela esposa infiel, portanto, a tal letra bem-feita era de Anne, certamente muito parecida com a da irmã. E falou em voz alta, pausadamente, como se explicasse para si mesmo: “Eric provavelmente estava desconfiado de Anne e a seguiu, pegando estes bilhetes antes que Bruce os recebesse”. A carta, não encontrou. Esta provavelmente teria chegado ao destinatário. Em êxtase, recolocou tudo

de volta na fina pasta e a guardou em seu armário.

Sentou-se em sua cama e ficou pensativo, ciente de que seria mais uma longa noite em claro. Pensou em Claire, em Lisa e ficou imaginando como faria para comprovar que ela era realmente sua filha. Refletindo enquanto o sono não dava as caras, Ryan se lembrou de que, quase um ano antes, Robert, um amigo da empresa, havia comentado que seu irmão abria uma clínica que realizava um exame de DNA, que confirmava a paternidade com mais de 99% de confiabilidade. O sono não veio mesmo, e às 6 horas da manhã Ryan se levantou cheio de energia, como se tivesse tido uma excelente noite de descanso restaurador.

Ao chegar à empresa, Ryan procurou por Robert para pedir o contato da tal clínica, sem entrar em detalhes sobre a sua motivação e necessidade. Robert não fez perguntas, apenas deu o endereço e garantiu que ligaria para seu irmão, Harry, para pedir que ele desse atenção especial àquela solicitação. Perto do meio-dia, Ryan deixou o almoço de lado e foi até o endereço indicado por Robert. Chegando lá, foi recebido por Harry, que explicou calmamente sobre o exame e disse que, se Ryan conseguisse alguns fios do cabelo da criança

PERIGOSAS NACIONAIS

com a raiz, ele faria o exame com discrição e rapidez.

Ryan voltou para a empresa entusiasmado. Comprou uma passagem para Warren para a noite seguinte, sexta-feira, com retorno no próprio sábado.

PERIGOSAS ACHERON

23

CAMPO MINADO

Durante todo o voo, Ryan ficou imaginando as possíveis maneiras de conseguir as amostras de Lisa para o tal exame de DNA. Enquanto esteve no ar, pensou insistentemente em como faria para arrancar os imprescindíveis fios de cabelo sem levantar suspeitas, sem parecer louco, sem assustar a criança. Sentia que aquela missão seria quase impossível. Quando a aeromoça avisou que estavam prestes a pousar em Newark seu coração bateu descompassado como se buscasse uma melhor posição dentro do peito.

Estava decidido. Daquela vez seria diferente. Ao invés de se encontrar sozinho com Anne, como havia feito nas vezes anteriores, Ryan apareceria no sábado pela manhã, esperando encontrar a família toda reunida. Além de determinado a pegar alguns fios de cabelos de Lisa, ele queria finalmente conhecer Bruce em carne e osso e analisar o terreno que estava prestes a implodir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Às 10 horas da manhã, ele estava mais uma vez na frente da casa de Anne. Tocou a campainha e aguardou, com uma postura firme, ameaçadora. Quem abriu a porta foi Bruce. Cara a cara com ele pela primeira vez, Ryan respirou fundo e se preparou para o ataque.

—Bom dia, a Anne está?

—Sim, quem gostaria de falar com ela?— perguntou, desconfiando de que talvez o conhecesse de algum lugar.

—Diga que é o cunhado dela, Ryan.

—Ryan? — reagiu, surpreso.

Com um sorriso no canto da boca que ele não conseguiu, nem quis, disfarçar, Ryan falou:

—Bruce! Você é o Bruce, não é? Finalmente nos conhecemos. Eu soube que você também trabalhou em Brentford, mas nunca o vi na empresa.

Embaraçado, Bruce tentou buscar em sua memória algum acontecimento anterior que justificasse o fato de Ryan saber quem era ele e, além disso, não se surpreender com sua presença na casa de Anne. “Teria Anne contado sobre nós para o cunhado?”, pensava Bruce, enquanto Ryan o encarava com certa satisfação.

PERIGOSAS ACHERON

—A Anne está? — perguntou novamente.

—Sim, sim, entre.

Assim que entraram, Anne saiu da cozinha para espiar quem havia chegado e, ao ver Ryan dentro de sua casa conversando com o marido, deixou cair o copo que estava em sua mão. Em pequenos cacos, o copo de vidro se espalhou num raio de quase dois metros na entrada da cozinha. Bruce, rapidamente, olhou para o canto da sala, onde Lisa brincava com a gata Marie, e a advertiu:

—Fique ai. Não venha aqui porque tem vidro no chão.

Utilizando o incidente do copo como um excelente pretexto para ficar a sós com Anne, Bruce pediu que Ryan se acomodasse e foi até a cozinha para ajudá-la. Como cúmplices encurralados, os dois começaram a sussurrar, e Ryan não conseguiu captar o teor da conversa. Porém, ele não estava preocupado com aquele cochicho, ele tinha algo bem mais importante para fazer. Ali sozinho na sala com Lisa, Ryan estava diante da sua tão sonhada oportunidade e não poderia perder aquela chance. Aflito, com o coração chacoalhando dentro do peito, ele se aproximou de Lisa sem se dar conta da importância

daquela aproximação tardia entre pai e filha. Não havia tempo para reencontros emocionados. Rapidamente, ele se aproximou da criança e, com um puxão certeiro, arrancou alguns fios loiros de sua delicada cabeça. Lisa começou a chorar, e antes que Ryan conseguisse guardar os fios na embalagem que trazia no bolso, Bruce e Anne apareceram na sala. Anne logo foi ao encontro da filha e a pegou no colo. Sua ansiedade era tanta, que ela nem percebeu o nervosismo de Ryan, que tentava esconder os fios de cabelo com as duas mãos para trás.

—Faz quanto tempo que não nos vemos? Uns dois anos?— perguntou Anne, tentando parecer natural.

—Mais de dois anos.

Silêncio.

— Posso usar o banheiro?— perguntou, ansioso.

Bruce indicou a localização, e Ryan se dirigiu ao pequeno cubículo com passos quase robóticos. Quando se viu sozinho, colocou cuidadosamente os fios de cabelo no saco plástico e respirou aliviado.

Enquanto Ryan estava ausente, Bruce voltou a incomodar Anne com uma dúvida que ainda martelava em sua cabeça. Refez a mesma pergunta

que havia feito a ela, aos cochichos, na cozinha.

—Tem certeza de que ele não sabe sobre nós?

—Já falei que não, Bruce. Ele só sabe que vocês trabalham na mesma empresa e que você trabalhou lá em Brentford— disse Anne, sem paciência, ocultando parte importante da história.

Diante daquela situação repentina e assustadora, ela sabia que não havia tempo para revelações, explicações e desculpas. Não havia como prepará-lo para o que poderia acontecer naquele dia. Apavorada, só lhe restava aguardar pelo inevitável e, depois, tentar reparar o estrago da melhor maneira possível.

Quando Ryan voltou para a sala, Anne pediu que ele se sentasse e fez logo duas perguntas, preenchendo o silêncio, antes que ele o preenchesse:

—Veio a trabalho? Fica quanto tempo?

—Sim, a trabalho. Vou ficar por alguns dias.

O silêncio tomou conta da sala. Anne tentava parecer tranquila, mas por dentro seus nervos se contorciam. Tentava negar a si mesma o real motivo daquela visita, mas no fundo ela tinha a certeza de que Ryan estava ali para cobrar de Bruce explicações sobre seu romance com Claire. Em sua

cabeça, a qualquer instante, Ryan avançaria para cima de Bruce com socos e pontapés condenando-o por um crime que ele não cometera. E Bruce, por sua vez, receberia cada porrada sem contestar, imaginando que Ryan estivesse reivindicando a honra do falecido cunhado. No fim, talvez tudo fosse naturalmente justificável e aceito. E todos retomariam suas vidas.

Então, Ryan tomou a palavra, reiniciando o assunto sobre o coincidente fato dele e Bruce trabalharem na mesma empresa:

—Então, você trabalhou em Brentford? Não me lembro de você.

—Eu trabalhava no prédio da Produção. Acredito que você não ia muito lá. Eu o vi algumas vezes, mas apenas de longe, nem o reconheci hoje.

—Na produção? Então, você trabalhava com meu cunhado? O marido da Anne, o Eric.

Bruce engoliu seco e olhou para Anne, que nem ousou retribuir o olhar lancinante.

—Sim. Trabalhamos juntos. Todos no departamento sentimos muito com o que aconteceu com ele.

Assumindo um tom debochado, Ryan continuou:

—Como esse mundo é pequeno. Você e o Eric trabalharam juntos na Inglaterra e você acabou encontrando a Anne aqui em Warren e se casando com ela. Afinal, vocês se conheceram aqui ou lá?

Surpreso com a pergunta, Bruce olhou para Anne, que desviou o olhar mais uma vez.

—Nós nos conhecemos aqui em Warren quando eu voltei da Inglaterra. Foi em outubro de 1990.

Após aquela resposta tão precisa que chegou até a soar artificial, Bruce se levantou do sofá e foi preparar um café na cozinha. Assim que deixou a sala, o silêncio tomou conta do ambiente novamente. Enquanto Anne disfarçava o desconforto passando as mãos pelos cabelos de Lisa, que estava sentada em seu colo, Ryan olhava para a criança tentando identificar em seu rosto algum traço, marca ou expressão que remetesse a ele. Após aquela breve análise, ele reconheceu somente os traços delicados da mãe e sua beleza. Sentiu até saudades de Claire.

Bruce retornou da cozinha com a bandeja de café e a colocou sobre a mesinha, sentando-se ao lado de Anne. Olhou carinhosamente para Lisa e perguntou:

—Filha, você quer um refresco? O papai pega.

—Não quero— respondeu, com um inocente sorriso.

Ryan se contorceu de raiva. Aquela cena de intimidade fez com que ele sentisse uma enorme vontade de revelar a verdadeira finalidade de sua visita e de jogar na cara dos dois o fato quase comprovado de que ele era o único naquela sala com poderes legítimos para chamar Lisa de filha. Mas, para que seu plano não fosse arruinado, ele preferiu engolir suas palavras junto com aquele enorme copo de café americano. Assim que se acalmou, Ryan decidiu recuar, temendo que, caso suspeitassem de sua real motivação, Anne e Bruce poderiam sumir no mundo com a pequena antes mesmo dele comprovar a sua paternidade.

Mesmo com os nervos à flor da pele, os três falaram sobre assuntos banais e mantiveram uma falsa e aparente tranquilidade enquanto sorviam o café quente com longos goles. Assim que devolveu a caneca na bandeja, Ryan se levantou, dizendo que precisava ir embora. Bruce logo se levantou também, agradecendo falsamente pela visita. Duvidando que Ryan deixaria aquela casa sem levar a cabo a sua vingança premeditada, Anne se despediu dele imaginado que naqueles minutos

derradeiros ele anunciaria o checkmate. Mas não, ele apenas se despediu dela e de Bruce, deu um beijo na testa de Lisa e ficou olhando para a criança por alguns segundos como se tentasse dizer, sem palavras, que em breve ele voltaria para buscá-la.

Então, aquela visita surpresa terminou. Sem socos, sem pontapés, sem ataques físicos ou verbais. Mas as minas haviam sido plantadas.

24

O EXAME

Naquele mesmo dia, carregando consigo o saquinho plástico com os cabelos de Lisa, Ryan entrou no avião com a sensação de missão cumprida. Durante a viagem, ele se levantou algumas vezes de sua poltrona, abriu o bagageiro acima de seu assento e checkou dentro da pasta de couro o saco plástico, analisando cuidadosamente se os fios de cabelo ainda mantinham a raiz, pré-requisito essencial para o sucesso da análise.

Conforme havia combinado com Harry, no próprio domingo, assim que chegou em Brentford, Ryan foi até a clínica entregar as amostras de cabelo para o tal exame de DNA. Harry, que já o aguardava, deu uma rápida examinada visual no conteúdo e garantiu que era exatamente o que ele precisava. Depois, coletou uma amostra do sangue de Ryan e prometeu entregar o resultado em dez dias.

Em uma semana Ryan estaria de férias, porém, apesar de ter comprado as passagens para a

Tailândia e reservado um pacote completo de atividades, diante dos atuais acontecimentos ele sabia que sua viagem para aquele paradisíaco destino ficaria para outra oportunidade. Na verdade, ele ainda nem estava plenamente convencido de que passar um mês na praia tinha sido realmente uma boa ideia. Com a promessa de ter o resultado do exame em mãos em dez dias, seu destino seria um lugar bem mais familiar e conhecido.

Aquela última semana antes das férias caminhou a passos lentos. Parecia que os dias estavam mais longos e as noites, intermináveis. Ryan aproveitou para adiantar seu trabalho na empresa e deixar as instruções para o colega que assumiria suas funções em sua ausência. No final da tarde de sexta-feira, as férias finalmente chegaram, mas Ryan não parecia muito animado. Quando apagou a luz de sua sala, ele estava apreensivo. O simples fato de se imaginar reacendendo aquela mesma luz um mês depois e o futuro não ser exatamente como ele o estava imaginando naquele momento, o fez estremecer. Saiu melancólico.

Ao chegar em casa, o telefone estava tocando. Era dona Eleanor querendo lhe desejar boa viagem.

—Oi filho, a sua viagem é amanhã, não é?

Sem saber como avisar a mãe de sua desistência, Ryan respondeu com voz vacilante:

—Eu não vou mais para a Tailândia, mãe.

—Como não, meu filho? Será que eu me confundi?

Enquanto a mãe falava, Ryan tentava inventar uma desculpa plausível para a repentina mudança de planos. Não queria explicar seus reais motivos sem antes ter certeza do resultado de DNA. Então, ele deu a desculpa mis simples e convincente que poderia dar:

—Tive uns problemas na empresa e vou ter que ficar mais uns dias por aqui, trabalhando.

E realmente a desculpa pareceu bem convincente. Talvez já esperando por aquela desistência, dona Eleanor nem se surpreendeu. Achava até bem provável que um dia o filho lhe revelasse que nunca mais pegaria férias e que trabalharia dia e noite, inclusive aos feriados e finais de semana, sem descanso, sem trégua.

Na segunda-feira, Ryan se viu em casa, sem nada para fazer a não ser aguardar pelo resultado de DNA, que sairia somente na quarta-feira. Mas o martírio foi abreviado em um dia, e, na terça-feira,

ele recebeu uma ligação de Harry avisando que o resultado estava pronto. Na mesma hora, Ryan foi até a clínica. Suas mãos estavam trêmulas quando ele pegou o envelope e o abriu ali mesmo, sem cerimônia, diante de Harry e de outras duas ou três pessoas que aguardavam para serem atendidas. Por um instante, ele sentiu como se a ansiedade o tivesse tirado a visão bem na hora em que ele mais precisava dela. As letras miúdas o confundiam, e ele chegou a franzir o rosto e a apertar os olhos para ganhar mais foco. Então, de repente, ele notou que o que ele precisava realmente ler naquele documento estava destacado, em negrito, com letras quase garrafais: positivo. Então, a visão voltou, e a tensão deu lugar à euforia. Ryan agradeceu Harry calorosamente, por pouco não lhe segurou pelos braços e não lhe tascou um beijo estalado no rosto. Foi por pouco.

25

A NOTÍCIA

Sentado em seu carro, com o resultado em mãos, Ryan só pensou em um destino: a casa de sua mãe. E foi para lá, mas naquele dia o caminho pareceu bem mais longo. Ao chegar, Ryan encontrou dona Eleanor na garagem, guardando algumas caixas velhas em uma estante mais velha ainda. Assim que viu o filho, chegando sem aviso prévio, ela largou logo o que estava fazendo e foi recebê-lo. Nem bem ela se aproximou e Ryan a abraçou, coisa que só fazia em datas especiais e bem definidas como aniversário, Natal e Ano Novo. Estranhando o comportamento atípico do filho e a visita inesperada, ela se assustou:

—O que foi Ryan? Aconteceu alguma coisa?

Ryan pediu que ela se sentasse num sofá que havia na garagem, atitude que aumentou ainda mais a sua ansiedade e desconfiança.

—O que foi meu filho?— repetiu, com a voz trêmula.

Apesar da feição de Ryan em nada sugerir que houvesse acontecido uma tragédia, dona Eleanor tendia ao pessimismo e ao fatalismo e já imaginou logo que a notícia seria ruim.

—Você está doente, meu filho? Fala logo.

—Calma, mãe. O que tenho pra contar é coisa boa.

Naquele instante, o coração de dona Eleanor desacelerou, seu semblante ganhou contornos mais brandos e seus olhos perderam o ar preocupado.

—A Christie não morreu naquele acidente. Ela está viva.

Em segundos, os batimentos cardíacos dela atingiram picos ainda mais altos do que outrora.

—Não brinca com isso meu filho. Como assim?

Sem tirar os olhos da mãe, Ryan se ajeitou no sofá e se preparou para contar tudo o que sabia. Começou contando a sua primeira descoberta, quando o envelope da maternidade chegou às suas mãos, revelando que, na verdade, quem havia morrido naquele acidente havia sido Lisa e que Christie estava viva. Dona Eleanor ouvia a tudo com atenção, ora levando as mãos à boca, ora apertando-as sobre o peito. A cada revelação, seu semblante ia assumindo expressões ora de terror,

ora de ceticismo. A única informação que ela tinha até então era sobre a traição da nora, que Ryan logo desmentiu, explicando ter sido uma invenção de Anne. Ele foi expondo todos os detalhes, minuciosamente, até chegar à confirmação emocionada de que Lisa era realmente sua filha. Pegou o envelope com o resultado do DNA e o exibiu de forma dramática como último ato de sua apresentação quase teatral. Demorou alguns segundos para dona Eleanor desfazer a feição de assombro e assumir um semblante emocionado. Então, ela não conseguiu conter as lágrimas e chorou desesperadamente.

Preocupado com a saúde da mãe, Ryan a levou para a cozinha, onde deu a ela um copo com água e um remédio para controlar a pressão. Somente naquele momento, vendo sua mãe transbordar em lágrimas, Ryan percebeu a importância daquela descoberta e o valor emocional que ela carregava. Pela primeira vez ele se emocionou de verdade com o fato de Lisa ser sua filha.

Sentada na cadeira da cozinha, dona Eleanor levou seu pensamento longe, bem longe, quase cinco anos antes, para o exato momento em que ela havia visto sua neta pela primeira vez, na

maternidade. Era a mesma lembrança que ela havia guardado em sua memória por todos aqueles anos e à qual recorria diariamente sozinha em seu quarto antes de dormir. Mas, diferentemente das outras tantas vezes, ela não se sentiu triste nem amargurada, pelo contrário, estava feliz e agradecida por receber de volta a chance de conhecer sua neta e vê-la crescer. Depois, ela se lembrou daquele pequeno e frágil bebê que morou na casa do filho no seu primeiro mês de vida. E ela se recordou com emoção de ter se afeiçoado à netinha desde o início, mesmo sem saber que ela possuía seu sangue.

Ryan preparou um chá calmante para eles e se sentou à mesa, ao lado da mãe. Ela se virou para ele e perguntou:

—Como ela é? Como é a nossa menina?

—Linda. Se parece muito com a Claire.

Ryan, então, avisou a mãe sobre seus planos:

—Vou para Warren amanhã. Vou voltar com ela pra casa.

—A Anne não vai aceitar. Não quero que minha neta sofra.

—Vou fazer tudo conforme a lei e vou fazer o possível para que ela aceite vir comigo.

—Faça isso meu filho. Eu vou ficar esperando.

Ao final daquela conversa, por mais que Ryan tentasse esconder, não eram apenas os olhos de sua mãe que estavam cheios de lágrimas.

26

O CONFRONTO FINAL

Ryan queria estar preparado para conversar com Anne e resolver aquela situação da melhor maneira possível, legalmente. Assim que saiu da casa de sua mãe, ele foi se encontrar com um advogado de sua confiança, que explicou a ele sobre os procedimentos legais necessários para assumir a paternidade de Lisa. Segundo o advogado, assim que voltasse para Brentford com a filha, Ryan precisaria entrar com uma ação no cartório onde ela havia sido registrada para exigir as alterações no seu registro civil. Ao ouvir todas aquelas recomendações e explicações, Ryan sentiu uma dor de cabeça aguda e persistente que não o largou por horas, provavelmente já era uma prévia do que vinha pela frente.

Naquela mesma noite, Ryan entrou no avião ainda mais irrequieto do que da última vez. Ele levava em sua mala de couro a prova definitiva de que Lisa era sua filha e ele sabia que estava prestes a enfrentar mais uma difícil batalha, certamente a

mais dura delas. Mas ele estava preparado para sair daquela luta vitorioso e, assim como havia prometido para sua mãe, ele não voltaria para casa sozinho. Ao repetir aquela promessa em sua cabeça, com firmeza e determinação, como se quisesse dar a si mesmo uma dose de ânimo e coragem, ele sentiu uma pressão tão forte em seus ombros, que era como se ele mesmo estivesse carregando a aeronave nas costas. Não pregou os olhos durante toda a viagem.

Na quarta-feira, menos de uma hora depois de sair do aeroporto, Ryan já estava em pé na frente da porta da casa de Anne, mais uma vez, como num *déjà vu* ininterrupto. Sabendo que naquele horário ela já estaria sozinha, Ryan tocou a campainha. As mãos estavam úmidas, mas a garganta estava seca. Tentado driblar a ansiedade, ele batucava os pés no chão num ritmo nervoso e descompassado, em uma das mãos ele balançava o envelope. De repente, a porta se abriu, era Anne, que instantaneamente perdeu a cor e arregalou os olhos. A primeira frase, a mesma com a qual ela o havia recebido poucos dias antes, daquela vez saiu quase inaudível, como um ruído abafado:

—Ryan, você aqui?

Fingiu não notar o espanto de Anne, ele foi entrando sala adentro. Já na sala, falou com a voz áspera:

—Hoje eu não estou com paciência para desculpas nem lágrimas. Chega de mentiras, Anne.

—O que foi, Ryan, não estou te entendendo?

—Eu já sei que sou o pai da Lisa, Anne. Como você conseguiu mentir sobre isso?

Ao ouvir aquela acusação dita de forma tão direta e incontestável, Anne arregalou os olhos, e suas mãos se entregaram a um tremor incontrolável. Faltou pouco para ela perder os sentidos e cair no chão. Mas ela se conteve. Com o pouco de forças que ainda tinha, foi até a cozinha e deu sinais claros de descontrole emocional quando, fingindo naturalidade, perguntou se ele aceitava água, cerveja, vinho, alguma coisa, qualquer coisa.

—Chega, Anne, pare de fingir que não me ouviu. E não me venha com mentiras porque eu tenho um exame como prova— disse, indo até ela e esticando o envelope em sua direção.

Diante daquele envelope, Anne arregalou ainda mais os olhos. Queria acreditar que aquilo era apenas um blefe, mas Ryan parecia muito firme em suas ações e em suas palavras para estar blefando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tinha mais como negar, seu maior pesadelo estava ali, se desenrolando à sua frente, como um filme de terror barato. Então, ela pegou o envelope, abriu, leu e o colocou sobre a mesa de centro, tentando agir como se aquilo fosse um papel qualquer. Mas o teatro durou poucos segundos, de repente, ela desmoronou, deixando esvair o pouco de força e dignidade que ainda lhe restavam. Sentou-se no sofá, cobriu o rosto com as duas mãos e começou a chorar desesperadamente.

—Fale alguma coisa, Anne. Não adianta chorar — disse, Ryan, já sem nenhuma paciência.

Percebendo que não havia mais para onde escapar, ela confessou o óbvio:

—Tá bom, eu menti. Mas você não pode tirar minha filha de mim— disse, transtornada.

Em questão de segundos, passou do tom de desespero ao agressivo:

—Você vai ter coragem de me denunciar? Se você contar eu vou presa.

Ryan perdeu o pouco de paciência que ainda tinha e sentiu vontade de aceitar a sugestão e denunciá-la naquele mesmo instante. Mas engoliu a raiva, talvez por medo de partir para a agressão física.

PERIGOSAS ACHERON

—Eu deveria. Mas, apesar de tudo o que você fez, não vou fazer isso. E é pela Lisa.

Então, Anne voltou a recorrer ao tom emocionado e arrependido:

—Não tire ela de mim, por favor. Eu não vou suportar. Nem ela. Você pode visitá-la sempre que quiser.

—Anne, ela vai comigo para a Inglaterra. Está decidido.

Um silêncio nervoso tomou conta do ambiente. Anne se levantou do sofá e começou a andar pela sala, com passos nitidamente nervosos, ora passando as mãos pelo rosto, ora estalando todos os dedos das duas mãos. Então, ela parou, olhou para Ryan e perguntou, sem deixar claro se estava sendo irônica ou se estava realmente interessada em tomar conhecimento de seus planos.

—Então, me diga, Ryan, como vai ser? Quais são os seus planos para tirar minha filha de mim?

Ryan também não entendeu o tom daquelas perguntas, mas aproveitou a deixa para apresentar as suas intenções.

—Eu já tenho tudo definido. Fique tranquila—disse, usando essa última palavra mais como deboche do que como sugestão. E continuou

relatando seu plano:

—Vou ficar aqui em Warren por pouco mais de duas semanas. É importante que ela me conheça e se sinta à vontade comigo antes de irmos para a Inglaterra. Você vai me ajudar a me aproximar dela.

Anne não conseguia responder. Não sabia se o atacava ferozmente ou se tentava amolecer seu coração. Decidiu não fazer nem um nem outro, pois sabia que ambas as opções seriam inúteis. E ele continuou:

—Amanhã de manhã eu venho aqui para ir com você levá-la para a escola.

Anne já nem conseguia mais olhar para ele. Antes de sair, ele se virou para ela e fez uma ameaça:

—Não quero me arrepender por te mantido como mãe dela. Se tentar algo, eu juro que te denuncio.

E foi embora, esbaforido, levando consigo o exame de DNA.

27

A EXPLICAÇÃO

Quando Bruce chegou em casa, após um exaustivo dia de trabalho, notou que tudo estava silencioso demais. Não ouvia o som da televisão, não ouvia conversas, gritos ou risadas. Na cozinha, nenhuma panela sobre o fogão, a mesa estava desfeita. Estranhou o fato de nem Lisa nem Anne terem aparecido para recepcioná-lo, nem Marie deu as caras. Notou logo que algo estava errado. Se aproximando do corredor que levava aos quartos, chamou pela esposa duas vezes e não teve resposta. Foi andando pelo corredor, receoso de que em algum momento encontraria algo que justificasse aquele silêncio inapropriado.

Ao espiar pela porta do quarto de Lisa, um alívio, a filha dormia inocentemente em sua cama, abraçada ao boneco de pelúcia. Marie estava deitada no pé da cama. Ao abrir a porta de seu quarto, se deparou com Anne jogada em cima da cama, aos prantos, sufocando o choro com a cabeça enterrada sobre o travesseiro. Ao vê-la naquela

situação, Bruce ficou assustado. Perguntando insistentemente o que havia acontecido, ele sentou-se ao lado dela na cama e começou a passar a mão carinhosamente em sua cabeça, alisando seus finos cabelos dourados.

Apesar dos insistentes apelos de Bruce para que falasse com ele, Anne não respondia, nem levantava a cabeça do travesseiro. De início, ele logo imaginou que ela tivesse se lembrado do acidente e estivesse chorando de saudades da irmã, quem sabe até de Eric ou da sobrinha que ela nem bem tinha conhecido, coisa que vinha acontecendo com certa frequência. Mas em nenhuma de suas recaídas ela havia se retraído daquela maneira, se recusando a falar com ele, se negando a dividir com ele sua dor. Daquela vez a dor parecia mais violenta.

Depois de alguns minutos na mesma situação, Bruce sentiu uma pontada de desespero. Mal sabia ele os motivos que haviam deixado Anne naquele estado emocional deplorável. Ele nem imaginava o que estava para ser revelado. E nem poderia. Não fosse por sua ativa participação no caso amoroso extraconjugal que manteve com ela, Bruce poderia ser considerado completamente inocente em toda

aquela história.

Reconhecendo que não teria mais como manter suas mentiras e ciente de que a perda de Lisa era coisa certa e irrevogável, Anne tomou coragem e decidiu contar ao marido todos os terríveis segredos que ela escondia há muito tempo. Eram tantas informações bombásticas, que ela não sabia por onde começar. Resolveu iniciar talvez da pior maneira, contando a parte mais cruel da história, aquela que dizia que Lisa não era sua filha. Levantou a cabeça do travesseiro e falou:

—Lisa não é minha filha. Ela é filha da Claire.

Sem compreender o porquê de Anne ter dito aquelas frases tão sem sentido, Bruce ficou paralisado por um breve momento. Passado o choque inicial, ele começou a fazer perguntas, uma atrás da outra, repetindo-as de tempos em tempos, no espaço de alguns segundos. Sem ouvir resposta, sua voz foi aumentando proporcionalmente à sua aflição. Percebendo que Anne não dava sinais de que iria se explicar ou de que iria recolher de volta aquelas palavras absurdas, ele parou de questionar e começou a contestar a sanidade da esposa.

—Você só pode estar louca. Se isso for verdade, coisa que eu não posso acreditar, nós

vamos perder a nossa Lisa.

Ouvindo toda aquela gritaria, Lisa, que dormia no quarto ao lado, acordou gritando pela mãe. Temendo que a pequena fosse até o quarto deles e visse a mãe naquele estado de completa confusão mental, Bruce, rapidamente, foi até ela e tentou fazê-la dormir novamente. Quase meia hora depois, Lisa finalmente adormeceu e ele voltou para o quarto, encontrando Anne ligeiramente mais calma. Sentada sobre a cama, ela procurou as suas melhores palavras e se dirigiu a Bruce, que a olhava aflito, na outra ponta da cama.

—Quando aconteceu aquele acidente e eu vi que a Lisa não se mexia. Percebi que ela estava morta.

Então, ficou em silêncio por alguns segundos, enxugou o rosto com as mãos e continuou:

—Eu estava assustada, não estava pensando direito. Só me restava ela.

Bruce só ouvia, pasmo. Ela continuou:

—Eu estava com a filha da Claire no colo e disse que ela era minha. Na hora aquilo pareceu tão fácil e tão certo.

—Então Lisa é sua sobrinha? Mas, Anne, isso é muito grave.

Anne se retraiu, abaixou a cabeça e deu a

impressão de estar arrependida, mais de sua momentânea sinceridade do que do ato que acabara de confessar. Porém, já sabendo que não havia mais volta, ela foi para o tudo ou nada:

—Eu fiz muito mais do que isso.

Ao ouvir aquilo Bruce se levantou da cama e se afastou um pouco como se quisesse renunciar ao direito recém-adquirido de ficar a par dos fatos. Mas Anne logo continuou, talvez por medo de perder a coragem:

—Um dia o Ryan apareceu aqui em casa de surpresa. Ele sabia que ela era a filha da Claire e dele.

—Como assim, como ele soube?

Sem poupar nenhum detalhe, Anne explicou sobre a fotografia, o laço e os brincos, e Bruce não conseguiu acreditar no inacreditável golpe do destino.

—Mas como você se livrou dele por todos estes anos? — questionou, mais cético do que curioso.

—Eu não podia perder a Lisa. Então eu disse que ela era da Claire, mas não era dele. Inventei que minha irmã tinha engravidado de outro homem. Foi o que veio à minha cabeça, pareceu minha única saída. E eu arrisquei.

Bruce ficou mudo, sem encontrar palavras para expressar o seu assombro. E Anne continuou tentando justificar seus atos:

—Eu disse que não sabia quem era o pai, que tinha sido um caso rápido. Eu achei que ele fosse aceitar a resposta e esquecer. Mas ele não aceitou.

Então, houve mais uma pausa para recuperar fôlego e coragem, mais esta do que aquele.

—Um dia ele apareceu aqui de novo e veio com uma foto sua naquele restaurante lá em Brentford. Naquele dia que a Claire nos viu juntos.

—Uma foto minha? — perguntou, sobressaltado.

Os dois se calaram e se entreolharam por alguns segundos. Difícil dizer qual dos dois estava mais apavorado. Quem ouvia ou quem contava.

—Ele veio me mostrar a sua foto porque ele queria que eu confirmasse que você era o amante da Claire. Ele sabia que eu estava lá naquele dia também.

O rosto de Bruce assumiu uma expressão séria e perturbada, possivelmente antevendo o que estava por vir. Anne continuou:

—Só que, quando ele veio aqui me falar sobre a tal fotografia, ele viu que você era meu marido.

—Não me diga que você confirmou que eu era o amante da Claire?

—O que eu podia fazer, Bruce?

Naquele momento, ela se aproximou do marido e pegou em suas mãos, tentando ganhar seu consentimento.

—Eu disse que estava com você justamente por você ser o pai da Lisa.

—E nunca me contou nada? — disse, em tom ameaçador.

Anne nem respondeu.

Então, como se tentasse compreender e assimilar tudo aquilo que acabara de ouvir, Bruce ficou calado por alguns minutos. E Anne manteve o silêncio, concedendo a ele o merecido tempo de reflexão. De repente, enxugando as lágrimas de seu rosto, Anne se levantou da cama e começou a andar pelo quarto. Era hora de acabar com o silêncio porque o enredo ainda não tinha chegado ao fim.

—Agora, nem sei como, ele descobriu que é o verdadeiro pai dela. Ele veio aqui hoje, com o resultado de um exame. Ele quer levar a Lisa com ele— falou essa última frase, abafando as palavras, com a mão sobre a boca.

—Vamos perder nossa menina. E você deve

PERIGOSAS NACIONAIS

responder um processo por isso.

—Não, ele disse que não tem a intenção de me denunciar. Mas nem me importa mais— disse, em tom dramático.

—Nossa Anne, quanta mentira. Como você pôde?

Mais uma vez, Anne preferiu não responder. Nem ela mesma entendia como havia se envolvido e envolvido todos eles naquele emaranhado de mentiras. Com a última descoberta de Ryan, ela sabia que sofreria a maior e a mais dolorosa das consequências: a perda de Lisa.

Apesar de ver o desespero de Anne, Bruce não conseguiu consolá-la nem dizer que tudo ficaria bem, como ele sempre fazia. Naquele momento ele estava aterrorizado e se sentindo traído. Colocou algumas coisas em uma mochila e foi dormir na casa de sua irmã, Rachel, que morava a 70 milhas dali. Ele precisava pensar em tudo aquilo longe da presença de Anne.

Dois dias depois, já refeito do susto e com mais pena do que raiva da esposa, Bruce voltou para casa. Não a consolou nem disse que compreendia ou aceitava o que ela havia feito, mas manteve-se firme ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

28

A APROXIMAÇÃO

Na quinta-feira, mais cedo do que o previsto, Ryan apareceu na casa de Anne ansioso para levar Lisa para a escola pela primeira vez. Anne o recebeu sem muita simpatia, e ele retribuiu da mesma forma. Pareciam dois estranhos sendo obrigados a se aturar mutuamente. Ao entrar, Ryan percebeu que a filha ainda dormia e aproveitou que estava sozinho com Anne para tocar em um assunto que não tinha grande relevância para seus planos, mas que despertava certa curiosidade.

—Há quanto tempo vocês estão juntos? Você e o Bruce. De verdade.

Apesar de já esperar que mais cedo ou mais tarde ele fizesse aquela pergunta, Anne ficou surpresa. Mas, como não tinha mais motivos para continuar mentindo, ela foi sincera e direta.

—Eu conheci o Bruce aqui em Warren logo depois de me casar com o Eric. Ele tinha acabado de se separar. Um dia ele apareceu lá no escritório para fazer o projeto da construção dessa casa. Ele

foi lá várias vezes e acabamos nos aproximando.

Mas Ryan queria saber ainda mais detalhes.

—E depois, por coincidência, vocês se encontraram lá em Brentford?— perguntou de forma debochada.

Surpresa com a ousadia e o tom sarcástico de Ryan, Anne largou os talheres que estava pegando na gaveta e olhou para ele. O assunto estava indo mais longe do que ela esperava, mas a pergunta era contundente:

—Não foi coincidência. Ele foi transferido para lá alguns meses antes. E foi ele que contratou o Eric para aquela vaga.

—Então, a Claire sabia e te ajudou?— arriscou.

—Não, a Claire não sabia de nada. Eu nunca tive coragem de contar pra ela do meu envolvimento com o Bruce porque tinha medo do que ela pensaria de mim. Ela acabou descobrindo sem querer naquele dia do tal evento dos livros— disse, claramente constrangida.

Tentando fugir da conversa, Anne pegou novamente os talheres e os colocou na mesa do café da manhã. Ryan, não satisfeito, foi atrás dela, com mais perguntas.

—E você sabia que o Eric tinha descoberto a sua

traição? — disse, mantendo seu tom sarcástico e cruel.

Naquele momento, Anne ficou realmente surpresa. Parou de ajeitar as coisas na mesa e olhou para ele.

—Impossível. Ele nunca desconfiou.

—Ele tinha fotos de vocês dois juntos.

—Fotos? Como? — perguntou, visivelmente abalada.

—Sim. E ele guardava alguns bilhetes seus para o Bruce. Bilhetes que o Bruce nunca recebeu— falou, sem disfarçar certo prazer naquela conversa.

Anne apoiou as mãos sobre a mesa e permaneceu alguns segundos em silêncio, buscando os tais bilhetes na sua memória, até que foi despertada por Lisa, que entrou na cozinha dizendo que naquele dia ela não iria para a escola. Anne olhou para a menina e depois para Ryan, que se aproximou e se apresentou:

—Você se lembra de mim? Eu sou o tio Ryan.

Lisa ficou olhando para ele com cara de sono e não respondeu.

—Hoje eu vou te levar na escola e depois vou te buscar. O que você acha?

Ela ficou olhando desconfiada para aquele tio

que estava, de repente, querendo fazer parte da sua vida. Percebendo que não estava agradando muito, Ryan aumentou suas apostas.

—A gente também pode passear no parque. O que você acha?

Então, ela finalmente respondeu:

—Eu quero ir no parque. Vamos mamãe?

Anne fez que sim com a cabeça e completou, dissimulando tranquilidade:

—Mas só depois da aula, mocinha.

Assim que se sentou à mesa, Lisa pegou um pedaço de pão e deu um largo sorriso como se sua memória a estivesse lembrado de algo importante:

—É amanhã que a gente vai pra praia, mamãe?

Ao ouvir aquilo, Anne olhou para a filha desejando que ela não tivesse feito aquela pergunta tão complicada naquele momento tão delicado. Olhou para Ryan e viu que ele franzia as sobrancelhas, confuso. Então, ela respondeu, não para a pergunta de Lisa, mas para os olhares de Ryan:

—Amanhã é o último dia de aula dela. Depois, ela terá um mês de férias.

Parou um pouco. Depois, continuou:

—E nós combinamos de levá-la para passar uma

semana na praia— respondeu, com a voz vacilante.

Ryan se sentiu encurralado. Apesar de não ter gostado nem um pouco daquela notícia surpresa, ele não queria desagradar Lisa logo no primeiro encontro. Ficou calado. Após o café da manhã, eles foram levar Lisa na escola e, na volta, sozinhos no carro, Ryan perguntou sobre a tal semana na praia.

Sem encarar seu interlocutor, Anne explicou:

—Ela está esperando há muito tempo por essa viagem. Já está marcada há mais de um mês. Ela vai ficar muito triste se desistirmos de ir. Eu também peguei três semanas de férias para ficar com ela. E Bruce também já conseguiu uma semana na empresa.

—Ótimo. Então, iremos todos pegar um sol na praia— disse Ryan, de maneira irônica e ríspida.

Anne deu apenas um sorriso acanhado, nervoso, e foi logo avisando que os pais de Bruce também dariam uma passada por lá. Mas Ryan não pareceu se importar com o aviso de Anne, que parecia mais uma forma desesperada de tentar fazê-lo desistir de acompanhá-los.

No final da tarde, assim que pegaram Lisa na escola, os três foram para o parque. Anne permaneceu a maior parte do tempo calada, apenas

observando como Ryan tentava, de forma desajeitada e quase desesperada, arrancar sorrisos e conquistar a aprovação da filha que ele mal conhecia. Lisa passou aquelas duas horas se divertindo, correndo pelo gramado atrás do tio e tentando subir em árvores, mas a todo o momento ela chamava a atenção da mãe para tudo o que fazia. Quando voltaram para casa, Lisa se despediu e foi correndo para o quarto. Antes de entrar novamente no carro, Ryan fez um comunicado a Anne:

—Amanhã eu estarei aqui no mesmo horário para levá-la ao seu último dia de aula.

E, com uma boa dose de crueldade, ele continuou:

—E será o último mesmo. É bom já avisar na escola, porque quando acabarem as férias ela já estará bem longe de Warren.

Anne não conseguiu segurar o choro, que saiu quase como um grito. Sem se despedir, olhou para ele com olhos aterrorizados e entrou, fechando a porta atrás dela com violência.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

29

SOL E MAR

Guarda-sol, cadeiras, malas, bolsas, potes com comida, garrafas d'água, tudo se amontoava na frente da casa de Anne quando Ryan chegou para se juntar a eles naquela aventura praiana. Lisa, que não sabia que ele os acompanharia naquela viagem, estranhou sua presença deslocada, seus shorts largos e sua camiseta regata. Achou estranho, mas não ruim, para ela, quanto mais bagunça e mais gente, melhor.

Um carro atrás do outro, seguiram para Belmar, a praia onde, no passado, a família de Anne costumava passar as férias de verão anualmente. Anne não pisava naquelas areias há anos e estava apreensiva para aquele reencontro com o mar que guardava tantas lembranças. Pouco mais de uma hora depois, chegaram a um hotelzinho não muito distante da casa que os pais de Anne tiveram por vários anos.

Mal descarregaram tudo, já foram para a praia. Lisa estava ansiosa para cair na água e brincar na

areia como costumava fazer nos finais de semana que viajava sozinha para a praia com o pai. Desde o acidente, Anne se negava a ir com eles e pedia que Bruce fosse sozinho com a filha. A areia fofa, a água salgada e o sol quente no rosto, tudo aquilo estava impregnado de saudades, impregnado de um passado que ela não se sentia preparada para relembrar.

Mas naquele ano, justamente naquele momento tão delicado para ela, com o coração em pedaços, Anne se viu diante daquele mar novamente. Bruce sabia do quanto aquilo representava para ela e respeitou seu momento, deixando-a sozinha, enquanto procurava, com Ryan e Lisa, o melhor lugar na areia para se instalarem. Após escolher o lugar, fincar o guarda-sol e abrir as cadeiras, Bruce pegou uma latinha de cerveja e sentou-se ao lado de Lisa, que começou imediatamente a brincar de cavar a areia molhada e colocar no baldinho de plástico, ritual obrigatório todas as vezes que ela chegava à praia. Ryan colocou a cadeira do outro lado de Lisa, em um lugar estratégico que o deixou próximo da filha e longe do sol forte que fazia naquela manhã.

Enquanto os três se ajeitavam no trecho de areia

que lhes coube, Anne permaneceu por mais alguns instantes observando a imensidão do mar, deixando o vento balançar seu leve vestido e embaraçar seus finos cabelos. Queria que o vento levasse para longe a dor que ela sentia no peito, mas o nó só se apertava cada vez mais. Então, ela colocou os pés na areia quente e sentiu um calor percorrer todo o seu corpo. Caminhou em direção ao mar, imaginando que Claire estava ali do seu lado, segurando a sua mão. Então, a água fria tocou seus pés, e ela começou a correr, chutando as ondas que vinham ao seu encontro, com a mesma força e vivacidade de outrora. Pensou em se jogar naquelas ondas e se entregar àquele mar como costumava fazer na infância. Mas ela hesitou e ficou em pé por alguns segundos, como se vislumbrasse à sua frente as duas meninas felizes de tempos remotos. Então, molhou seus cabelos e sentiu a água fria reenergizando seu corpo. Ficou ali quase meia hora, sozinha, se lembrando de quando ainda era criança e tinha um futuro indefinido, indeterminado, em branco pela frente. Sentiu saudades de Claire e se sentiu sozinha.

De repente, Anne ouviu gritinhos empolgados de criança, era Lisa chamando a mãe para brincar

na areia. Ela foi ao encontro da filha e sentou-se com ela bem na beira, onde a água avançava apenas quando era impulsionada pelas ondas mais fortes. Ali, ela brincou com Lisa de se empanar na areia e correr para a água para se lavar, como se transmitisse a ela uma importante tradição de família.

Ryan ficou sentado na cadeira de praia, meio desconfortável, se sentindo deslocado naquele cenário, fingindo não notar a cena que se desenrolava bem à sua frente. Desde que haviam roubado aquela sua prometida chance de viver ao lado do mar e velejar com seu pai nos dias quentes, Ryan resolveu tornar aquele ambiente algo inóspito e desinteressante. Mas, principalmente na presença de Lisa, ele precisava se mostrar um pai contente e entusiasmado, então, resolveu logo colocar um sorriso no rosto, que ora parecia forçado, ora, vazio.

Quando a fome apertou, todos voltaram para o hotel e se prepararam para almoçar. Por algumas horas, talvez embalados pelo clima, pela brisa do mar, pelo sol, ou pelo fato de terem todos, com exceção de Lisa, decidido tomar algumas cervejas para espantar o calor, o almoço foi agradável. Entre

um copo e outro, eles conversaram e até sorriram, como se não estivessem cruelmente envolvidos na mesma trama infeliz. Mesmo sem o efeito do álcool, Lisa foi a que mais se divertiu naquele dia. Talvez por ser a única verdadeiramente inocente.

No dia seguinte, os pais de Bruce chegaram à cidade para se juntarem a eles. Eles moravam na Califórnia e visitavam Bruce e sua família apenas uma vez por ano, geralmente nas férias do filho. Além de raras, as visitas eram curtas, e naquele ano não seria diferente, eles permaneceriam em Belmar apenas por dois dias. O pai de Bruce, senhor Michael, era um empresário do Vale do Silício, um homem riquíssimo e ocupadíssimo, e a mãe de Bruce, dona Jody, era uma mulher esnobe, beirando o irritante. Desde sempre, eles tiveram pouca ou nenhuma afinidade com o filho, o que fez com que Bruce decidisse estudar Administração do outro lado dos Estados Unidos, em New Jersey, e não voltasse nunca mais para perto deles. Em consequência do pouco contato que tinham com o filho, eles quase não conheciam a neta e tentavam conquistá-la com caros e raros presentes. Lisa adorava os presentes que recebia deles, mas muitas vezes nem se lembrava de que eles também eram

seus avós.

Na manhã de domingo, quase meia hora após a hora marcada, o senhor Michael e senhora Jody adentram o hotel, que logo de cara julgaram ser muito mais simples do que desejavam. Mas aceitaram ficar ali mesmo e subiram para o quarto. Uma hora depois, todos se encontraram na recepção e partiram para a praia. Por morar perto do mar, aquele que banhava o outro lado do país, dona Jody tinha pele elegantemente dourada e uma coleção de maiôs e adereços de fazerem inveja em qualquer moça naquela faixa concorrida de areia. Já o senhor Michael, permanecia tempo demais no escritório para notar que as ondas quebravam bem perto de sua casa. Era quase tão branco quanto Ryan.

Assim que colocaram os olhos sobre Ryan, eles questionaram com desconfiança a presença daquele inglês desajeitado entre eles, e Anne, encabulada, explicou ser o ex-marido de sua irmã, ocultando a parte trágica da história. Para evitar confrontos e explicações olhos nos olhos, Bruce decidiu revelar que Lisa não era filha de Anne em uma oportunidade futura, por telefone, quando eles estivessem a algumas milhas de distância. Ryan e

Anne respeitaram a decisão dele e não tocaram no assunto.

Durante aqueles dois dias na presença dos quase desconhecidos magnatas do silício, as relações pessoais foram mantidas sob uma naturalidade ainda mais falsa e pesada. Ryan se sentiu ainda mais constrangido em se aproximar de Lisa e se mostrou ainda mais irritado com Anne. Bruce tentava agradar os pais e se mostrar minimamente feliz com a presença deles, mas representava muito mal aquele papel embaraçoso. Anne, que já não estava muito contente com o rumo que sua vida estava levando, ficou ainda mais retraída, como se as lembranças do passado tivessem aumentado ainda mais o peso sobre suas costas. Graças à sua inocência, Lisa era a única que não destoava daquele cenário paradisíaco.

Quando, finalmente, os dois dias acabaram, e os pais de Bruce voltaram para casa, todos compartilharam uma sensação de relaxamento e uma esperança por dias melhores. E os dias tornaram-se realmente melhores, pelo menos para Ryan. Sentindo-se livre dos olhares de estranheza de dona Jody, ele passou a se aproximar mais de Lisa, que aceitou sua presença com tranquilidade.

Aqueles dias também o aproximaram do mar, pois ele resolveu finalmente se entregar às ondas, arrancando muitas risadas da pequena, que logo percebeu a sua pouca familiaridade com a água salgada, com a areia e com o sol forte na pele. Ao final do dia, ele estava vermelho dos pés à cabeça, mas nada parecia incomodá-lo naquelas férias.

Anne e Bruce, apesar de não estarem contentes com a imposta presença de Ryan, sentiam, no fundo, uma tranquilidade e certo alívio ao vê-los se entendendo. Um sentimento próprio de quem sabe que aquela aproximação e aceitação facilitariam muito a vida de Lisa nos meses seguintes. Em nome daquele futuro inevitável, eles chegaram até a incentivar e facilitar a aproximação dos dois. Todas as manhãs, Ryan e Lisa dividiam alguns momentos a sós enquanto esculpiam castelinhos de areia, que rapidamente eram devorados pelas águas do mar. Um tanto desajeitado, Ryan se esquecia do sol forte e se dedicava a criar montes de areia cada vez maiores e mais interessantes para impressionar a filha, mas para Lisa o melhor momento mesmo era quando a água os devorava e eles eram obrigados a recomeçar a brincadeira.

No dia de voltarem para Warren, Anne se

PERIGOSAS ACHERON

despediu do mar como se deixasse com ele suas lembranças, guardadas naquelas águas para um provável futuro regresso. Mas ela não se despediu de sua dor. Aquela, tão arraigada em seu peito, as ondas do mar não tinham conseguido arrancar. Bruce já estava impaciente para voltar para casa. Aquela ida a Belmar havia sido muito diferente daquelas que costumava fazer com Lisa nos finais de semana quentes de verão, e ele sabia que certamente elas nunca mais aconteceriam. Ryan foi o único que deixou Belmar mais feliz, justamente ele que não tinha nenhuma intimidade com aquele ambiente, até então inóspito.

Após pouco mais de uma hora na estrada, estavam todos novamente reunidos na frente da casa de Anne para as despedidas finais. Ryan se despediu de Bruce e de Anne e agradeceu por terem estendido o convite da semana na praia a ele, embora soubesse, mais do que ninguém, que as coisas não haviam acontecido exatamente daquela maneira. Quando se abaixou para dar um beijo em Lisa, ela se aproximou do seu ouvido, diminuiu o tom da voz e perguntou a ele, colocando a mãozinha na frente da boca, como se cochichasse:

—Tio Ryan, por que você não gosta da mamãe?

Apesar do esforço de Lisa para que a pergunta fosse exclusivamente para Ryan, todos puderam ouvir com clareza o seu desconcertante questionamento. Visivelmente constrangido, ele olhou para a filha e respondeu, sem cochichar, de forma quase convincente:

—Eu gosto da sua mãe sim. Nós nos conhecemos há muito tempo.

Uma meia-verdade que Lisa aceitou, mesmo não acreditando em sua veracidade.

Antes que Ryan entrasse no carro, Anne foi até ele e o convidou para almoçar em sua casa no domingo. Ryan não entendeu se aquele convite havia sido feito para confirmar a meia-verdade que ele acabara de contar à Lisa e provar que os dois eram realmente amigos ou simplesmente porque suspeitava que ele apareceria para o almoço de qualquer forma. Independentemente do motivo, ele rapidamente aceitou.

30

ALMOÇO DE DOMINGO

Ryan tirou o sábado para descansar de sua agitada e quente semana na praia. Passou o dia no quarto do hotel ouvindo música, lendo jornal e assistindo televisão. Volta e meia ele se lembrava do motivo que o havia levado aos Estados Unidos daquela vez e chegava a pensar, com certo ceticismo, nas voltas que sua vida tinha dado. Deixava o jornal e os programas televisivos um pouco de lado e começava a imaginar como seria a sua vida dali para diante. Pensava naquela semana na praia e chegava até a fazer planos para o futuro, sempre incluindo Lisa em todos eles. A cada novo pensamento, sentia o peso da responsabilidade que assumiria, porém, apesar do medo do que estava por vir, ele não cogitava voltar atrás em sua decisão. Adormeceu num misto de ansiedade e satisfação.

No dia seguinte, acordou renovado. Tomou seu banho, vestiu sua melhor roupa, comprou alguns *donuts* para levar para Lisa e chegou na casa de

Anne bastante animado. Mas, sua animação acabou assim que a porta se abriu e ele percebeu que não era o único convidado para a refeição em família. Além das presenças óbvias e garantidas de Anne, Bruce e Lisa, os pais de Anne também estavam lá. Ao ver dona Laura vindo em polvorosa em sua direção, Ryan suspeitou que seria ele o prato principal daquele almoço dominical. Sentiu vontade de recuar, mas já era tarde. Cumprimentou Anne, que estava visivelmente constrangida, e ficou aguardando ser alcançado por dona Laura, que o cumprimentou calorosamente, com um abraço apertado e demorado. Assim que o libertou de seus braços, ela olhou fixamente em seus olhos, preparou suas presas e deu o bote:

—Ryan, meu querido, eu sinto muito por tudo o que aconteceu. Mas não leve a Lisa daqui. Nós não saberemos como viver sem ela.

Ainda não refeito da surpresa nem do caloroso abraço, Ryan se esquivou como pôde. Desviou o olhar, se afastou de seus braços, fez de conta que não ouviu o apelo emocionado. Então, quando viu o ex-sogro vindo em sua direção, aproveitou a chance para fugir da presença insistente de dona Laura. Comportando-se de maneira completamente

diferente da esposa, o senhor John não deu abraço, não olhou fixamente em seus olhos e não preparou nenhum bote, apenas cumprimentou Ryan de forma fria e rápida, como de costume.

Assim que Ryan entrou na sala, Bruce se levantou da poltrona sem esconder sua falta de graça e de paciência, cumprimentou Ryan rapidamente e pediu que ele ficasse à vontade, coisa que parecia bastante improvável naquele momento. De repente, Lisa surgiu correndo do fundo do corredor com um boneco de pelúcia na mão. Ao ver Ryan na sala, ela foi até ele e, espontaneamente, o abraçou. Totalmente despreparado para aquela inesperada demonstração de carinho, Ryan ficou imóvel, não sabia como retribuir ao abraço e apenas se deixou abraçar, satisfeito. Aquela atitude de Lisa aumentou exponencialmente a irritação de Bruce, que logo se retirou para a cozinha, onde Anne preparava o almoço. Alguns minutos depois, os dois apareceram na sala, e Anne pediu que todos se sentassem pois o almoço seria servido.

Ao se aproximarem da mesa, dona Laura aguardou que Ryan se sentasse para que ela elegesse estrategicamente sua posição à mesa, na

cadeira em frente à cadeira dele. Todos se sentaram e começaram a se servir. Graças à presença de Lisa, Ryan foi poupado momentaneamente das súplicas verbais de dona Laura, mas não escapou dos insistentes olhares de piedade que o perseguiram durante todo o almoço. Percebendo as claras intenções da ex-sogra, Ryan evitou ao máximo qualquer encontro de olhares, mantendo-se a maior parte do tempo olhando para o próprio prato. Evitou também entrar em assuntos delicados, com medo de dar algum parecer que pudesse ser usado contra ele em momento futuro. Assim que Lisa saiu da mesa para brincar em seu quarto, a trégua teve fim, e dona Laura passou a ser mais direta e incisiva em seus apelos emocionados:

—Faz poucos dias que a Anne me contou. Eu nem imaginava isso, Ryan. Eu só te peço que não leve ela daqui. Nós não aguentaríamos.

Tentando mostrar tranquilidade e firmeza ao mesmo tempo, Ryan mediu bem suas palavras, olhou para dona Laura e respondeu:

—A senhora continuará sendo a avó dela. Está convidada a ir visitá-la sempre que quiser em nossa casa na Inglaterra. Minha intenção não é tirar o seu direito de avó. Mas ela vai morar comigo—

respondeu, sem perceber o peso daquelas palavras nos ouvidos de dona Laura.

Quando ela deu sinais de que ia dar seguimento aos seus apelos e às suas chantagens emocionais, o senhor John resolveu intervir. Sentado ao lado dela, ele pegou em seu braço, de maneira firme, e a censurou:

—Não o perturbe mais, Laura. Não percebe que está sendo inconveniente? Já falamos sobre isso.

Apesar de extremamente chateado e triste com aquela situação, o senhor John respeitava a posição de Ryan e reconhecia os seus direitos de pai. Assim que soube de tudo o que Anne havia feito e da decisão de Ryan de levar a neta para o outro continente, ele experimentou a mesma dor aguda que havia sentido anos antes, quando Claire saiu de casa para iniciar uma nova vida na Europa. A paixão extremada que ele sentia pela neta não mudou em nada após a descoberta de que ela era filha de Claire, apenas permitiu que ele compreendesse o porquê de amá-la da mesma maneira desmedida com que havia amado a filha caçula.

Após as palavras do marido, proferidas com firmeza enquanto segurava seu braço, dona Laura

não tocou mais no assunto até o término do almoço, mas nada a impediu de manter aquela feição digna de pena, a voz quase embargada e os olhos carregados de súplica.

Desconfortável com aquela situação, assim que todos finalizaram a sobremesa, Ryan pediu licença, levantou-se da mesa e foi até Lisa, que naquele momento estava brincando com a gata Marie no canto da sala. Aproximou-se devagar, meio acanhado, e começou a brincar timidamente com ela, notando com satisfação que ela já se mostrava à vontade ao seu lado. Sentindo o peso dos olhares que eram lançados em sua direção, Ryan ficou meia hora com Lisa e, depois, se despediu de todos, agradecendo pelo almoço. Ao se despedir de Anne, avisou que estaria lá no dia seguinte pela manhã para irem ao cartório. Anne, que já estava ciente das intenções de Ryan, fez um sinal afirmativo com a cabeça.

31

UMA NOVA FAMÍLIA

Ryan e Anne tinham um importante compromisso naquela manhã de segunda-feira. Juntamente com Lisa, que já não tinha aula na escola, eles foram até um cartório no centro da cidade para solicitar uma autorização de viagem que permitisse que Ryan levasse a filha para o exterior sem a presença da mãe. Por mais difícil que fosse assinar aquele documento, Anne não teve escolha. Tentando não molhar o papel com as lágrimas que caíam insistentemente de seus olhos, ela firmou a solicitação, sentido que naquele momento perdia sua filha definitivamente. Experimentando um sentimento bem diferente do de Anne, Ryan saiu do cartório feliz por ter concluído mais uma importante etapa naquele processo.

Com a intenção de prolongar o contato com Lisa por mais algumas horas, Ryan as convidou para almoçarem em uma lanchonete naquela mesma rua. As duas aceitaram o convite, mas o almoço foi, de

certa forma, desastroso. Anne estava abatida porque a assinatura daquele documento no cartório havia oficializado a ida de Lisa para o outro continente. Ryan se sentia deslocado e desanimado porque havia percebido que longe das ondas do mar, do clima praiano e da areia para fazer castelinho era muito mais difícil parecer um pai interessante. Aquela segunda-feira também não era uma das melhores para Lisa, que, sem a escola e sem a praia, teve que aturar as lágrimas da mãe e o desconcerto do tio Ryan.

Após hamburghueses, refrigerantes e batatas fritas, os três deixaram a lanchonete e voltaram para a casa de Anne. No caminho, pensando no almoço praticamente fracassado, Ryan sentiu receio de que Lisa não aceitasse viajar sozinha com ele para a Inglaterra. Faltando menos de uma semana para o voo, ele decidiu que talvez fosse a hora de começar a prepará-la para a viagem que eles fariam juntos no sábado seguinte. Disposto a convencer Anne a aceitar a sua decisão, assim que chegaram, Ryan pediu para entrar, dizendo que precisavam conversar sobre um assunto muito importante e inadiável. Anne logo percebeu o tom sério de Ryan e levou Lisa para brincar no quarto com seus

brinquedos, voltando para a sala para uma longa e difícil conversa. Após quase uma hora, eles chegaram a um acordo, em nome da felicidade de Lisa. No dia seguinte, conversariam com ela sobre a já programada viagem para a Inglaterra e sobre um assunto ainda mais delicado: o fato de Ryan ser o pai dela.

Na manhã seguinte, os três foram para uma bonita e tranquila praça a poucos quilômetros da casa de Anne. Munidos de cesta de piquenique, pães, doces e sucos, eles se sentaram sob a sombra de uma árvore, estenderam uma toalha xadrez e se sentaram. Com a boca seca e as mãos molhadas, Anne, ajeitou a filha sobre a toalha, passou a mão em seu delicado rosto, olhou em seus olhos e falou com a voz mais suave que ela conseguiu:

—Meu amor, logo você vai fazer uma viagem com o tio Ryan para um lugar muito bonito.

—Vamos pra praia de novo? — perguntou, animada.

—Não, você vai com o tio Ryan para outro lugar.

Estranhando a notícia, Lisa franziu a testa, encarou a mãe com os olhos apertados e reagiu prontamente àquela informação, tentando deixar

claras, logo de início, as suas condições:

—Com a mamãe e com o papai também, né?

Anne ficou olhando para a filha, tentando disfarçar sua emoção. Sua voz saía embargada.

—Não, desta vez você vai só com o tio Ryan.

Lisa rapidamente olhou para Ryan, que permanecia calado, apreensivo e encolhido sobre a toalha xadrez. E Anne continuou:

—Você vai sozinha com ele, mas nesse lugar bonito você vai conhecer mais uma avó.

—Mais uma avó?— perguntou, em um misto de surpresa e desconfiança.

Suspeitando que Anne talvez não conseguisse dar seguimento, Ryan tomou coragem e assumiu a conversa:

—Sim, Lisa. Você tem mais uma avó, e ela está esperando por você nesse lugar bonito.

Mesmo notando que a filha estava confusa, Anne sabia que era tarde demais para arrependimentos e tinha certeza de que Ryan não voltaria atrás em sua decisão. Tomou coragem e resolveu assumir a palavra novamente. Com a voz trêmula e entrecortada, quase inaudível, ela falou:

—Tem uma coisa muito importante que a gente quer te contar, minha filha.

Lisa franziu as sobrancelhas e apertou os olhos, como se anteviesse algo bombástico.

—O tio Ryan é seu pai também.

Naquele momento, os olhos apertados e franzidos se arregalaram, e ela olhou para Ryan, que sentiu que talvez fosse o momento de se aproximar, abraçá-la, passar as mãos sobre seus cabelos e fazê-la aceitar de bom grado o genuíno amor paterno que ele ainda mantinha represado em seu peito. Mas não deu tempo para nada daquilo. Lisa finalmente reagiu, da pior maneira. Começou a chorar e a gritar:

—Não preciso de outro pai e nem de outra vovó. Eu quero a minha mãe e o meu pai.

Anne rapidamente se levantou, pegou a filha no colo e começou a pedir que ela se acalmasse, mas foi em vão. Diante daquela reação inesperada, Ryan se retraiu novamente e ficou calado, apenas observando. Anne começou a caminhar com Lisa para o carro, e Ryan as seguiu, deixando para trás o piquenique intocado. Assim que entraram no carro, Lisa continuou chorando, mas já não gritava e não falava mais nada, o que já se mostrou um avanço diante daquela assustadora situação. Em poucos minutos, Lisa adormeceu, e Ryan e Anne

permaneceram o caminho todo em silêncio. Quando chegaram à casa de Anne, Ryan mal se despediu e disse que voltaria no dia seguinte. Ele estava desnorteado.

Na manhã seguinte, sem saber como Lisa o receberia, Ryan chegou cedo à casa de Anne com a intenção de falar primeiramente com a mãe para depois encarar a filha. Mas, apesar da hora, Lisa já estava acordada, e, assim que Ryan apareceu na cozinha, ela foi sonolenta até ele e o abraçou, como já vinha fazendo há algum tempo. Ryan e Anne se entreolharam, e foi possível ler nos olhos de ambos o alívio e o ceticismo. Os dois compartilhavam do mesmo pensamento: ou ela não havia compreendido a conversa do dia anterior ou havia apagado aquela história por completo de sua memória. Eles só não sabiam qual opção seria a pior.

Para Anne, aquela pareceu uma excelente oportunidade de passarem por cima daquele assunto e fingirem que haviam tido uma amnésia coletiva. Mas Ryan não queria dar um passo atrás e, naquele mesmo dia, ele aproveitou um momento de tranquilidade de Lisa e mencionou novamente o assunto da viagem. Apesar de não ter dado pulos de

alegria mostrando pronto consentimento, Lisa também não reagiu mais daquela maneira assustada e agressiva do dia anterior. Percebendo que ela estava mais receptiva ao tema, Ryan passou a falar sobre a viagem que fariam juntos e sobre a avó que a aguardava, diariamente. Lisa não falava nada, não dizia sim nem não, o que deixava Ryan aliviado e, ao mesmo tempo, apreensivo. Diante daquela reação um tanto vaga, Ryan resolveu que seria melhor não mencionar mais a questão da paternidade, evitando retroceder na sua conquista. Aquele importante e delicado tópico seria tratado no futuro, quando eles já estivessem na Inglaterra.

Nos dias que se seguiram, Ryan continuou seu plano de se aproximar da filha e marcou diversos passeios e atividades, conseguindo inclusive alguns momentos a sós com ela: uma vez quando saíram para tomar sorvete e outra, quando foram ao cinema. Porém, na maioria das vezes Lisa requisitava a presença da mãe, que os acompanhava, algumas vezes com a cara amarrada, outras vezes com um insuportável ar melancólico. Mesmo presente, ela quase não interagiu com eles, mantendo-se distante, apenas observando. No fundo, Anne sabia que aquela aproximação entre os

dois era importante para Lisa, mas era muito difícil concordar com a separação que estava prestes a se tornar real. Ela até tentava aceitar, mas estava sendo muito difícil para ela. Ryan, que não fazia nenhuma questão de interagir com a ex-cunhada, evitava ao máximo qualquer aproximação com ela e, muitas vezes, chegava a fingir que ela nem estava presente.

Assim, os dias de Ryan em Warren foram chegando ao final. E os de Lisa também. Munido de sua habitual determinação, Ryan demonstrava uma postura firme, decidida, própria de quem tem total controle de suas ações. Mas aquilo era só por fora, para impressionar Lisa e irritar Anne. Por dentro, ninguém imaginava, mas a ansiedade e o medo tocavam harpa com seus nervos.

32

O DIA DA PARTIDA

Após quase três semanas em Warren, finalmente chegou o dia de Ryan voltar para a Inglaterra levando sua filha com ele. Naquele sábado, ele acordou agitado. Suas malas já estavam prontas desde o dia anterior, ele já havia tomado banho, devorado um café da manhã reforçado e até a conta no hotel já havia sido fechada. Não havia mais nada para fazer ali, mas ele continuava sentado na cama, batendo os pés no chão e estalando os longos dedos, demonstrações claras de sua apreensão pelo que ainda estava por vir. De repente, como se algo dentro dele sinalizasse que havia chegado a hora, ele se levantou, pegou as malas e seguiu para a casa de Anne.

Com as mãos suadas, Ryan tocou a campainha três vezes seguidas e ficou ouvindo seu som estridente ecoar. Era a mesma campainha que ele havia tocado tantas outras vezes, com tantos estranhos sentimentos no peito, mas daquela vez o som ecoou diferente, mais vibrante e mais

assustador. Ficou ali aguardando, sentindo-se também mais vibrante e mais assustador do que das outras vezes.

Quem atendeu a porta foi Bruce que, ao vê-lo desejando não tê-lo visto, o cumprimentou de maneira fria e breve. Dona Laura e o senhor John logo vieram dos fundos da casa com a postura envergada e os passos arrastados, como se carregassem toda a tristeza do mundo sobre os ombros. Fingindo não perceber o clima pesado que assolava aquela casa e todos dentro dela, Ryan passou os olhos pela sala e logo notou que as malas de Lisa estavam prontas, encostadas na parede. Percebendo que as malas estavam à sua espera, mas a filha, não, Ryan começou a olhar para o corredor, impacientemente, alternando pensamentos contraditórios: em um deles, imaginava Lisa surgindo aos berros pelo longo corredor, gritando que não iria com ele para lugar nenhum; em outro, a via irrompendo, sorridente, saltitante, se apossando de uma das malas, lhe dando a mão e se preparando para deixar a casa. Não aconteceu nem uma coisa nem outra.

Como Lisa não aparecia, Bruce se aproximou do corredor e gritou duas ou três vezes seu nome.

Nada. Então, Bruce fez um sinal para Ryan para que ele fosse até o quarto dela. Ao chegar à porta do pequeno quarto, Ryan encontrou Lisa chorando um choro silencioso, que só não era de todo mudo porque de tempos em tempos ouvia-se um soluço. Ela estava abraçada à Anne, que também chorava silenciosamente. Ryan se aproximou, constrangido, e fez uma pergunta um tanto óbvia:

—Por que você está chorando, Lisa?

E aí veio a resposta óbvia:

—Não quero viajar sem a mamãe.

Um nó logo se alojou na garganta de Ryan, fazendo com que sua voz saísse de forma dolorida e engasgada.

—Nós já combinamos essa viagem, lembra? A outra vovó está nos esperando. Sua mãe vai depois te visitar.

Por mais que aquele momento fosse difícil para ela, Anne tentou torná-lo mais fácil, pelo menos para a filha.

—Depois todos nós vamos te encontrar lá. Vá com ele, Lisa— disse Anne, enxugando as lágrimas da filha, enquanto as suas se perdiam em seu rosto.

—Confie em mim, Lisa. Vai ficar tudo bem— disse Ryan como um último sopro de incentivo

para fazê-la aceitar o que já estava decidido.

Anne, então, se levantou, ajeitou a filha e pediu que ela cumprimentasse o tio Ryan. Lisa deu um abraço nele, e os três deixaram o quarto juntos. Quando entraram na sala, a tia Rachel, irmã de Bruce, aguardava pela sobrinha com uma caixa de balas e uma boneca. Lisa largou a mão de Ryan e correu feliz para abraçar a tia que, entre sorrisos e lágrimas, a abraçou e a beijou repetidas vezes.

Ryan, então, começou a colocar as coisas de Lisa no carro, acompanhado por Bruce que, meio acanhado, reforçou sua vontade de visitar Lisa assim que fosse possível. Ele e Anne já haviam conversado com Ryan sobre o contato que manteriam com a filha, mas Bruce estava nervoso e agitado, ele precisava de mais uma confirmação antes que sua menina fosse embora de vez. Colocando a mala no carro, Ryan se virou para Bruce e reafirmou o que ele já havia dito anteriormente: que eles seriam bem-vindos, mas que dessem um tempo para que Lisa se acostumasse com seu novo lar e com sua nova vida. Bruce ouviu aliviado, fazendo um repetido sinal afirmativo com a cabeça.

Quando entrou novamente na sala e não tinha

mais nenhuma mala para pegar, Ryan percebeu que era a hora de levar Lisa para o carro. Ciente de que aquela não seria uma tarefa fácil, ele se aproximou calmamente da filha, que naquele momento estava em meio aos paparicos de todos. Ela parecia bastante distraída e calma, mas a tranquilidade acabou assim que Ryan a chamou, dizendo que era a hora de ir embora.

Lisa começou novamente a chorar, seguida pelos demais presentes naquela sala, que agiam de forma confusa e contraditória. Ao mesmo tempo que a incentivavam a aceitar as ordens do pai, eles a abraçavam com tal força que a faziam crer que ela deveria se negar a ir e ficar ali com eles. Sem paciência, mas com receio de assustar a filha, Ryan olhou para Anne, clamando por sua ajuda. Ela pegou Lisa no colo e começou a se dirigir ao carro, tentando acalmá-la, dizendo que logo eles todos iriam visitá-la. Talvez por acreditar naquela promessa ou por imaginar que sua viagem com o tio Ryan seria temporária, Lisa foi se acalmando. Quando chegaram ao carro, ela já estava mais tranquila. Porém, assim que Anne a acomodou no banco traseiro, Lisa viu Marie na soleira da porta e pediu para fazer um último carinho nela. Enquanto

Ryan se despidia do senhor John e da senhora Laura, Anne foi até a entrada da casa, pegou a gata no colo e a levou até o carro. Muito sentida por deixar Marie, Lisa ficou alguns minutos alisando a cabecinha da gata.

Fingindo não perceber a dor que todos sentiam, Ryan terminou de se despedir, pegou Marie do colo de Lisa, a entregou para Anne e entrou rapidamente no carro com medo de que Lisa inventasse um novo empecilho para atrasar, adiar ou até cancelar a partida. Ao olhar para trás, ele percebeu que a filha chorava, era um choro ao mesmo tempo mudo e intenso, que cortou o coração de Ryan de fora a fora. Sentindo remorso por não levar a gata com eles para a Inglaterra, Ryan prometeu que compraria um gato para ela assim que chegassem na outra casa. Lisa parou de chorar e perguntou:

—E se for um cachorro? Pode ser um cachorro?

Aliviado com a reação da filha, Ryan disse que sim, aceitaria comprar até um urso para ela naquele momento. Ligou o carro e partiram rumo ao aeroporto. Assim que viraram a esquina, todos que foram deixados para trás permaneceram imóveis por alguns minutos, em silêncio. Sem ânimo para um almoço em família, Rachel, o senhor John e a

PERIGOSAS NACIONAIS

senhora Laura se despediram ali mesmo e foram embora. Anne e Bruce entraram em casa e mantiveram aquele silêncio ensurdecedor até o final do dia. Com os corações apertados, eles sabiam que suas vidas nunca mais seriam as mesmas. O tempo abrandaria aquela dor, mas nunca a curaria por inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

33

RYAN E LISA EM BRENTFORD

Quando Ryan e Lisa chegaram em Brentford, dona Eleanor os aguardava ansiosa, em pé, na frente da porta entreaberta, usando seu vestido mais colorido, com um batom nos lábios e cheirando a torta de chocolate, pronta para desempenhar seu tão aguardado papel de avó. Mas ela precisou esperar um pouco mais para assumir sua função, porque a neta, exausta após sua primeira viagem de avião, chegou à casa do pai dormindo, desmaiada no banco de trás do carro. Ryan a pegou com dificuldade e cuidado, e ela entrou pela primeira vez naquela casa do mesmo modo que sua mãe havia entrado mais de seis anos antes, no colo de Ryan.

Assim que ele a colocou no sofá da sala, dona Eleanor se acomodou ao lado dela. Ficou ali guardando o sono da neta com receio de acordá-la, porém, ao mesmo tempo, torcendo para que ela acordasse logo. Precisamente a cada dez minutos ela olhava no relógio, checando o tempo, como se

soubesse a exata hora em que Lisa despertaria. Quando finalmente a pequena abriu os olhos, o rosto emocionado da avó foi a primeira coisa que ela viu. Ao ver aquela senhora, até então inédita para ela, a observando com tamanho carinho, Lisa perguntou:

—A senhora é a avó que estava me esperando?

Dona Eleanor nem teve tempo de responder e ela já mandou outra pergunta:

—Já chegamos no lugar bonito?

Num misto de choro e riso, dona Eleanor acolheu a neta em seus braços, num abraço nem forte nem fraco, com uma intensidade exata que satisfizesse o seu desejo, mas que não assustasse a criança. Assim que se soltaram, ficaram se olhando por alguns instantes, e Dona Eleanor reconheceu rapidamente os lindos olhos azuis que a haviam cativado logo no primeiro dia, cinco anos antes.

Depois, foram juntas até a cozinha onde bolos, tortas, chocolates, sucos e biscoitos se amontoavam em cima da pequena mesa. Fascinada por todas aquelas delícias, Lisa logo escolheu aquilo que lhe parecia mais apetitoso, enquanto a avó a observava, deslumbrada. Ouvindo o movimento na cozinha, Ryan saiu apressado de seu quarto e foi ao encontro

delas. Ao ver neta e avó rindo e conversando, Ryan sentiu um calor gostoso no peito, como se algo lhe dissesse que tudo iria ficar bem. Animado, quase eufórico, ele se juntou a elas naquela comemoração de boas-vindas bem açucarada.

Naquela primeira semana Ryan ainda estaria de férias e aproveitaria aqueles dias para fazer com que Lisa se sentisse segura na nova casa e à vontade na presença dele e da avó. Mas aquela semana não foi nada fácil. Apesar das boas-vindas terem sido regadas a muitas risadas e guloseimas apetitosas, os primeiros dias de Lisa na Inglaterra não foram assim tão doces.

Diariamente, assim que acordava, Lisa perguntava pelos pais e dizia, de maneira firme e decidida, que desejava que eles também estivessem ali com ela. Algumas vezes, num cenário ainda pior, ela se mostrava ainda mais determinada e irredutível e, de forma quase cruel, pedia para ir embora para a casa que ela ainda considerava ser o seu verdadeiro lar. Eram frequentes as noites em que ela chamava por Anne enquanto dormia e ainda mais frequentes os dias em que ela acordava assustada, gritando ou chorando.

Ryan fazia de tudo para acalmar a filha. Uma

das técnicas de apaziguamento, que foi colocada em prática logo no início, foi o telefonema diário para a mãe. Lisa e Anne conversavam por cerca de vinte minutos todas as manhãs, mas nem sempre aquela técnica surtia o efeito desejado, e, assim que desligava o telefone, Lisa iniciava uma sessão que começava com gritos e esperneios e terminava com aquele choro silencioso, quase mudo, intercalado por esparsos soluços. Ryan e dona Eleanor, que passou a semana inteira na casa do filho, se desdobravam para evitar aquelas cenas, mas acabavam descobrindo que não estavam capacitados para tanto.

Aos trancos e barrancos, eles foram levando aquela primeira semana, que também foi marcada por outro objetivo muito importante. Antes de retomar o trabalho na empresa, Ryan conversou novamente com o advogado e deu início ao processo de retificação do registro civil da filha. Orientado pelo advogado, Ryan precisou solicitar a Anne alguns documentos e assinaturas, e, mesmo triste com a situação, ela se mostrou pronta para ajudar no que fosse necessário. E realmente ajudou.

A segunda semana começou com muitas novidades e enormes expectativas. Ryan voltou ao

trabalho, e Lisa iniciou as aulas em uma escola localizada ao lado do condomínio onde moravam. Dona Eleanor permaneceu em Brentford para ajudar na adaptação da neta e levá-la na escola, quando faziam o pequeno percurso a pé de mãos dadas, por ruas tranquilas e floridas. Mas Lisa não gostou muito daquela novidade. Nas primeiras duas semanas, a escola não lhe pareceu um lugar muito acolhedor e agradável, e dona Eleanor foi chamada quase todos os dias para buscá-la antes do término das aulas.

Assim que chegava em casa, Lisa pedia para falar com a mãe, e a avó ligava para o escritório onde Anne trabalhava para que as duas conversassem. Ao término daquela quinzena desastrosa no nível escolar, Ryan conversou com Lisa e disse que se ela não ficasse na escola até o término das aulas não teria telefonema para a mãe quando chegasse em casa. Lisa ficou emburrada, mas obedeceu. A partir da terceira semana, ela começou a aceitar melhor a escola e até se permitiu iniciar algumas amizades. Aos poucos, as atividades escolares, as extracurriculares e os passeios e brincadeiras que dona Eleanor inventava foram distraindo Lisa, que, sem muita noção de

tempo, reduziu suas sessões de choramingos e esperneios e, em alguns dias, chegou até a se esquecer de pedir para a avó telefonar para seus pais ou avós.

Do outro lado do oceano, Anne não cogitava de maneira alguma passar um dia sem falar com a filha, o que ela considerava a sua única dose diária de alegria. Se a filha não telefonava até o final da tarde para o escritório, assim que chegava em casa ela ligava ansiosa para a casa de Ryan para falar com Lisa. Um dia, dona Eleanor atendeu o telefone e pediu, com toda a delicadeza e educação que lhe eram naturais, que Anne aceitasse aquele pequeno distanciamento para que Lisa sofresse menos e se adaptasse mais rapidamente à nova vida. Ao desligar o telefone, Anne esbravejou sozinha e chorou muito, entretanto, após uma conversa com Bruce, ela se conformou, confiando que aquele pequeno distanciamento seria melhor para a filha naquele momento.

Difícil foi convencer dona Laura e o senhor John de que aquela atitude era realmente positiva e necessária, justo eles que já estavam planejando uma visita à neta. Assim que soube da vontade dos pais de viajarem para a Inglaterra, mesmo que

sozinhos, coisa que nunca haviam feito, Anne foi direta e firme e pediu que eles aguardassem um pouco mais. No início, dona Laura não entendeu os argumentos da filha e, como punição, fez greve de palavras, ficando vários dias sem falar com ela. Após algumas semanas de birras infantis, dona Laura teve um surto de bom senso e disse compreender os motivos daquela dolorosa separação. Fez as pazes com a filha e prometeu aguardar o melhor momento para visitar a neta, se possível, todos juntos.

Em Brentford, tudo parecia estar progredindo da melhor maneira possível. Ao final do primeiro mês, Lisa estava feliz na nova escola e havia feito muitos amigos e admiradores, graças à postura de liderança e ao carisma, herdados de Claire. As ligações para a família americana haviam se estabilizado numa frequência de quatro ligações de quinze minutos por semana. Lisa adorava conversar com os pais, com a tia Rachel e com os avós e ainda questionava bastante sobre a ida deles para lá. Mas, na maioria das vezes, aquelas conversas telefônicas não vinham mais seguidas das dolorosas sessões de gritos, esperneios e choros sentidos. Ela parecia estar bem mais adaptada à sua nova vida

europeia.

Ryan também já havia retomado seu ritmo de trabalho na empresa, e dona Eleanor estava desempenhando brilhantemente o seu papel de avó. Como nos finais de semana os três inventavam diversos passeios para passarem momentos agradáveis juntos, dona Eleanor quase nunca voltava para sua casa em Londres, ficando quase sempre direto na casa do filho, de domingo a domingo. Então, logo que iniciou o mês de setembro, Ryan convidou a mãe para morar oficialmente com eles, convite que ela aceitou feliz e prontamente. Desocupou sua casa em Londres e se mudou de vez para Brentford.

34

A CHEGADA DE PETER

Desde que chegou a Brentford com a filha, naquele final de julho de 1994, Ryan aproveitou várias oportunidades a sós com Lisa, numa frequência quase diária, para reafirmar o fato de que ele era seu pai legítimo e para apresentar, da maneira mais simples possível, a sua verdadeira árvore genealógica.

Sabendo que Anne nunca havia citado o acidente nem falado sobre Claire ou Eric, ele aproveitou um daqueles momentos para contar que ela tinha outra mãe, que a havia carregado dentro de sua barriga antes dela nascer. Sem entrar em detalhes sobre a trágica morte de Claire, Ryan apenas afirmou que ela estava no céu, como uma estrela, olhando para eles lá de cima. Para seu alívio, Lisa logo se conformou com a meia-verdade e não se interessou em saber mais detalhes. Sobre Eric, Ryan preferiu não falar nada porque acreditava que a participação dele naquela história era de alguma forma irrelevante e que não havia

motivo para complicar ainda mais as coisas. Por ora, seriam apenas aquelas rasas informações.

Durante aquelas conversas a sós, sempre imersas em um clima quase fantástico, Ryan se valia, com muita propriedade, daquela caixa com as coisas de Claire. Então, ele mostrava algumas fotografias a Lisa, dando ênfase principalmente àquelas do seu casamento, onde ele aparecia todo elegante em seu terno escuro bem-cortado. Mas Lisa quase não o percebia nas fotografias, gostava mais de admirar a mãe vestida de noiva, que julgava ora ser uma fada, ora, uma princesa. Sem muito repertório, Ryan contava as poucas histórias da infância de Claire que ele conhecia.

Muitas vezes, após ser novamente apresentada àquele passado que parecia tão distante, ela questionava se Anne e Bruce continuavam sendo seus pais. E Ryan, pacientemente, respondia todas as vezes a mesma coisa:

—Sim. Você é uma menina de muita sorte. Você tem dois pais e duas mães.

Feliz ao ouvir a resposta, que ela já conhecia de cor, ela completava:

—E duas vovós também. E o vovô, né?

Apesar de estar feliz em Brentford e de gostar de

Ryan, da avó Eleanor e até da mãe das fotografias, que tinha virado estrela, Lisa sentia muita falta de seus familiares americanos e sempre perguntava se eles iriam logo visitá-la. Tentando confortar a filha, Ryan explicava que eles estavam trabalhando, mas que logo viajariam para a Inglaterra para vê-la.

Um dia, percebendo a tristeza da pequena, Ryan decidiu que era hora de cumprir a promessa que havia feito a ela no dia em que saíram de Warren. Juntamente com dona Eleanor, foram até uma feira de animais que acontecia todos os domingos numa praça perto do condomínio onde moravam. Ao chegarem, Ryan disse a Lisa que escolhesse seu cachorrinho, e ela começou a andar apressada pela feira, desviando das pessoas e dos outros animais, numa passada decidida e precisa, como se o seu animalzinho já a estivesse esperando no final da rua. De repente, parou, ela o tinha encontrado.

—É esse, tio, é esse— gritava, agitada.

Ryan se aproximou e pegou o animalzinho no colo.

—Peter, vai se chamar Peter. Igual ao da mamãe — disse, balançando as mãozinhas no ar e atropelando as palavras de tanta felicidade.

Percebendo que o animal era fêmea, Ryan

explicou que aquele não era igual ao de Anne e que não poderia se chamar Peter. Disse que era um cachorro menina e que ela teria que escolher outro ou mudar o nome. Mas Lisa não deu ouvidos à explicação quase didática de Ryan, para ela a cachorrinha era igualzinha à de sua mãe e teria o mesmo nome. Irredutível, ela encerrou o assunto, e foram para casa carregando a primeira cadela de nome Peter. Macho ou fêmea, o importante é que a nova amiguinha peluda e saltitante estava fazendo muito bem para Lisa. A partir da aquisição de Peter, ela deixou de perguntar a Ryan quando os pais e avós iriam visitá-la e começou a questionar quando eles poderiam ir para lá para conhecer o famoso Peter.

E, assim, o tempo foi passando. Alguns meses depois de ter dado entrada na ação para retificação da certidão de Lisa, Ryan pôde finalmente comemorar a conclusão do processo e se considerar legal e oficialmente pai dela. Mas, mesmo antes de ter seu nome no papel, ele já vinha assumindo, sem muito jeito ou prática, a paternidade da filha e se tornado um pai atencioso e amoroso. Ao mesmo tempo, Lisa também foi se mostrando cada dia mais à vontade e feliz com a sua família britânica.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

35

PARABÉNS PARA LISA

Enfim, o mês de novembro chegou, e com ele, o aniversário de Lisa, comemorado todo dia 29 de novembro, apesar de na verdade ela ter nascido um dia depois, precisamente às 2h56 da madrugada do dia 30. Mas isso é um mero detalhe diante dos demais fatos que envolvem esta imprecisão cronológica.

Equivocada ou não, a data precisaria ser comemorada, em grande estilo. Sempre preocupado em agradar a filha e fazer com que ela se sentisse feliz ao seu lado, Ryan resolveu fazer uma bonita festa e convidar, além de seus amigos, colegas de trabalho, parentes e vizinhos, as pessoas que eram especiais para a aniversariante: os familiares da América. Assim que soube da festa, dona Eleanor assumiu com satisfação e empenho a missão de organizar o evento. Passou mais de um mês preparando tudo, sem poupar esforços nem criatividade.

No sábado que antecedeu o aniversário de Lisa,

tudo o que a avó havia passado dias e dias planejando se tornou realidade, e a casa estava toda decorada com balões, flores e luzes. Ryan havia espalhado mesas e cadeiras pela sala e guardado dentro dos armários tudo o que poderia, ou melhor não poderia, ser quebrado pelas crianças. Era a primeira vez que ele fazia um evento como aquele em sua casa, e ele ainda não estava muito convencido de que sua decisão, tomada no calor da emoção, havia sido acertada.

Quando entrou na sala, acompanhada da cadelinha Peter, e viu todas aquelas luzes, os enfeites coloridos e as mesas espalhadas pela sala, Lisa correu na direção de Ryan e lhe deu um forte abraço. Sem que ele esperasse, ela fez o que na verdade ele já esperava há muito tempo: o chamou de pai pela primeira vez. Naquele momento Ryan se encheu de certezas: a primeira, de que ele havia tomado uma decisão muito acertada fazendo aquela festa e uma segunda certeza, a de ter sido ele o ganhador do melhor presente do dia.

Perto da hora do almoço, os convidados começaram a chegar carregando caixas coloridas e pacotes com presentes para a aniversariante. Entre eles, os mais aguardados, Anne, seus pais e Bruce.

Assim que os viu, Lisa correu na direção deles, transbordando de felicidade. Emocionada, Anne colocou os presentes que trazia em uma das mesas e foi a primeira a abraçá-la e beijá-la inúmeras vezes. Depois, foi a vez da avó, que a melou com beijos e lágrimas; seguida pelo avô, que usou o tempo destinado a ele para dar um forte e demorado abraço na netinha. Bruce, que aguardava ansiosamente por sua vez, a ergueu no alto e a rodopiou pelo ar, arrancando muitas risadas da pequena.

Anne, então, pegou um enorme pacote cor de rosa e o deu à filha, que o rasgou rapidamente, revelando um cachorro de pelúcia, que com algumas pilhas era capaz de andar e fazer xixi. Lisa olhou para o presente, se virou para a sala e gritou insistentemente, chamando por Peter, que surgiu correndo ao seu encontro. Empolgadíssima, ela apresentou aos pais e avós a sua cadela:

—Esse é o Peter. Ele queria muito conhecer vocês.

Todos olharam encantados, enquanto Peter subia nas pernas de Lisa e abanava o rabinho freneticamente.

—Esse aqui também vai se chamar Peter—

completou, exibindo o cachorro que ela acabara de ganhar.

Emocionada, um pouco por conta da lembrança de seu próprio Peter, atropelado pelo ônibus na frente de sua casa, um pouco pelo fato da filha tê-lo nomeado em homenagem ao seu antigo companheiro, Anne deixou escorrer algumas lágrimas. Mas logo substituiu o choro emocionado pelas risadas, quando percebeu que o atual Peter era na verdade uma cadela. Quando os avós se aproximaram da neta para darem a ela o presente que haviam trazido, Ryan apareceu para cumprimentá-los.

Dona Laura deixou o presente de Lisa de lado e abraçou o ex-genro, calorosamente, agradecendo pelo convite, mas sem conter algumas frases irônicas e ásperas sobre o quanto aquele reencontro havia demorado para acontecer. O senhor John, como de costume, o cumprimentou secamente, não por raiva, despeito ou arrogância, mas por ser o único jeito que considerava apropriado. Bruce estava um pouco acanhado, mas fez questão de cumprimentar Ryan com firmeza e gentileza, mostrando que estava grato por estar ali. Anne, um pouco constrangida, deu um rápido abraço no ex-

cunhado e lhe entregou o outro pacote que havia trazido.

Tão desconcertado quanto ela, Ryan agradeceu e, antes de abrir o presente, pegou o pequeno cartão que estava enfiado na dobra do papel. Ao abri-lo, leu:

“Muito obrigada pelo convite. Ficamos muito felizes. Espero que um dia me perdoe.”

Ryan olhou para o papel e olhou para Anne. Ficou pensativo, estranhando aquele pequeno cartão, não por seus dizeres, que eram até bem simples e diretos, mas pela letra, feia e alongada, bem diferente da que ele supunha que ela tivesse. Anne ficou olhando para ele, imaginando que talvez suas palavras o tivessem emocionado ou talvez o tivessem irritado, era difícil dizer. Então, Ryan colocou o cartão de lado e abriu o pacote, revelando por detrás do embrulho um porta-retratos de moldura dourada com duas fotografias de Lisa: uma de quando ela ainda era bebê e outra de quando ela tinha uns dois anos de idade. Os sentimentos de Ryan naquele momento foram um pouco confusos. Houve certa comoção ao reconhecer o delicado gesto de Anne, emoldurando aqueles momentos de Lisa em um porta-retratos

para ele; houve certa satisfação por, enfim, possuir algumas fotografias, ainda que só duas, de Lisa nos primeiros anos de vida; mas houve também raiva, por confirmar naquelas imagens o passado da filha que ela lhe havia roubado, os anos que ela havia subtraído de sua história com Lisa. Diante de toda aquela confusão sentimental, Ryan apenas agradeceu, pediu para que ficassem à vontade e saiu para cumprimentar alguns amigos que estavam chegando.

Logo dona Eleanor se aproximou e, após cumprimentá-los com educação e simpatia, fez o possível para que eles se sentissem à vontade. Assim que deixou seus pais na sala, Anne foi procurar pela filha e a encontrou brincando com Peter e com outras crianças. Ela ficou observando, numa distância que julgou exata para garantir a privacidade e, ao mesmo tempo, a segurança da filha.

Em Warren, Anne mantinha Lisa sempre muito presa em casa, grudada à barra de sua saia, com medo de que algo acontecesse a ela. Já naquele novo ambiente, ao lado de amigos que Anne nem conhecia, Lisa se mostrava solta, segura, feliz. Anne logo reconheceu nela a postura de Claire, sua

liderança nata, sua voz empostada, as palavras bem-colocadas, seus trejeitos firmes e, ao mesmo tempo, delicados. Os amigos a seguiam, a imitavam, a olhavam com admiração. Naquele momento Anne sentiu que o destino havia colocado as coisas novamente nos eixos e que a sorte de Lisa, aquela sorte que ela havia quase arruinado, agora estava restituída e resguardada. Ao invés de crescer à sua torta imagem e semelhança, Lisa desabrocharia forte e vitoriosa, cumprindo à risca o que havia sido predeterminado pela sua herança genética.

Quando o almoço foi servido, os convidados foram se espalhando pela casa, em grupos animados e famintos. Lisa, que brincava com os amigos, se negava a deixar as brincadeiras para ir almoçar. Percebendo a dificuldade de dona Eleanor para convencer a neta a se sentar com os amiguinhos na pequena mesa montada especialmente para eles, Anne resolveu se aproximar, na intenção de oferecer sua ajuda naquela difícil tarefa. Entretanto, antes que ela chegasse até a filha, Ryan tomou a dianteira e, em questão de segundos, com apenas duas ou três palavras, de maneira calma e firme, convenceu Lisa

a obedecer a avó e a ir lavar as mãos para comer.

Anne não conseguiu definir com muita precisão se aquela cena representava algo bom ou ruim. Se, por um lado, a atitude firme de Ryan e a pronta obediência de Lisa, demonstraram que pai e filha estavam se entendendo e que Ryan estava se encaixando bem no papel de pai, por outro, Anne percebeu que não era mais essencial na vida da filha. Sentiu que havia perdido Lisa de vez. Porém, antes que ela se desesperasse, um acontecimento reavivou suas energias. Lisa a chamou para que se sentasse com ela e seus amigos na pequena mesa reservada apenas às crianças. Sem se importar com a falta de espaço nem com a falta de intimidade com os amiguinhos desconhecidos, Anne pegou seu prato e arrumou um cantinho na apertada mesa ao lado da filha. E seu coração voltou a bater normalmente.

Após o almoço, Lisa foi sequestrada por dona Laura e permaneceu por quase duas horas na sala com a família americana, contando histórias e cantando, arrancando risadas e suspiros de todos, que a ouviam atenciosamente. Em dado momento, Lisa perguntou pela tia Rachel e Bruce disse que ela estava viajando e que a visitaria no mês

seguinte. Lisa abriu um enorme sorriso de satisfação. Já tinha visita reservada para mais tarde.

Perto das 18h, os convidados foram se despedindo e a casa foi ficando vazia. Anne, seus pais e Bruce perceberam que também era hora de voltarem para o hotel onde estavam hospedados. Após o habitual e constrangido cumprimento, Anne deu um papel para Ryan e confirmou o que eles já haviam combinado por telefone anteriormente:

—Nós vamos ficar neste hotel por mais duas semanas. Podemos vir buscá-la, certo?

—Sim, Anne. Podem vir quando quiserem— disse, enquanto lia o nome do hotel no pequeno bilhete e se incomodava mais uma vez com aquela letra mal-acabada.

Em um lapso de emoção e gratidão, Anne olhou fixamente nos olhos de Ryan, pegou em sua mão e falou de forma emocionada, quase dramática:

—Eu quero que você saiba que eu estou extremamente arrependida por tudo o que fiz. E que eu sofri e ainda sofro muito com tudo o que eu causei a todos nós.

Tentando desviar seus olhos dos dela, Ryan sentiu as mãos suadas, tanto aquela que estava sendo firmemente apertada por Anne, como a outra,

perdida, solta ao lado do corpo. Como se já não bastasse, Anne foi além e tornou aquele momento ainda mais constrangedor.

—Você me perdoa, Ryan?

Os olhares que se evitavam se encontraram. Olhando para ela, Ryan só conseguia se lembrar do seu passado furtado e dos primeiros anos de Lisa reproduzidos no porta-retratos dourado. Se ela tivesse levado uma caixa de bombons ou uma gravata, o perdão talvez surgisse com naturalidade. Mas ele não surgiu, nem de forma natural nem artificial. Sem saber o que dizer, ele respondeu da maneira que conseguiu:

—Está tudo bem, Anne.

Por alguns segundos ela não compreendeu o que aquela resposta significava, então, manteve-se firme, olhando nos olhos de Ryan e segurando em sua mão suada. Mas, passado aquele instante de silêncio constrangedor, Ryan tornou a desviar o olhar, e ela percebeu que teria que se contentar com aquela vaga resposta. Anne, finalmente, largou a mão de Ryan e enxugou suas próprias lágrimas.

Naquele exato momento, Lisa apareceu na sala de mãos dadas com a avó Eleanor. Assim que percebeu que os pais e avós estavam se despedindo

para irem embora, Lisa começou a chorar e a dizer que queria que todos morassem ali naquela casa com ela. Anne se abaixou, enxugou as lágrimas da filha e disse que não iriam embora para casa, que no dia seguinte a levariam para almoçar. Lisa imediatamente parou de chorar e deu um sorriso de contentamento. Por ora, um almoço estava de bom tamanho. Por ora.

36

O OUTRO ENVELOPE

Quando todos os convidados foram embora, Ryan fechou a porta atrás de si pensando em não tornar a abri-la por pelo uns dois meses, tamanho era o seu esgotamento. Assim como Lisa e dona Eleanor, ele tomou um bom banho, vestiu seu confortável pijama e se recolheu em seu quarto. Os três estavam exaustos demais para qualquer atividade que não envolvesse televisão e cama ou apenas uma boa caminha macia mesmo, como foi o caso de Lisa. A arrumação da casa obviamente ficou para o dia seguinte.

Mas, na manhã de domingo, não teve moleza para ninguém. Cada um recebeu sua tarefa. Enquanto dona Eleanor limpava a sujeira e jogava os descartáveis no lixo, Ryan colocava as cadeiras e mesas no lugar e Lisa levava seus brinquedos e presentes para o quarto. No início, a casa parecia um quartel, cada um desempenhando sua função com determinação, disciplina e comprometimento. Porém, logo se registrou uma baixa. Quando a avó

chegou na sala para recolher a sujeira que a aguardava, intacta, desde o dia anterior, Lisa já havia desistido de colaborar e estava sentada no chão, brincando com Peter e algumas bolinhas que faziam parte de um novo brinquedo que ela havia ganhado. Ao invés de usar as bolinhas no jogo, conforme explicava o regulamento escrito no verso da caixa, Lisa resolveu criar uma nova brincadeira que consistia em jogar uma bolinha para Peter e aguardar que ele a buscasse. Mas, como as esferas eram muito pequenas, Peter burlava as regras recém-criadas e ficava correndo de um lado para o outro, abanando o rabo.

Dona Eleanor entrou na sala dando ordens firmes para que Lisa saísse dali e levasse Peter e os brinquedos com ela. Mas, antes de guardar as bolinhas de volta na caixa, Lisa espalhou algumas pelo chão, e duas delas correram para debaixo da estante. Enquanto Peter latia, ela tentava recuperá-las, enfiando com dificuldade a mãozinha debaixo do móvel.

Percebendo a impaciência da neta e a sua incapacidade para atingir as bolinhas, dona Eleanor pediu que ela se afastasse dali com Peter, se abaixou e passou a vassoura, pelo vão estreito que

ficava entre a estante e o chão. Num golpe certo, as bolinhas saíram rolando para o outro lado da sala, e Lisa e Peter foram atrás delas. Porém, além das esferas, dona Eleanor acabou resgatando daquele vão um pequeno envelope, que estava perdido ali desde o dia em que Ryan havia derrubado todo o conteúdo da pasta de Eric no chão da sala.

Sem imaginar o que estava por se revelar diante de seus olhos, ela abriu aquele envelope sem remetente ou destinatário e leu as palavras escritas com letras bonitas e arredondadas:

“Meu querido Eric,

É com lágrimas nos olhos que escrevo esta carta porque não conseguiria te dizer de outra forma.

A culpa me consumiu (e ainda me consome) a cada dia, mas a dor por estar privada de seu amor é ainda sofrimento maior.

Os últimos dias foram muito difíceis para mim. Confesso que não foi nada fácil aceitar o seu afastamento e compreender a sua opção por manter este casamento sem amor.

Apesar da dor insuportável e do amor desmedido, que insistem em me tornar mesquinha e

egoísta, hoje eu consigo entender a sua atitude. E posso dizer que concordo com ela. Não podemos negar que agora a situação é outra e que são muitas vidas envolvidas.

Quero que saiba que não tive nenhuma influência sobre o pedido de Ryan para que permanecessem em casa conosco até o nascimento dos bebês. Sei que a sua aceitação em nada muda a decisão que você tomou com relação a nós. E não o culpo por isso, inclusive, hoje, concordo com ela, apesar de tudo.

Nosso futuro está nas mãos de Deus. E que ele nos perdoe, pois eu não posso mais me perdoar.

Eternamente sua,
Claire”

Pálida e com as mãos trêmulas, dona Eleanor releu a carta como se devorasse cada letra. Depois, olhou para os lados, numa reação espontânea para ver se estava sendo observada, dobrou a carta e a colocou de volta no envelope. E ficou ali, segurando-o com força, como se tentasse evitar que aquelas palavras saltassem deliberadamente para fora do papel. Não conseguia se mover e nem responder aos insistentes pedidos da neta para que

pegasse novamente a bolinha que havia corrido para debaixo do móvel.

Sem saber o que fazer, ela só pensava em evitar, a qualquer custo, que seu filho colocasse as mãos e os olhos naquela prova de adultério e voltasse a sofrer, justamente quando ele já se mostrava quase totalmente recuperado das dores do passado. Mesmo sabendo do perigo que seria manter aquela carta dentro de casa, por algum motivo que ela mesma desconhecia, simplesmente não teve coragem de se desfazer dela. Olhando para o saco de lixo onde estava jogando os descartáveis da festa, dona Eleanor pensou que talvez aquela carta fosse importante demais para ser jogada ali com aqueles copos molhados de refresco e pratinhos com restos de bolo de aniversário.

Sem dar atenção aos chamados de Lisa e às suas bolinhas perdidas, dona Eleanor colocou o envelope por baixo da blusa, prendendo-o na calça. Sorrateira, foi até o quarto que dividia com Lisa, atenta a qualquer barulho e, com as mãos trêmulas, o guardou dentro de uma caixa na parte superior de seu armário. Olhando mais uma vez para a porta para se certificar de que não havia sido pega em flagrante, ela deixou o quarto como se fosse ela a

verdadeira traidora.

Tentando aparentar tranquilidade, dona Eleanor caminhou de volta até a sala, torcendo para que Ryan não a surpreendesse antes que ela estivesse completamente refeita de seu susto. Mas ela não teve muito tempo para ensaiar a calma dissimulada, logo que entrou na sala, viu Ryan pedindo à filha que fosse tomar banho para se preparar para seu almoço com Anne. Felizmente, Ryan estava envolvido demais com a filha para notar aquela ansiedade que desfigurava sua face e dava ao seu corpo todo um tremor incontrollável.

Assim que os dois deixaram a sala, dona Eleanor permaneceu ali, em pé, diante da estante, olhando para aquele móvel como se ele fosse seu cúmplice silencioso. Como a legítima e única guardiã daquela carta, ela sentiu recair sobre seus ombros a responsabilidade de manter o passado de Ryan sob o fino véu da ignorância e de evitar que seu futuro feliz lhe fosse roubado novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON